

Plants grown with 75 or 750 μM Fe in the nutrient solution exhibited chloroplasts with numerous starch grains and a well-appressed lamellar system, though phytoferritin arrays were already present if plants were grown in the presence of 750 μM Fe. These plants had indistinguishable leaf polypeptide patterns (VARENNEZ, 1991) and a similar chlorophyll content. Thus, the formation of phytoferritin aggregates in these chloroplasts seemed to act as an efficient buffer for soluble iron, protecting the cell against an overdose of iron which would cause deleterious effects.

If the iron supply was further increased, toxic levels were reached (7500 μM Fe in the nutrient solution). Chloroplasts were filled with phytoferritin crystals and, though they presented high chlorophyll contents, starch grains were absent showing an impaired function. These plants exhibited stress reactions like the accumulation of several low molecular weight acid-extractable polypeptides similar to pathogenesis-related proteins (VARENNEZ, 1991). They also showed an altered zymogram for leaf aspartate aminotransferase activity (VARENNEZ & CARVALHO, 1990), a response to micronutrient toxicity frequently observed in white lupin (unpublished observations).

In white lupin roots, plastids were observed to accumulate phytoferritin even in control-plants. The fact that amyloplasts were still present in plants grown with high levels of iron suggests that starch synthesis *per se* is not sensitive to iron. Thus, starch absence in the corresponding chloroplasts is probably the result of impaired photosynthesis.

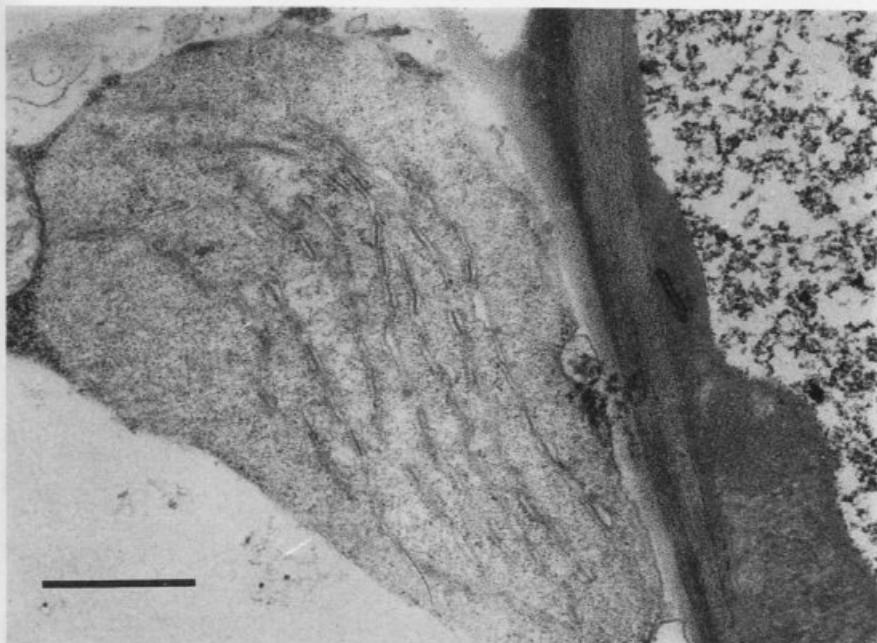
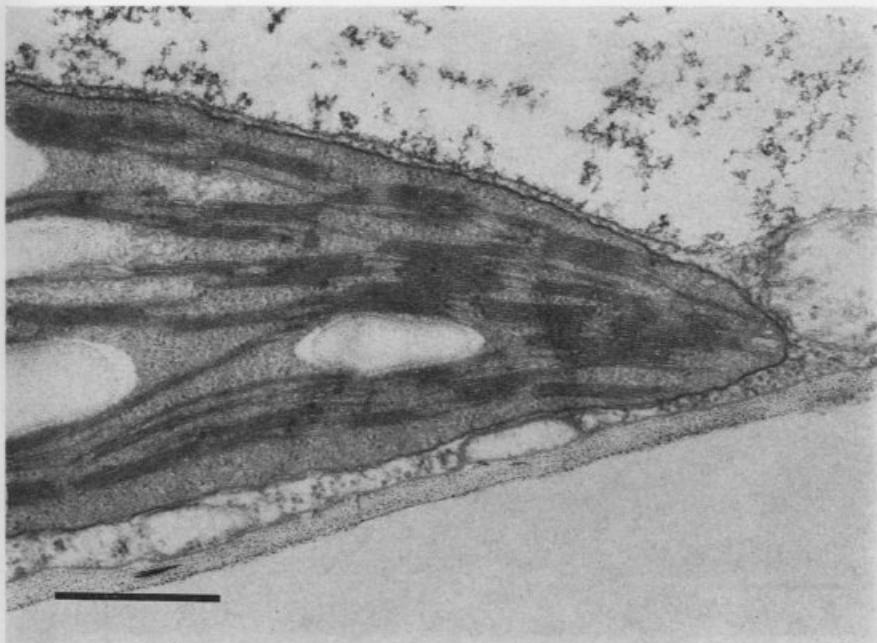
REFERENCES

- ANDERSON, J. M.; BOARDMAN, N. K. & DAVID, D. J.
1964 Trace metal composition of fractions obtained by digitonin fragmentation of spinach chloroplasts. *Biochem. Biophys. Res. Commun.* **17**: 685-689.
- ARNON, D. I.
1949 Copper enzymes in isolated chloroplasts. Polyphenoloxidase in *Beta vulgaris*. *Plant Physiol.* **24**: 1-15.
- HYDE, B. B.; HODGE, A. J.; KAHN, A. & BIRNSTIEL, M. L.
1963 Studies on phyto-ferritin. I. Identification and localisation. *J. Ultrastruct. Res.* **9**: 248-259.
- MACHOLD, O.
1971 Lamellar proteins of green and chlorotic chloroplasts as affected by iron deficiency and antibiotics. *Biochem. Biophys. Acta* **238**: 324-331.

- MURPHY, J. J. & MAIER, R. H.
 1967 Intercellular distribution of iron, catalase and protein in tomato plant tissue. *J. Agr. Food Chem.* 15: 113-117.
- PLATT-ALOIA, K. A.; THOMSON, W. W. & TERRY, N.
 1983 Changes in plastid ultrastructure during iron nutrition-mediated chloroplast development. *Protoplasma* 114: 85-92.
- PUSHNIK, J. C.; MILLER, G. W. & MANWARING, J. H.
 1984 The role of iron in higher plant chlorophyll biosynthesis, maintenance and chloroplast biogenesis. *J. Plant Nutr.* 7: 733-758.
- SCZEKAN, S. R. & JOSHI, J. G.
 1989 Metal binding properties of phytoferritin and synthetic iron cores. *Biochem. Biophys. Acta* 990: 8-14.
- TERRY, N.
 1978 Limiting factors in photosynthesis. I. Use of iron stress to control photochemical capacity *in vivo*. *Plant Physiol.* 65: 114-120.
- VAN DER MARK, F.; LANGE, T. DE & BIENFAIT, H. F.
 1981 The role of ferritin in developing primary bean leaves under various light conditions. *Planta* 153: 338-342.
- VARENNES, A. DE
 1991 Effects of iron stress on lupin polypeptide patterns. *Garcia de Orta* 18: 27-32.
- VARENNES, A. DE & CARVALHO, I.
 1990 Alterations in isozyme patterns induced by different levels of iron, manganese and boron on white lupin. *An. Inst. Sup. Agronomia* (in press).

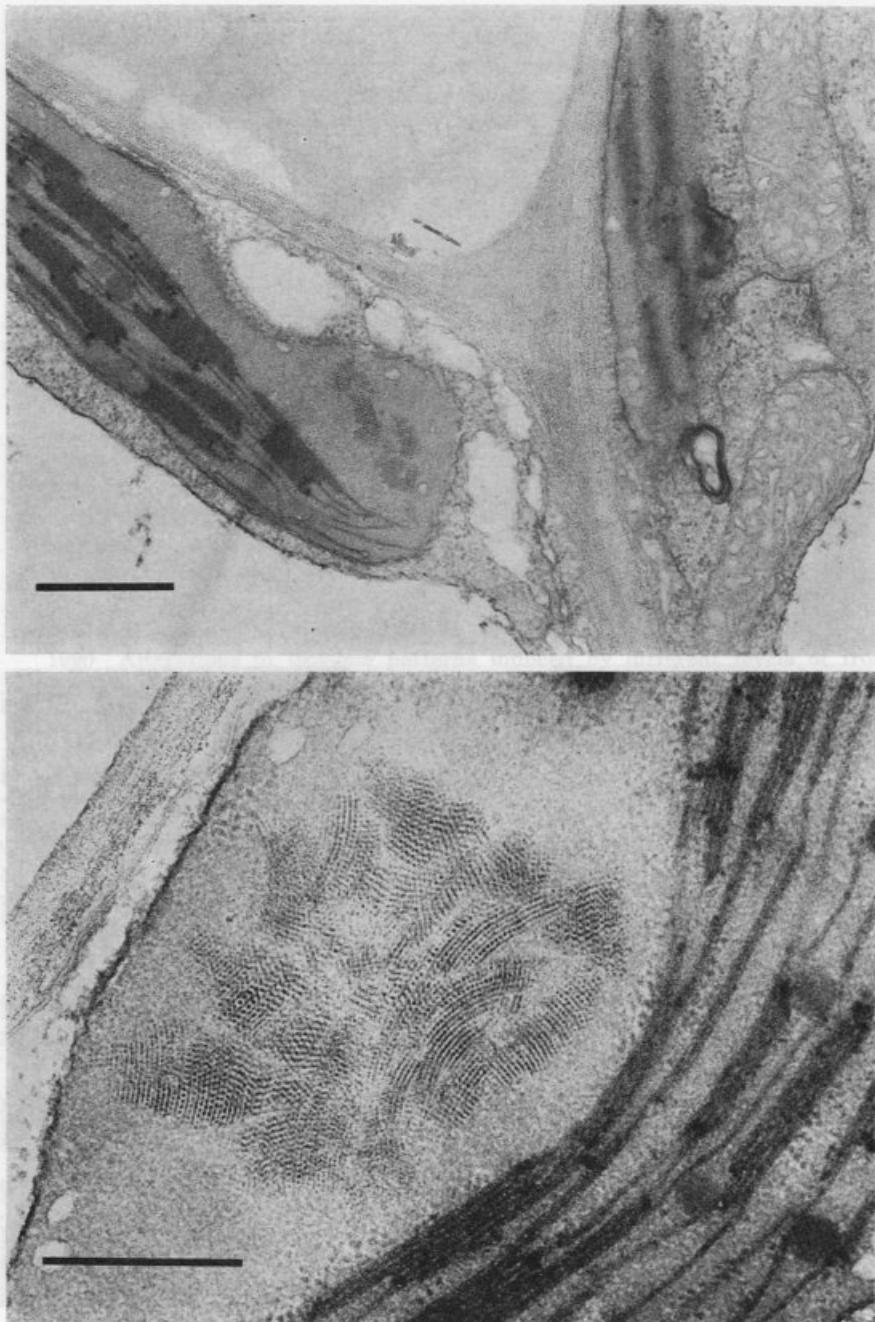
DISCUSSION AND CONCLUSIONS

The results obtained by Varennes and Carvalho (1990) showed that plastid morphology was greatly affected by the iron supply. No significant alterations were observed in the free-living plants exhibited a normal chloroplast development. Iron-deficient plants exhibited chloroplast ultrastructures had low chlorophyll contents. According to Bannister & Synder (1974), catalase has localization in the cytoplasmic membranes of the grain walls of starved plants. The low iron contents and decreased levels of chloroplast polyribosomes which can be observed in iron-deficient plants may have inhibited the development of active chloroplasts in white lupin leaves.

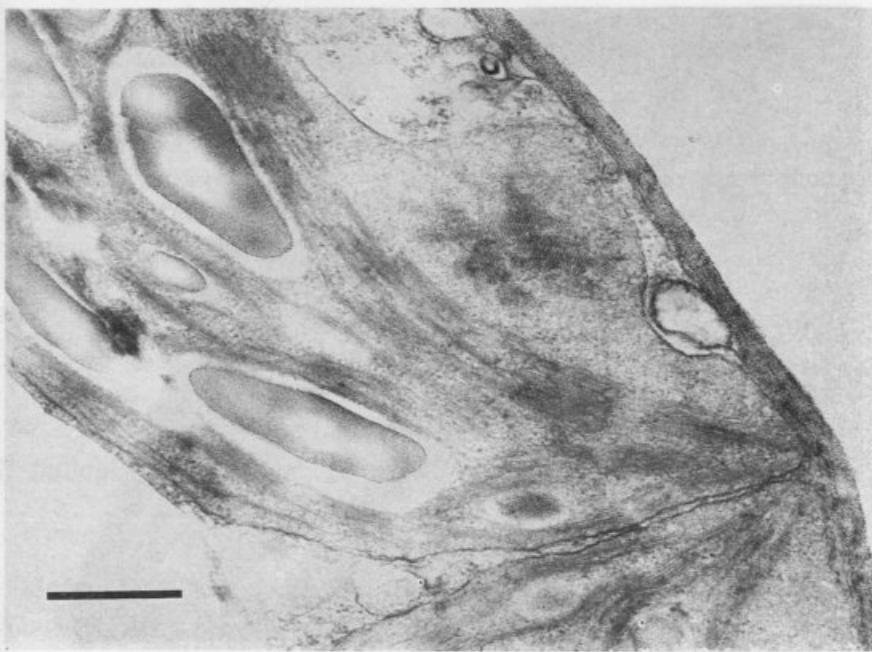
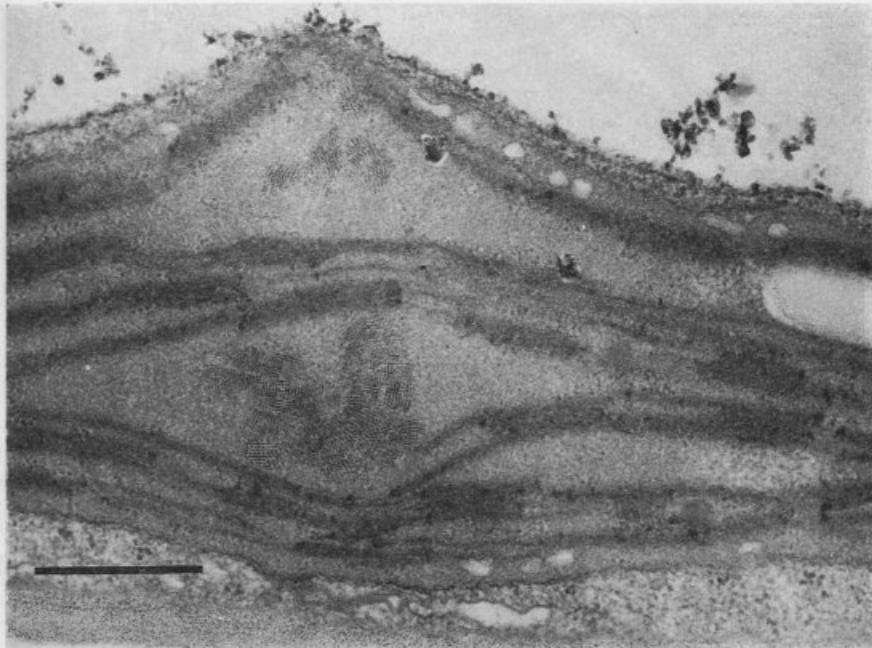


Leaf chloroplasts of white lupin plants grown in nutrient solutions with different levels of iron. Fig. 1: 75 μM Fe; Fig. 2: 0 μM Fe.

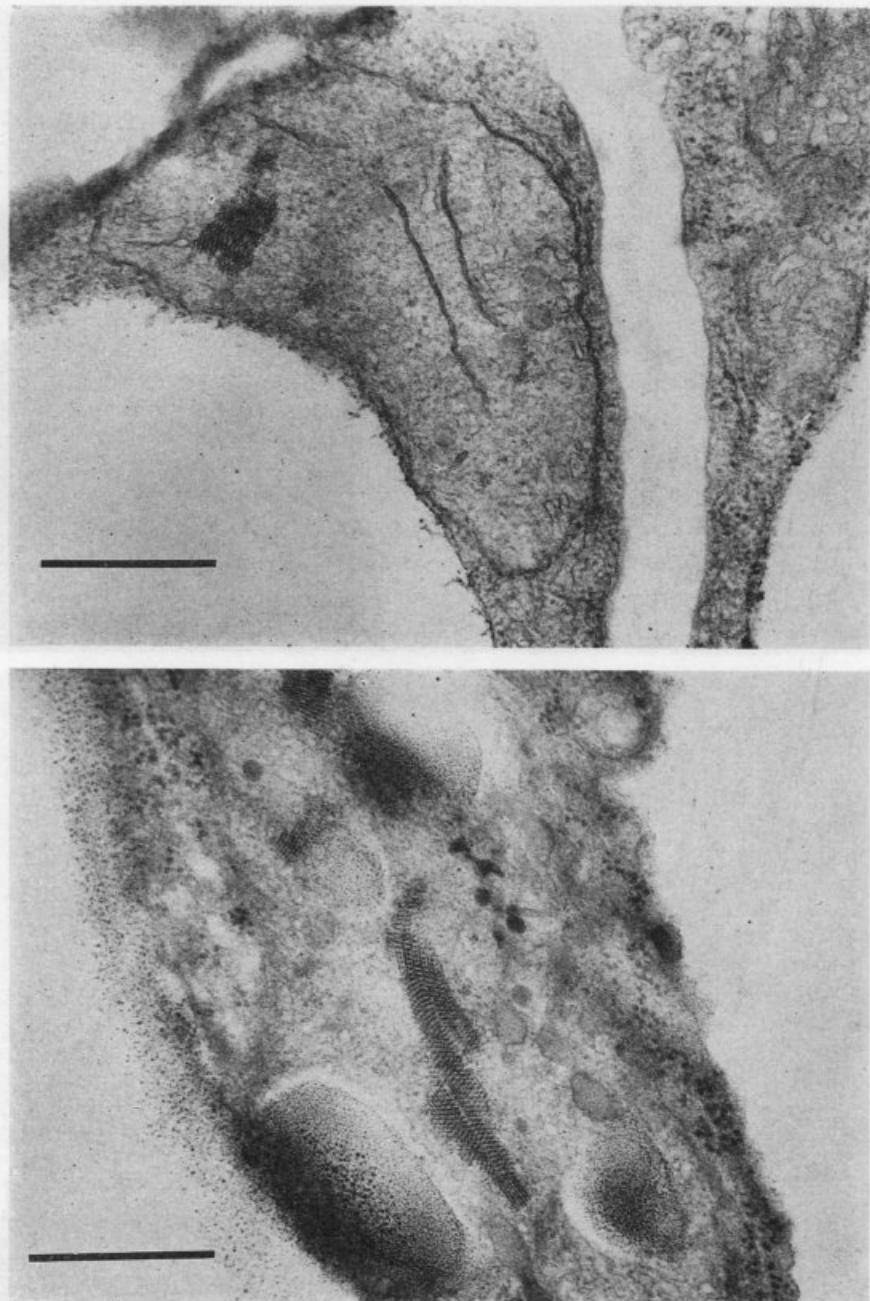
Bar = 500 nm.



Leaf chloroplasts of white lupin plants grown in nutrient solutions with different levels of iron. Fig. 1 and Fig. 2: 7500 μM Fe.
Bar = 500 nm.



Leaf chloroplasts of white lupin plants grown in nutrient solutions with different levels of iron. Fig. 1: 7500 μM ; Fig. 2: 750 μM Fe.
Bar = 500 nm.



Root plastids of white lupin plants grown in nutrient solutions with different levels of iron. Fig. 1: $75 \mu\text{M}$ Fe; Fig. 2: $7500 \mu\text{M}$ Fe.

Bar = 500 nm.

Material: Alto Alentejo, na estrada entre Loura e Vendas Novas (N.º 6621). O vegetado é composto por umas poucas espécies que se adaptaram ao solo calcário.

Observações: Confirmando o que foi dito no artigo de 1983.

NÚMEROS CROMOSSÓMICOS PARA A FLORA PORTUGUESA. 116-127

por

MARGARIDA QUEIRÓS

Departamento de Botânica da Universidade de Coimbra

Recebido em 27-XI-92.

116. *Polygonum hydropiper* L.

Número cromossómico: $2n = 20$.

Material: Estremadura, Meleças. n.º 6621 (coi). s. d.¹ Det. M. Queirós; Beira Litoral, Matas de Foja. N.º 6975 (coi). 12.10.1972. Det. M. Queirós.

Observações: O número somático encontrado está de acordo com as determinações anteriores (QUEIRÓS, 1983) em indivíduos colhidos em outras localidades do País, sob a designação de *Persicaria hydropiper* (L.) Spach.

BIBLIOGRAFIA:

- QUEIRÓS, M. 1983 — Números cromossómicos para a flora portuguesa. 64-85. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 56: 79-98.

117. *Fallopia convolvulus* (L.) Å. Löve

Número cromossómico: $2n = 40$.

Material: Estremadura, Jardim Botânico de Lisboa. N.º 7705 (coi). s. d.¹ Det. M. Queirós.

¹ Sem data de colheita das respectivas sementes.

Observações: O número cromossómico encontrado está de acordo com as observações anteriores (QUEIRÓS, 1983), em indivíduos de Quiaios e de Algueirão.

118. *Sisymbrium altissimum* L.

Número cromossómico: $2n = 14$ (fig. 1).

Material: Beira Baixa, Vila Velha do Ródão. N.º 5517 (coi). 8.7.1971. Det. M. Queirós.

Observações: Referimos para este taxon (QUEIRÓS, 1973) $2n = 14$, de acordo com o estudo efectuado por vários autores. Confirmamos, assim, as nossas contagens anteriores para indivíduos de uma nova localidade de Portugal. Achámos conveniente a publicação da fig. 1 por nela se mostrarem 2 cromossomas satelitíferos não observados então.

BIBLIOGRAFIA:

QUEIRÓS, M. 1973 — Contribuição para o conhecimento citotaxonómico das *Spermatophyta* de Portugal. IX. *Cruciferae*. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 47: 315-335.

119. *Rorippa sylvestris* (L.) Besser

Número cromossómico: $2n = 32$.

Material: Trás-os-Montes, Alijó. N.º 5162 (coi). 1971². Det. M. Queirós.

Observações: Confirmamos os resultados que registámos em 1973 (*op. cit.*) e 1979.

BIBLIOGRAFIA:

QUEIRÓS, M. 1979 — Números cromossómicos para a flora portuguesa. 16-37. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 53: 15-28.

120. *Diplotaxis catholica* (L.) DC.

Número cromossómico: $2n = 18$.

² Sem indicação do dia e mês de colheita das respectivas sementes.

Material: Alto Alentejo, na estrada entre Lavre e Vendas Novas. N.º 3034 (coi). 12.7.1969. Det. M. Queirós.

Observações: Confirmamos o resultado mencionado em 1973 (*op. cit.*) em plantas de uma outra localidade do País.

121. *Rapistrum rugosum* (L.) All.

Número cromossómico: $2n = 16$.

Material: Alto Alentejo, Ervedal, próximo de Estremoz. N.º 3037 (coi). 13.7.1969. Det. M. Queirós.

Observações: O número somático encontrado está de acordo com as nossas observações anteriores (QUEIRÓS, 1973, *op. cit.*) referentes a plantas portuguesas, embora de outra localidade.

122. *Hypericum undulatum* Schousboe ex Willd.

Número cromossómico: $2n = 16$.

Material: Beira Baixa, Belmonte, na estrada para Maçainhas. N.º 6899 (coi). 25.8.1972. Det. M. Queirós.

Observações: Em 1989, registámos $2n = 16$ para indivíduos do Poço do Inferno, de São Paulo de Frades e da Praia das Maçãs. Confirmamos este número para uma nova localidade portuguesa.

BIBLIOGRAFIA:

QUEIRÓS, M. 1989 — Números cromossómicos de algumas espécies portuguesas de *Hypericum* L. *Rev. Biol. Univ. Oviedo*, 7: 51-57.

123. *Micropyrum tenellum* (L.) Link

Número cromossómico: $2n = 14$ (fig. 2).

Material: Trás-os-Montes, na estrada de Moncorvo a Freixo de Espada à Cinta, a 7 km desta última localidade. N.º 8050 (coi). 1973³. Det. M. Queirós.

³ Sem indicação do dia e mês de colheita das respectivas sementes.

Observações: Confirmamos o número $2n = 14$ já determinado em estudos anteriores (FERNANDES & QUEIRÓS, 1969; QUEIRÓS, 1973, 1974) sob a designação de *Ctatapodium tenellum* (L.) Trab. Achamos conveniente a publicação da fig. 2 por nela se mostrarem 4 cromossomas satelitíferos não observados então.

BIBLIOGRAFIA:

- FERNANDES, A. & QUEIRÓS, M. 1969 — Contribution à la connaissance citotaxinomique des *Spermatophyta* du Portugal. I. *Gramineae*. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, **43**: 20-140.
- QUEIRÓS, M. 1973 — Contribuição para o conhecimento citotaxonómico das *Spermatophyta* de Portugal. I. *Gramineae*, Supl. 1. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, **47**: 77-103.
- 1974 — Contribuição para o conhecimento citotaxonómico das *Spermatophyta* de Portugal. I. *Gramineae*, Supl. 2. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, **48**: 81-98.

124. *Dipsacus fullonum* L.

Número cromossómico: $2n = 18$ (fig. 3).

Material: Beira Litoral, Figueira da Foz, Fontela. N.º 866 (cor). 9.11.1965. Det. C. Alves; Beira Litoral, Coimbra, Eiras. N.º 865 (cor). 29.8.1966. Det. C. Alves. Conf. M. Queirós.

Observações: Diversos autores, entre eles PALKOVÁ (in MÁJOVSKY & al., 1970), LÖVE & KJELLQVIST (1974), VERLAQUE (1978), COLASANTE (1979) e VERLAQUE (in LÖVE, 1980), atribuem a este taxon $2n = 18$, o que é confirmado pelas nossas contagens em indivíduos pertencentes a populações das duas localidades portuguesas acima assinaladas.

Não podemos deixar de referir o número $2n = 16$ referenciado por outros autores, entre os quais RISSE (1929) e POUQUES (1948, 1949). No entanto, esta última autora refere, igualmente, para este taxon $2n = 18$.

BIBLIOGRAFIA:

- RISSE, 1929 — Beiträge zur Zytologie der Dipsacaceen. I. Die heterotypische Kernteilung in den Pollenmutterzellen der Dipsacaceen. *Bot. Arch.* **23**(1-2): 266-288.
- POUQUES, M. L. 1948 — Relations entre caryologie et systématique chez les Rubiales. *Bull. Soc. Sci. Nancy*, N. S. **7**: 33-39.

- 1949 — Recherches caryologiques sur les Rubiales. *Rev. Génér. Bot.* 56: 5-27; 74-138; 172-188.
- PALKOVÁ, M. (in MÁJOVSKY, & al. 1970).
- MÁJOVSKY, J. & al. 1970 — Index of chromosome numbers of Slovakian flora (Part 1). *Acta F. R. N. Univ. Comen., Bot.* 16: 1-26.
- LÖVE, A. & KJELLQVIST, E. 1974 — Cytotaxonomy of spanish plants. IV. Dicotyledons: *Caesalpiniaceae-Asteraceae*. *Lagascalia* 4(2): 153-211.
- VERLAQUE, R. 1978 — Étude cytotaxinomique de quelques *Dipsacaceae* et *Morinaceae* du nord de la Grèce. *Rev. Biol. Écol. Médit.* 5(1): 15-30.
- COLASANTE, M. 1979 — Confronto citotassonomico tra. *Dipsacus fullonum* L. e *Dipsacus ferox* Loisel. *Ann. di Bot.* 38(1): 71-79.
- VERLAQUE, R. 1980 (in LÖVE, 1980).
- LÖVE, A. 1980 — Chromosome number reports. LXVII. *Taxon* 29(2-3): 347-367.

125. *Succisa pratensis* Moench

Número cromossómico: $2n = 20$ (fig. 4).

Material: Beira Litoral, Pampilhosa do Botão, Valdoeiro. N.º 1826 (COI). 20.3.1968. Det. C. Alves.

Observações: Os dados cariológicos referentes a este taxon são divergentes. RISSE (1926; 1929 — op. cit.) cita o número cromossómico $2n = 16$. SUGIURA (1942, 1943) determinou $2n = 18$. Diversos autores, entre eles ZUKOWSKI & SLOWINSKA (1979), POGAN & al. (1980), FICINI & al. (1981), VERLAQUE (in LÖVE, 1982), DMITRIEVA (1986) e VERLAQUE (1986), determinaram $2n = 20$. Os nossos resultados estão de acordo com os destes autores.

BIBLIOGRAFIA:

- RISSE, K. 1926 — Chromosomenzahlen und Periplasmoidumbildung in der Familie der Dipsacaceen. *Ber. Deutsch. Bot. Ges.* 44: 296-298.
- SUGIURA, T. 1942 — A list of chromosome numbers in angiospermous plants. VIII. *Proc. Imp. Acad. Tokyo* 18: 30.
- 1943 — A list of chromosome numbers in angiospermous plants. IX. *Proc. Imp. Acad. Tokyo* 19: 94.
- ZUKOWSKI, W. & SLOWINSKA, T. 1979 — Chromosome numbers of angiosperms of north-western Poland. Part. 1. *Fragm. Flor. Geobot.* 25(4): 477-483.

- POGAN, E.; WCISLO, H.; JANKUN, A. & al. 1980 — Further studies in chromosome numbers of Polish angiosperms. Part XIII. *Acta Biol. Cracov.* 22(1): 37-69.
- FICINI, G.; GIORDANI, A. & TOMEI, P. E. 1981 — Numeri cromosomici per la flora italiana: 836-841. *Inf. Bot. Ital.* 13(2-3): 172-175.
- VERLAQUE, R. (in LÖVE, 1982).
- LÖVE, A. 1982 — IOPB chromosome number reports. LXXVII. *Taxon* 31(4): 761-777.
- DMITRIEVA, S. A. 1986 — Chromosome numbers in some species of vascular plants from Byelorussia. *Journ. Bot. URSS*, 71(8): 1145-1147.
- VERLAQUE, R. 1986 — Étude biosystématique et phylogénétique des Dipsaceae. IV — Tribu des Scabiosae (phylum n° 1, 2, 3). *Rev. Cytol. Biol. Végét.-Bot.* 9(1): 5-72.

126. *Pterocephalus diandrus* (Lag.) Lag. (*P. papposus* auct. iber.)

Número cromossómico: $2n = 16$ (fig. 5).

Material: Trás-os-Montes, Bragança, entre Guadramil e Deilão. N.º 1427 (coi). 5.8.1967. Det. C. Alves. Conf. M. Queirós.

Observações: Confirmamos as contagens ($2n = 16$) efectuados anteriormente por DEVESA (1981) em material de Huelva, as de VERLAQUE (in LÖVE, 1980) em populações portuguesas dos arredores de Coimbra e, ainda, as do mesmo autor (in LÖVE, 1982) em material de Cáceres. Em 1986, VERLAQUE cita de novo $2n = 16$ para este taxon, considerando-o endémico da Península Ibérica.

BIBLIOGRAFIA:

- DEVESA, J. A. 1981 — Números cromosómicos para la flora española. 182-187. *Lagascalia* 10(2): 225-227.
- VERLAQUE, R. (in LÖVE, 1980).
- LÖVE, A. 1980 — Chromosome number reports. LXVII. *Taxon* 29(2-3): 347-367.
- VERLAQUE, R. (in LÖVE, 1982).
- LÖVE, A. 1982 — IOPB chromosome number reports. LXXVII. *Taxon* 31(4): 761-777.
- VERLAQUE, R. 1986 — Étude biosystématique et phylogénétique des Dipsaceae. IV — Tribu des Scabioseae (phylum n° 1, 2, 3). *Rev. Cytol. Biol. Végét.-Bot.* 9: 5-72.

127. *Dactylorhiza maculata* (L.) Soó

Número cromossómico: $2n = 80$ (fig. 6).

Material: Trás-os-Montes, Castro Daire, próx. do rio Balsemão. N.º 1202 (coi). 6.8.1967. Det. C. Alves. Conf. M. Queirós.

Observações: Confirmamos o número $2n = 80$ determinado por FERNANDES (1950) referente a exemplares portugueses colhidos entre S. Bento da Porta Aberta e Covide (Serra do Gerês). Este resultado está de acordo com a determinação de outros autores, entre os quais JAGIELLO & MRÓR (1986-87), GATHOYE & TYTEKA (1989), JAGIELLO & al. (1989) e SEMERENKO (1989).

O número $2n = 40$ mencionado, igualmente, por diversos autores, entre os quais LÖVE & LÖVE (1944), SKALINKA & al. (1957) e VAN LOON & DE JONG (in LÖVE, 1978), corresponderia a *D. fuchsii* e *D. saccifera* (GATHOYE & TYTECA, 1989). Segundo estes últimos autores, o número cromossómico $2n = 60$ atribuído igualmente a *D. maculata* por alguns autores, entre os quais GROLL (1965), VAUCHER (1966), VÖTH & GREILHUBER (1980) e AVERYANOV & al. (1982) corresponderia a plantas de origem híbrida resultantes do cruzamento de *D. maculata* e *D. fuchsii*.

BIBLIOGRAFIA:

- LÖVE, Á. & LÖVE, D. 1944 — Cyto-Taxonomical studies on boreal plants. III. Some new chromosome numbers of scandinavian plants. *Arch. Bot.* 31A(12): 1-22.
- FERNANDES, A. 1950 — Sobre a cariologia de algumas plantas da Serra do Gerês. *Agron. Lusit.* 12(4): 551-600.
- SKALINKA, M., BANACH-POGAN, E., WCISŁO, H. & al. 1957 — Further studies in chromosome numbers of Polish angiosperms. *Acta Soc. Bot. Polon.* 26(1): 215-245.
- GROLL, M. 1965 — Fruchtansatz, Bestaubung und Merkmalsanalyse bei diploiden und polyploiden Sippen von *Dactylorhiza* (*Orchis*) *maculata* und *Gymnadenia conopsea*. *Österr. Bot. Zeit.* 112: 657-700.
- VAUCHER, C. 1966 — Contribution à l'étude cytologique du genre *Dactylorhiza* (Klinge) Vermeulen. *Bull. Soc. Neuch. Sc. Nat.* 89: 75-83.
- VAN LOON, J. C. & JONG, H. DE (in LÖVE, 1978).
- LÖVE, A. 1978 — IOPB chromosome number reports. LIX. *Taxon* 27(1): 56-61.
- VÖTH, W. & GREILHÜBER, J. 1980 — Zur Karyosystematik von *Dactylorhiza maculata* s. l. und ihrer Verbreitung, insbesondere in Niederösterreich. *Linzer Biol. Beitr.* 12(2): 415-468.

AVERYANOV, L. V., AVERYANOVA, E. L. & LAVRENKO, A. N. 1982 — The caryosystematic study of the Orchids (*Orchidaceae*) of the Pechoro-Ilyshsky Reservation. *J. Bot. URSS*, 67(7): 945-951.

JAGIELLO, M. & LANKOSZ-MRÓZ, M. 1986-1987 — Cytotaxonomic studies in the *Dactylorhiza maculata* (L.) Soó group in Poland (*Orchidaceae*). *Fragm. Flor. Geobot.* 31-32(3-4): 385-394.

GATHOYE, J. L. & TYTECA, D. 1989 — Contribution à l'étude cytotaxonomique des *Dactylorhiza* d'Europe Occidentale. *Mém. Soc. Roy. Bot. Belgique* 11: 30-42.

JAGIELLO, M., KUUSK, V. & LANKOSZ-MRÓZ, M. 1989 — Karyological investigations on orchids of the Estonian SSR. Part 1. Genus *Dactylorhiza* Necker ex Nevski (*Orchidaceae*). *Fragm. Flor. Geobot.* 34(3-4): 315-326.

SEMERENKO, L. V. 1989 — Chromosome numbers in some members of the families *Asteraceae*, *Fabaceae*, *Orchidaceae* and *Poaceae* from the Berezinsky biosphere Reservation (Byelorussia) Flora. *J. Bot. URSS*, 74(11): 1671-1673.

DISTRIBUCIÓN COROLÓGICA
DEL GÉNERO *ODONTITES* EN LA PROVINCIA
DE GRANADA



Recibido el 08-2/7-92. Aceptado el 10-10-92.

RESUMEN

Son presentes seis especies del género *Odontites* en la provincia de Granada. Indicamos su corología y su número cromosómico.

There are six species of the genus *Odontites* in the province of Granada. We indicate their cytology and their chromosomal number.

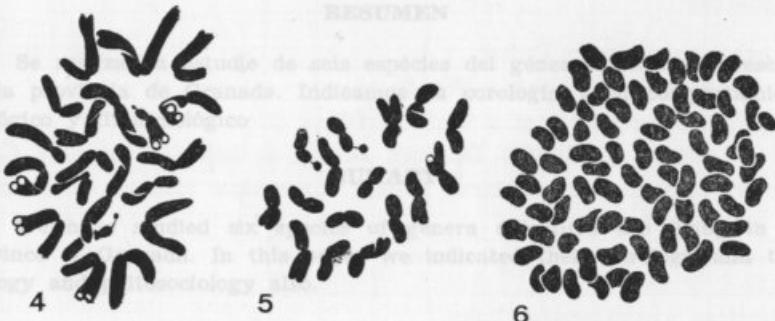


Fig. 1. — *Sisymbrium altissimum* L. ($2n = 14$); Fig. 2. — *Micropyrum tenellum* (L.) Link ($2n=14$); Fig. 3. — *Dipsacus fullonum* L. ($2n=18$); Fig. 4. — *Succisa pratensis* Moench ($2n = 20$); Fig. 5. — *Pterocephalus diandrus* (Lag.) Lag. ($2n = 16$); Fig. 6. — *Dactylorhiza maculata* (L.) Soó ($2n = 80$). $\times 3000$.

En la provincia de Granada, para España, se han bien representada en Andalucía, y especialmente en la provincia de Granada, en donde hemos podido constatar la existencia de 6 taxones, según se deduce del estudio que hemos realizado de los pliegos existentes en los Herbarios de las Facultades de Farmacia (GDA) y de Ciencias (GDAC) de la Universidad de Granada, así como de la consideración y comprobación de numerosas citas bibliográficas y de nuestras propias herborizaciones y trabajos personales.

- AVERIANOV, L. V., AVERIANOVA, E. I. & LAVERNIK, A. N. 1983 — The karyosystematic study of the Orchids (Orchidaceae) of the Pechoro-Ilyshsky Reservation. *J. Bot. URSS*, 67(7): 946-951.
- JACIELSKA, M. & LASKOW-MROZ, M. 1986-1987 — Cytotaxonomic studies in the *Dactylochila maculata* (L.) Sch. Bip group in Poland (Orchidaceae). *Fragm. Flor. Geobot.*, 51-52(3-4): 385-394.
- GATHYÉ, J. L. & TYTROS, D. 1989 — Construction à l'âge adulte cytotaxonomique de *Dactylochila maculata* (L.) Sch. Bip. *Méta. Soc. Roy. Bot.*, 10(1): 11-12.
- SEREDINSKII, V. A. & LAVERNIK, A. N. 1989 — Karyological investigation of orchids of the Soviet Union. Part 2. East Europe. *Fragm. Flor. Geobot.*, 52(1): 31-32.
- SEREDINSKII, V. 1989 — Chromosome numbers in some members of the genera *Angraecum*, *Palaearctia*, *Phragmipedium* and *Pleione* from the Bereznitsky Monaster Reserve (Central Caucasus Flora). *J. Bot. URSS*, 73(11): 1871-1872.



Figure 1. Micrographs of plant material. 1 — microsporangium — 2 — microspores; 3 — anthers; 4 — pollen grains. Scale bars — 1, 2 — 10 μm ; 3 — 100 μm ; 4 — 1000 \times . (M = male; F = female)

DISTRIBUCIÓN COROLÓGICA DEL GÉNERO *ODONTITES* EN LA PROVINCIA DE GRANADA

ECOLOGÍA Y FITOSOCIOLOGÍA

M. LOPEZ GUADALUPE, J. M. LOSA QUINTANA,

A. M. NEGRILLO GALINDO & M. V. JIMENEZ ALOT

Depto. de Biología Vegetal. Facultad de Farmacia. Universidad de Granada

Recibido el 22-XII-92.

RESUMEN

Se realiza un estudio de seis especies del género *Odontites*, presentes en la provincia de Granada. Indicamos su corología y su comportamiento ecológico y fitosociológico.

SUMMARY

We have studied six species of genera *Odontites* are living in the province of Granada. In this paper we indicated their corology and their ecology and phitosociology also.

INTRODUCCIÓN

El género *Odontites*, interesante taxón de la Familia Escrofulariáceas, y del que la Flora Europea cita para España 10 especies, se halla bien representada en Andalucía, y especialmente en la provincia de Granada, en donde hemos podido constatar la existencia de 6 taxones, según se deduce del estudio que hemos realizado de los pliegos existentes en los Herbarios de las Facultades de Farmacia (GDA) y de Ciencias (GDAC) de la Universidad de Granada, así como de la consideración y comprobación de numerosas citas bibliográficas y de nuestras propias herborizaciones y trabajos personales.

DISPERSIÓN COROLÓGICA DEL GÉNERO ODONTITES

Se trata de unas plantas herbáceas, en su mayoría anuales, dominando los biotipos terofíticos, y a veces camefíticos, con frecuencia glanduloso-pubescentes; hojas generalmente enteras, lineares, estrechas y casi sentadas; flores en espigas laxas, con corolas bilabiadas, amarillas o rojas, de tubo generalmente largo y saliente; cápsula comprimida, obtusa y con numerosas semillas fusiformes y estriadas.

Corológicamente estos táxones se encuentran y son característicos de la provincia Bética, abundando especialmente en los sectores Nevadense, Malacitano-Almijareño y Albujarro-Gadorense. Ya con menos frecuencia, y de manera más dispersa y esporádica, aparecen en la parte N.E. de la provincia granadina, en donde la flora bética contacta y se entremezcla con la castellano-manchega.

Las especies que a continuación vamos a estudiar, indicando su corología, ecología y comportamiento fitosociológico, son las siguientes:

- O. granatensis* Boiss.
- O. longiflora* (Vahl) Webb.
- O. purpurea* (Desf.) G. Don fil
- O. verna* (Bellardi) Dumort subsp. *serotina* (Dumort) Corb.
- O. viscosa* (L.) Clairv. subsp. *hispanica* (Boiss. et Reuter) Rothm.
- O. viscosa* L. subsp. *viscosa*

Odontites granatensis Boiss.

Planta anual de pequeña talla, no sobrepasa los 15-20 cm de altura; hojas enteras, lanceoladas y agudas, ligeramente pelos-viscosas; espigas flojas con flores pequeñas rojizas.

Su dispersión corológica dentro de la provincia de Granada es muy puntual y localizada, circunscribiéndose solamente al sector malacitano-almijareño (ladera N.O. de Sierra Nevada) en el llamado Collado de las Sabinas (2000-2150 m de altitud).

Herbario GDA

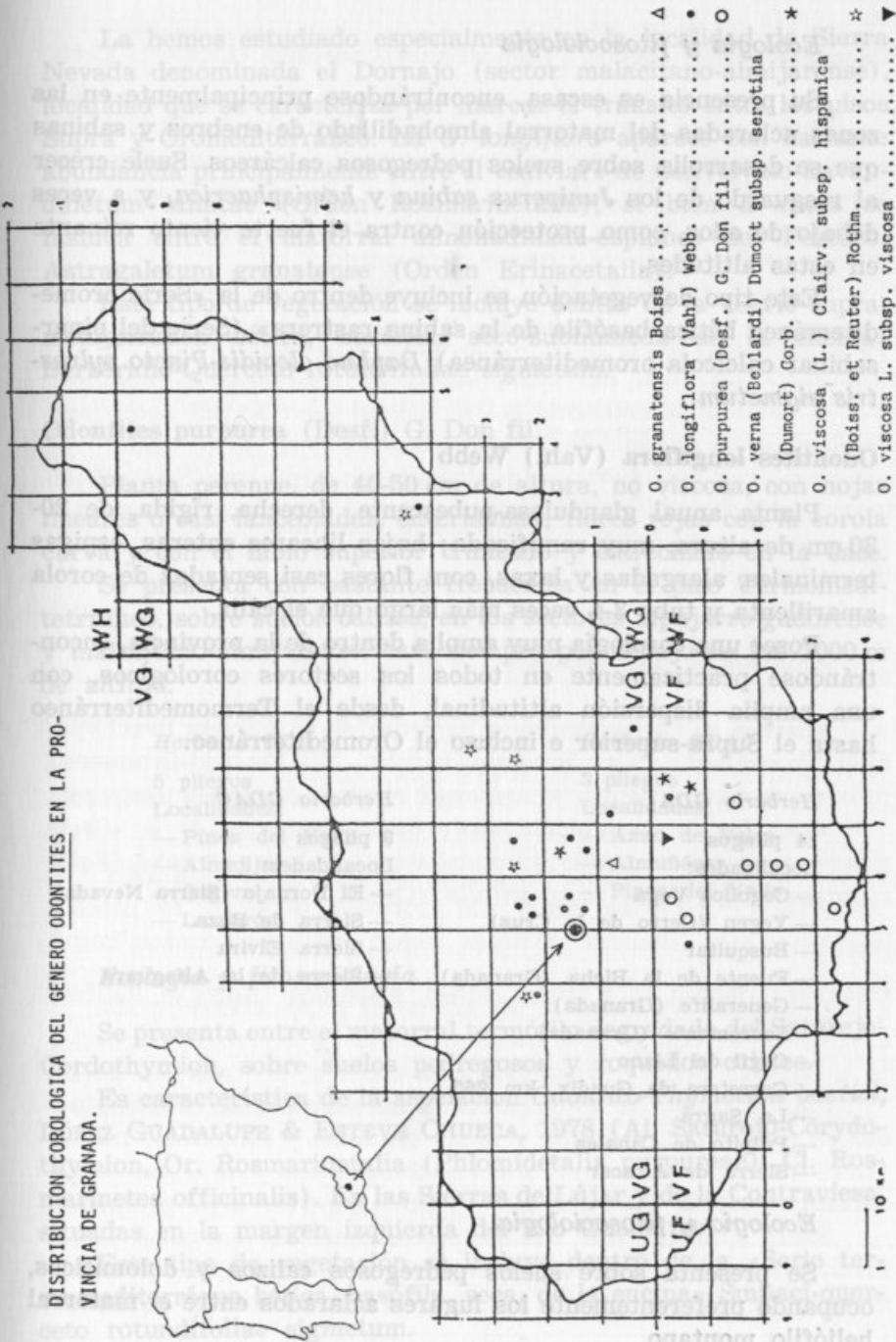
Un solo pliego

Localidad: Gúejar-Sierra

(Collado de las Sabinas)

30SVG60

DISTRIBUCION COROLOGICA DEL GENERO ODONTITES EN LA PRO-
VINCIA DE GRANADA.



Ecología y fitosociología

Su presencia es escasa, encontrándose principalmente en las zonas aclaradas del matorral almohadillado de enebros y sabinas que se desarrolla sobre suelos pedregosos calcáreos. Suele crecer al resguardo de los *Juniperus sabina* y *hemisphaerica*, y a veces debajo de ellos, como protección contra el fuerte viento reinante en estas altitudes.

Este tipo de vegetación se incluye dentro de la «Serie oromediterránea bética basófila de la sabina rastrera» (Serie del pinar-sabinar calcícola oromediterránea) *Daphno oleoidis-Pineto sylvestris sigmetum*.

***Odontites longiflora* (Vahl) Webb**

Planta anual glandulosa-pubescente, derecha, rígida, de 20-30 cm de altura, muy ramificada; hojas lineares enteras, espigas terminales, alargadas y laxas, con flores casi sentadas de corola amarillenta y tubo 3-4 veces más largo que el cáliz.

Posee una corología muy amplia dentro de la provincia, encontrándose prácticamente en todos los sectores corológicos, con una amplia dispersión altitudinal, desde el Termomediterráneo hasta el Supra-superior e incluso el Oromediterráneo.

Herbario GDA

- 14 pliegos
- Localidades:
 - Cogollos Vega
 - Yegen (Cerro de la Cruz)
 - Busquitar
 - Fuente de la Bicha (Granada)
 - Generalife (Granada)
 - Sacromonte (Granada)
 - Cagil del Llano
 - Carretera de Guadix, km 265
 - La Sagra
 - Púlpito de Canales
 - Sierra de Alfacar

Herbario GDAC

- 9 pliegos
- Localidades:
 - El Dornajo (Sierra Nevada)
 - Sierra de Baza
 - Sierra Elvira
 - Sierra de la Alfaguara

Ecología y fitosociología

Se presenta sobre suelos pedregosos calizos y dolomíticos, ocupando preferentemente los lugares aclarados entre el matorral heliófilo montano.

La hemos estudiado especialmente en la localidad de Sierra Nevada denominada el Dornajo (sector malacitano-almijarense), localidad que se caracteriza por marcar el tránsito entre los pisos Supra y Oromediterráneo. La *O. longiflora* aparece con bastante abundancia principalmente entre el «salviar» de Convolvulo-Lavanduletum lanatae (Orden Rosmarinetalia), si bien a veces se insinúa entre el matorral almohadillado-espinoso del Festuco-Astragaleum granatense (Orden Erinacetalia).

Este tipo de vegetación se incluye dentro de la «Serie supramediterránea bética, basófila, seco-subhúmeda de la encina» Berberidio-Querceto rotundifoliae sigmetum.

Odontites purpurea (Desf.) G. Don fil.

Planta perenne, de 40-50 cm de altura, no viscosa, con hojas lineares o casi lanceoladas, enterísimas; flores rojas con la corola curva y con el labio superior truncado y estrechado en la base.

Se presenta con bastante frecuencia en el piso Termomediterráneo, sobre suelos calizos, en los sectores alpujarro-gadorense y malacitano-almijarense, casi siempre por debajo de los 1000 m de altitud.

Herbario GDA

5 pliegos

Localidades:

— Pinos del Valle

— Almejíjar

— Orgiva

— Lanjarón

Herbario GDAC

3 pliegos

Localidades:

— Azud de Velez

— Almuñécar

— Pinos del Valle

Ecología y fitosociología

Se presenta entre el matorral termófilo degradado del Saturejo-Cordothymion, sobre suelos pedregosos y roquedos calizos.

Es característica de la asociación *Odontito-Thymetum baetici*, LÓPEZ GUADALUPE & ESTEVE CHUECA, 1978 (Al. Saturejo-Corydotherymion, Or. Rosmarinetalia (*Phlomidetalia purpureae*), Cl. Rosmarinetea officinalis). En las Sierras de Lújar y de la Contraviesa, situadas en la margen izquierda del Río Guadalfeo.

Este tipo de vegetación se incluye dentro de la «Serie termomediterránea bética, basófila, seca, de la encina» *Smilaci-quer-*ceto rotundifoliae sigmetum.

Odontites verna (Bellard) Dumort subsp. *serotina* (Dumort) Corb.

Planta anual, peloso-áspresa, con tallos rectos de hasta 30-40 cm y ramas abiertas y patentes; hojas sentadas, lanceolado-lineares; flores en espigas unilaterales provistas de brácteas algo más cortas que las flores; corola vellosa, rosado-purpúrea, con el labio superior un poco cóncavo y truncado.

Se presenta muy escasa y circunscrita a las zonas húmedas de montaña, en los sectores malacitano-almijareño y nevadense de Sierra Nevada, entre los 1000-1500 m de altitud.

Herbario GDA

Odontites verna Bellard
asijos nos 3 pliegos

Localidades:

- Quentar (Barranco del Polvorista)
- Rio Trevélez
- Acequia de Trevélez

Ecología y fitosociología

Aparece en herbazales muy húmedos de la Alianza *Brachypodion phoenicoidis* (Or. *Brachypodietalia*, Cl. *Festuco-Brometea*) próximos a ríos, acequias y canales de riego de las zonas montanas.

Este tipo de vegetación puede incluirse dentro de la «Serie riparia meso-supramediterránea del sauce de hoja estrecha [*Salix eleagnos* Scop. subsp. *angustifolia* (Cariot) Rech. fil.]».

Odontites viscosa (L.) Calirv. subsp. *hispanica* (Boiss et Reuter)
Rothm.

Planta anual, de 40-50 cm de alta, pubescente, viscoso-glandulosa en la parte superior y hojas sentadas y estrechas; racimo floral corto y denso, con flores pedunculadas y brácteas empierzarradas; corola amarilla con el alvio superior algo pestañoso.

Suele aparecer con relativa frecuencia en los pisos Meso-mediterráneo horizonte superior y Supramediterráneo, y en los sectores guadiano-bacense, malacitano-almijareño y subbético.

Herbario GDA

2 pliegos

Localidades:

- Dehesa del Camarate
- Lugros

Herbario GDAC

5 pliegos

Localidades:

- Sierra de Baza
- Dehesa del Camarate
- Sierra de Alfacar
- Encinar de Sierra Elvira

Ecología y fitosociología

Se presenta en suelos calizos y a veces sobre esquistos metamórficos ultrabásticos, formando parte del matorral degradado que ocupa los claros y bordes de los encinares montanos.

PÉREZ RAYA, en su tesis doctoral (1987), la cita en la localidad de Güejar-Sierra (sector malacitano-almijareño de Sierra Nevada) como compañera en la Asociación *Helicotricho filifolii-Festucetum scariosae*, M. Parras, Peinado y Alcaraz, *festucetosum elegantis Pérez Raya* (Al. *Festucion scariosae*, Or. *Lygeo-Stipetalia*, Cl. *Lygeo spartii-Stipetea tanacissimae*).

Esta vegetación constituye un «lastonar» de degradación del encinar supramediterráneo calizo. Serie: *Berberidio-Querceto rotundifoliae segmentum*.

Odontites viscosa* L. subsp. *viscosa

Planta perenne de hasta 30 cm de altura, pubescente y muy viscosa en la parte superior, con hojas sentadas y estrechas; flores pedunculadas con corola amarilla, lampiña, más larga que el estílo.

Su presencia en la provincia de Granada es muy puntual y localizada, circunscribiéndose solamente al sector nevadense de Sierra Nevada, en la localidad denominada, Tajos Colorados de Capileira, a 2550 m de altitud.

Herbario GDA

Un solo pliego

Localidad:

- Tajos Colorados de Capileira
- (Sierra Nevada) 30SVF6997

Ecología y fitosociología

Aparece en pequeñas terreras y rellanos situados en cortados y taludes terrosos, sobre suelos de micasquistos con abundantes afloramientos de mármoles.

La vegetación de estos lugares está constituida por un pequeño matorral almohadillado-espinoso, discontinuo, de Siderito-Arenarietum pungentis (*Ptilotrichion purpureae* — *Festucetalia indigestae* — *Juncetea trifidi*) presentando una facies rica en elementos básicos.

Esta vegetación se incluye en la «Serie oromediterránea nevadense silicícola del enebro rastrero (*Juniperus nana*)» *Genisto baeticae-Junipereto nanae sigmetum*.

BIBLIOGRAFIA

AMO Y MORA, M.

1873 Flora Fanerogámica de la Península Ibérica. Vcl. I, II, III, IV, V, VI. Ventura, Granada.

LÓPEZ GUADALUPE, M. & ESTEVE CHUECA, F.

1978 Adiciones al estudio de la Vegetación y Flora de la Penibética. *Inst. Bot. A. J. Cavanilles* 34(2): 521-533. Madrid.

MOLERO MESA, J.

1981 Investigaciones florísticas en la Alpujarras Altas. Tesis Doctoral. Servicio de Publicaciones. Universidad de Granada.

PÉREZ RAYA, F.

1987 La vegetación en el sector Malacitano-Almijareño de Sierra Nevada (Investigaciones sintaxonómicas y sinfitosociológicas). Tesis Doctoral, Servicio de Publicaciones. Universidad de Granada.

PÉREZ RAYA & col.

1989 Vegetación de Sierra Nevada. Ayuntamiento de Granada.

RIVAS MARTÍNEZ, S. & col.

1991 Festuco hystericis-Ononidetea striatae y Rosmarinetea officinalis, clases de vegetación independiente. *Itinera Geobotánica*. 5: 505-516. Universidad de León.

TUTIN, T. G. & col.

1964-1980 Flora Europaea I-IV. Cambridge University Press. Cambridge.

Floral corto y denso, con flores perigoniales y brácteas cimízarradas; corola amarilla con el alito superior algo pestañoso.

Suele aparecer con relativa frecuencia en los pisos Meso-mediterráneo horizontales del oromediterráneo, y en los sectores guadianiano-huetano, almijareño-malagueño y subbético.

ON THE BIOLOGICAL ORIGIN OF DEPSIDONES

C. VICENIE¹ & L. XAVIER-FILHO²

Received, 19-III-1993.

RESUMO

Depsidones são compostos químicos produzidos exclusivamente por líquenes, com dois fenóis condensados pela formação de uma banda ester na posição 1 e 4' e uma banda suplementar nas posições 2 e 5'. Uma hipótese muito comum e aceita, sugere que as depsidonas podem ser produzidas a partir dos dépsides, que reduzem a reacção de hidroxil-substituente C₂. E que a banda éter pode ser enzimaticamente reduzida. Este facto é oposto às ideias de CULBERSON & ELIX que afirmam hipoteticamente sobre hidroxilação na posição 5' nos dépsides seguido de uma migração acil e rearranjos tipo «smiles».

Na possibilidade de que as bandas éter forem hidrolizadas enzimaticamente por extractos de algumas espécies de líquens, está de acordo com a hipótese de SALA & SARGENT sobre o envolvimento anidrido phtálico como precursor das depsidonas. De acordo com este caminho biosintético as bandas de éter devem ser produzidas antes da reacção de esterificação.

INTRODUCTION

DEPSIDONES are unique compounds produced by lichens in which two monocyclic phenols condense by formation of an ester bond between 1 and 4' positions and a supplementary ether bond between 2 and 5' positions. A commonly accepted hypothesis suggests that depsidones could be produced from depsides through a reducing reaction involving the hydroxyl-

¹ Laboratory of Plant Physiology, the Lichen Team, Faculty of Biology, Complutense University. 28040 Madrid, Spain.

² Laboratório de Tecnologia Farmacêutica, Universidade Federal da Paraíba. 38051-970 João Pessoa-PB, Brasil.

substituted C₂. However, ether bond cannot be enzymatically reduced. This is in opposite to CULBERSON and ELIX hypothesis about a hydroxylation at 5' position in the depside followed by acyl migration and smiles re-arrangement. The possibility that the ether bond was hydrolyzed by enzymatic extracts from several lichen species is in agreement with the hypothesis of SALA and SARGENT about the involvement of a phthalic anhydride as precursor of depsidones. According to this pathway, ether bond would be produced before esterification reaction.

Hypothesis derived from biomimetic organic synthesis

The origin of depsidones remains uncertain. Depsidones are bicyclic phenolic compounds, produced by lichens, in which the linkage includes both ester and ether bonds. Ester bond is achieved by depside hydrolases which esterify the free carboxyl group in «A» ring with the 4'-hydroxyl substituent in «B» ring (MOSBACH, 1973). The existence of couples depside-depsidone in the same lichen species, such as olivertoric-physodic acids in *Cetraria ciliaris* (CULVERSON, 1964), indicates the possibility that the depsidone was produced from its depside through a dehydrogenase-catalyzing reaction forming an ether bond between the two phenolic units (Fig. 1).

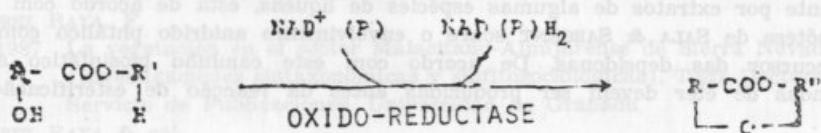


Fig. 1. — Hypothesis of depsidone biosynthesis from a depside precursor through dehydrogenase reaction.

However, this hypothesis has two main problems. Firstly, it is very rare for the pair depside-depsidone to occur in the same lichen species (ELIX *et al.*, 1984; ROGERS, 1989). Secondly, several attempts to cleave the ether linkage by the action of a hypothetical oxido-reductase, coupled to NADH, HADPH or FADH₂ failed.

To explain the occurrence of iso-structural depside-depsidone pairs, ELIX *et al.* (1987) and CULBERSON & ELIX (1989) suggested that C-hydroxylation of a paradepside in the 5' position would

be followed acyl migration and subsequent smiles rearrangement of the meta-depside formed, to lead to the corresponding orcinol-depsidones (Fig. 2). However, this implies that R₂ group in «B»

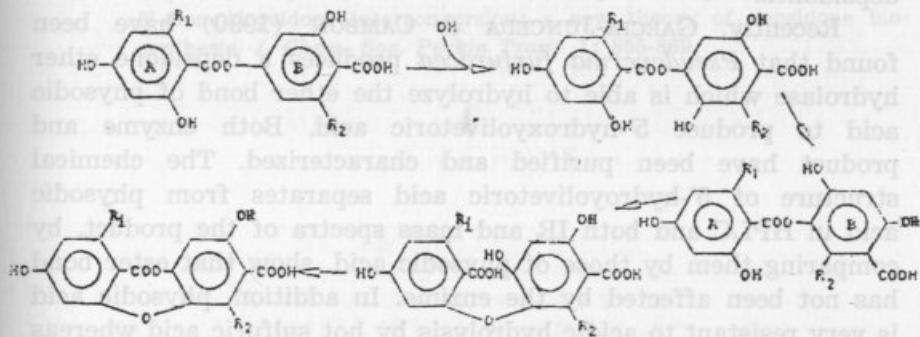


Fig. 2.—Hypothesis of CULBERSON & ELIX (1989) about the synthesis of depsidones from depside precursors.

ring could be and hydrogen and, so, ether linkage might be sensitive to enzymatic reduction. As above we say, this enzymatic reduction fails by using the most common cofactors of oxidoreductases.

Organic chemistry versus biological processes

Alternatively, SALA & SARGENT (1981) proposed that this ether bond could be produced by de-halogenation of a phthalic anhydride derivative, followed by its coupling to a phenol and intramolecular arrangements (Fig. 3). This proposal is explained

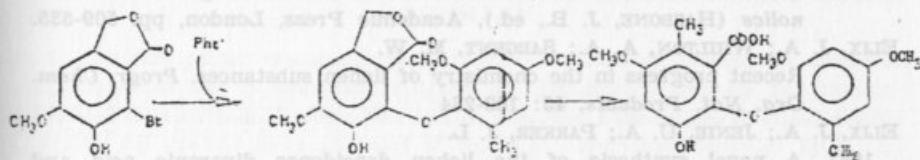


Fig. 3.—Hypothesis about depsidone biosynthesis involving a phthalic anhydride as precursor.

on the basis of several studies on organic synthesis of depsidones isolated from *Buellia canescens*. Since dehalogenation can be achieved by hydrolasis, the consequence would be that ether bond

could be formed between two hydroxy-substituted carbons. So, enzymatic hydrolysis rather than reduction could be the biological process implied in the reversible breakage of the bond-defining depsidones.

Recently, GARCIA-JUNCEDA & CAMBON (1990) have been found that *Pseudevernia furfuracea* produces a depsidone ether hydrolase which is able to hydrolyze the ether bond of physodic acid to produce 5'-hydroxyolivetoric acid. Both enzyme and product have been purified and characterized. The chemical structure of 5'-hydroxyolivetoric acid separates from physodic acid in HPLC and both IR and mass spectra of the product, by comparing them by those of physodic acid, show that ester bond has not been affected by the enzyme. In addition, physodic acid is very resistant to acidic hydrolysis by hot sulfuric acid whereas the product is not. Acidic hydrolysis of 5'-hydroxyoliverotic acid produced two well distinguishable peaks in HPLC, the polarity of which is higher than that of the product before hydrolysis. This implies that ester bond, the only one that lies the two heterocyclic units in the product, is sensitive to acidic hydrolysis and both units separate whereas they remain together after acid treatment of physodic acid, since ether bond remains unaltered.

REFERENCES

- CULBERSON, C. F.
1964 Joint occurrence of a lichen depsidone and its probable depside precursor. *Science* 143: 2551-256.
- CULBERSON, C. F.; ELIX, J. A.
1989 Lichen Substances. In *Methods in Plant Biochemistry. I. Plant Phenolics* (HARBONE, J. B., ed.), Academic Press, London, pp. 509-535.
- ELIX, J. A.; WHILTON, A. A.; SARGENT, M. W.
Recent progress in the chemistry of lichen substances. *Progr. Chem. Org. Nat. Products*, 45: 103-234.
- ELIX, J. A.; JENIE, U. A.; PARKER, J. L.
1987 A novel synthesis of the lichen depsidones divaronic acid and stenosporonic acid, and the biosynthetic implications. *Aust. J. Chem.* 40: 1351-1464.
- GARCIA-JUNCEDA, E.; CAMBON, M. C.
1990 Enzymatic synthesis and characterization of 5'-hydroxyolivetoric acid. III International Meeting on Lichen Biology, Madrid, Abstracts, pp. 52.

MOSBACH, K.

1973 Biosynthesis of lichen substances. In: the Lichens (AHMADJIAN, V.; HALE, M. E. eds.), Academic Press, New York, pp. 523-546.

SALA, T.; SARGENT, M. V.

1981 Depsidone Synthesis. Part 16. Benzophenome-gris-3', 5'-diene-2'-3'-dione/depsidone interconversion: a new theory of depsidone biosynthesis, *J. Chem. Soc. Perkin Trans. 1*: 855-869.

*SELAGINELLA CONVOLUTA (ARNOTT) SPRING
E SELAGINELLA MUSCOSA SPRING
(PTERIDOPHYTA)*

IVÁ CARNEIRO LEÃO BARROS*

ALIANA SANTOS DE LIMA MANCILHA**

KATIA MARIA RIBEIRO DOS SANTOS***

PATRÍCIA SHEYLA DE ALMEIDA SÁ***

Received on 4-IV-1993.

RESUMO

A morfologia dos aparelhos estomáticos em *Selaginella breynii*, *S. convoluta* e *S. muscosa* é descrita neste trabalho. As microfílhas laterais-medianas são antistomáticas em *S. breynii*; não hipostomáticas em *S. convoluta* e *S. muscosa*. As esporófilas são epistomáticas nas três espécies estudadas. Os aparelhos estomáticos são do tipo anomocítico. As densidades são de 0,4; 2,0 e 1,8 estomatos por campo de 5 μm^2 , respectivamente em *Selaginella breynii*, *S. convoluta* e *S. muscosa*. As espicílias são frequentes nas epidermes adaxiais das microfílhas laterais e medianas e raras nas epidermes abaxiais das esporófilas de *S. breynii* e *S. muscosa*, sendo ausentes em *S. convoluta*.

SUMMARY

In this paper the morphology of the stomata of *Selaginella breynii*, *S. convoluta* and *S. muscosa* is described. *Selaginella breynii* has antistomatic microphylls, *S. convoluta* and *S. muscosa* have hypostomatic microphylls. All species have anomocytic stomata. Stomatal densities by 5 μm^2 are 0,4; 2,0 and 1,8 in *S. breynii*, *S. convoluta* and *S. muscosa*, respectively. The adaxial epidermis of the microphylls and the abaxial epidermis of the sporophylls usually present spicules; in *S. convoluta* they are lacking.

* Prof. Adjunto, Depto. de Botânica — CCB/UFPB — Av. Prof. Nélson Chaves s/n, Cidade Universitária, RECIFE — PE CEP. 50.730.

** Alunas do Curso de Mestrado em Criptogamas — UFPB.

*** Aluna do Curso de Mestrado em Botânica — UFRPE.

could be formed between two hydroxy-substituted carbons in secalidole acid to yield a cyclic ether, enzymatic synthesis easier than induction. This is the biological process implied in the reversible breakage of macrocyclic diphenoxy-depsidones. 2-hydroxymonodepsidone or not existing secalidole acid is unknown to us.

Recently, Garcia-Juncosa et al.¹⁰ have been found that *Pseudoscleropodium purum* produces a depsidone-ether hydrolase which is able to hydrolyze the ether bond of physodic acid to produce 5'-hydroxyoliverotic acid. Both enzyme and product have been purified and characterized. The chemical structure of 5'-hydroxyoliverotic acid separates from physodic acid in HPLC and both IR and mass spectra of the product, by comparing them by those of physodic acid, show that ester bond has not been affected by the enzyme. In addition, physodic acid is very resistant to acidic hydrolysis by hot sulfuric acid whereas the product is not. Acidic hydrolysis of 5'-hydroxyoliverotic acid produced two well distinguishable peaks in HPLC, the polarity of which is higher than that of the product before hydrolysis. This implies that ester bond, the only one that lies the two heterocyclic unites in the product, is sensitive to acidic hydrolysis and both units separate whereas they remain together after acid treatment of physodic acid, since ether bond remains unaltered.

REFERENCES

- CULLEMSON, C. P.
1964 First occurrence of a lichen depsidone and its probable bioside precursor. *Science* 148: 228-229.
- CULLEMSON, C. P.; KATE, J. A.
1969 Lichen Substances. In *Methods in Plant Biochemistry, I. Plant Phenolics* (Hanson, J. B., ed.), Academic Press, London, pp. 509-535.
- ELIX, J. A.; WHITTON, A. A.; SAMPSON, M. W.
Recent progress in the chemistry of lichen substances. *Progr. Chem. Org. Nat. Products*, 45: 169-284.
- ELIX, J. A.; JONES, G. A.; PARKER, J. L.
1987 A novel synthesis of the lichen depsidones diurononic acid and stenoc perrylic acid, and the biosynthetic implications. *Avant. J. Chem.* 40: 1801-1864.
- GARCIA-JUNCOSA, M.; CAMPO, M. C.
1980 Enzymatic synthesis and characterization of 5'-hydroxyoliverotic acid. III International Meeting on Lichen Biology, Madrid, Abstracts, pp. 63.

APARELHOS ESTOMÁTICOS EM *SELAGINELLA BREYNEII* SPRING ET CHAR., *SELAGINELLA CONVOLUTA* (ARNOTT) SPRING E *SELAGINELLA MUSCOSA* SPRING (PTERIDOPHYTA)

IVA CARNEIRO LEÃO BARROS *

ELIANA SANTOS DE LYRA MANCILHA **

KATIA MARIA RIBEIRO DOS SANTOS ***

PATRÍCIA SHEYLA DE ALMEIDA SÁ **

Recebido em 4-IV-1993.

RESUMO

A morfologia dos aparelhos estomáticos em *Selaginella breyneii*, *S. convoluta* e *S. mucosa* é descrita neste trabalho. As micrófilas laterais e medianas são anfistomáticas em *S. breyneii*; são hipoestomáticas em *S. convoluta* e *S. mucosa*. As esporófilas são epistomáticas nas três espécies estudadas. Os aparelhos estomáticos são do tipo anomocítico. As densidades são de 0,4; 2,5 e 1,4 estômatos por campo de $5 \mu\text{m}^2$, respectivamente em *Selaginella breyneii*, *S. convoluta* e *S. mucosa*. As espiculas são frequentes nas epidermes adaxiais das micrófilas laterais e medianas e frequentes nas epidermes abaxiais das esporófilas de *S. breyneii* e *S. mucosa*, sendo ausentes em *S. convoluta*.

SUMMARY

In this paper the morphology of the stomata of *Selaginella breyneii*, *S. convoluta* and *S. mucosa* is described. *Selaginella breyneii* has anfistomotical microphylls, *S. convoluta* and *S. mucosa* have hypostomotical microphylls. All species have anomocytic stomata. Stomatal densities by $5 \mu\text{m}^2$ are 0,4; 2,5 and 1,4 in *S. breyneii*, *S. convoluta* and *S. mucosa*, respectively. The adaxial epidermis of the microphylls and the abaxial epidermis of the sporophylls usually present spicules; in *S. convoluta* they are lacking.

* Prof. Adjunto. Depto. de Botânica — CCB/UFPE — Av. Prof. Nélson Chaves s/n, Cidade Universitária. RECIFE — PE CEP. 50.739.

** Alunas do Curso de Mestrado em Criptógamos — UFPE.

*** Aluna do Curso de Mestrado em Botânica — UFRPE.

INTRODUÇÃO

A família Selaginellaceae é representada por dois gêneros: *Selaginella* Beauv. e *Selaginellites*, gênero extinto, conhecido no Carbonífero Superior, do qual são conhecidas cerca de 6 espécies, segundo SMITH (1955).

Selaginella tem distribuição cosmopolita, com cerca de 700 espécies e aproximadamente 270 na América Tropical, muitas crescendo em florestas úmidas (TRYON & TRYON, 1982). Em estudos sobre a distribuição geográfica para o Estado de Pernambuco, 10 espécies foram registradas (BARROS *et al.*, 1988).

O gênero é representado por espécies terrestres, rupícolas ou raramente epífitas; caule delgado, ramificado, rastejante ou com ramos ascendentes; micrófilas (folhas diminutas com uma única vênula) cerca de 0,5-10 mm de comprimento, dispostas em espiral fechado ou quatro filas alternadas: duas maiores laterais e duas medianas menores; esporófilas bem diferenciadas com um esporângio largo nascido na região basal da epiderme adaxial, formando estróbilos; heterosporada (o megasporângio normalmente na região basal do estróbilo, em geral com quatro macrósporos e o microsporângio, com muitos micrósporos); número de cromossomos: $n = 8, 9, 10, 12, 18, 96$ e $2n = 14, 16, 18, 20, 24, 36, 49-50, 60$ (TRYON & TRYON, 1982).

Selaginella difere das demais Pteridófitas por apresentar rizóforos e internamente no caule estruturas denominadas trabéculas (SMITH, 1955).

O conhecimento sobre aparelhos estomáticos sempre esteve centrado em Angiospermas (METCALFE & CHALK, 1950), os primeiros trabalhos referidos para a morfologia dos estômatos em Pteridófitas (Filicopsida) são os de VAN COTTHEM (1970a, 1970b e 1973) onde foram encontrados tipos distintos dos padrões descritos e receberam denominações específicas (Fig. 1).

Este trabalho tem como objectivo contribuir para o estudo dos aparelhos estomáticos em Pteridófitas e fazer uma correlação dos ambientes de ocorrência com os tipos dos estômatos, sua localização na lâmina foliar e densidade em *Selaginella breyneii* Spring et Char., *S. convoluta* (Arnott) Spring e *S. muscosa* Spring (as duas primeiras espécies são procedentes de mata e a última de caatinga).

Nº Células Subendômeras.	Tipo de estô- mato.	Desenho esquemático.	Nº Células Subs.	Tipo de estô- mato.	Desenho esquemático.
2,3,4,2n	CICLOCÍTICO	1	2	EPICÍTICO	10
> 4	ACTINOCÍTICO	2		DIACÍTICO	11
> 3	HELICOCÍTICO	3		HIPOCÍTICO	12
> 3	ALELOCÍTICO A. DIALELOCÍTICO.	4A		DESMOCÍTICO	13
> 3	B. PARALELOCÍTICO.	4B	1 x 2	PERICÍTICO: A. EUPERICÍTICO	14 A
2,4,6,2n	PARACÍTICO	5		B. COPERICÍTICO	14 B
> 6	HEXACÍTICO	6		C. DUPLOPERICÍTICO.	14 C
> 4	ESTAUROCÍTICO	7		POLOCÍTICO: A. PARIETOCÍTICO.	15 A
	TETRACÍTICO	8		B. AXILOCÍTICO	15 B
> 3	ANISOCÍTICO	9		C. COPARIETOCÍTICO.	15 C
			0	D. COAXILOCÍTICO.	15 D
				HEMIPARACÍTICO	16
				ANOMOCÍTICO	17

Fig. 1.— Classificação de estômatos segundo VAN COTTHEM (1970a).

MATERIAL E MÉTODOS

O material examinado encontra-se depositado no Herbário Geraldo Mariz da Universidade Federal de Pernambuco/UFP — *Selaginella breyneii* (031616), *Selaginella convoluta* (06034) e *Selaginella muscosa* (08193).

A pesquisa foi realizada no Laboratório de Criptógamos no Departamento de Botânica do Centro de Ciências Biológicas da UFPE.

Foram isoladas micrófilas laterais, medianas e esporófilas; utilizada a técnica de diafanização segundo STRITTMATTER (1973), modificada; preparadas lâminas semipermanentes (guardadas no laminário do Mestrado de Botânica da Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE).

Para a observação dos estômatos foi utilizado microscópio óptico com câmara clara, através do qual foram realizadas ilustrações.

A classificação dos tipos de estômatos foi feita de acordo com VAN COTTHEM (1970a e b). Para o estudo da densidade estomática foi utilizada a metodologia de LABOURIAU *et al.* (1961) com projeção de um retículo da lâmina micrométrica, com con-

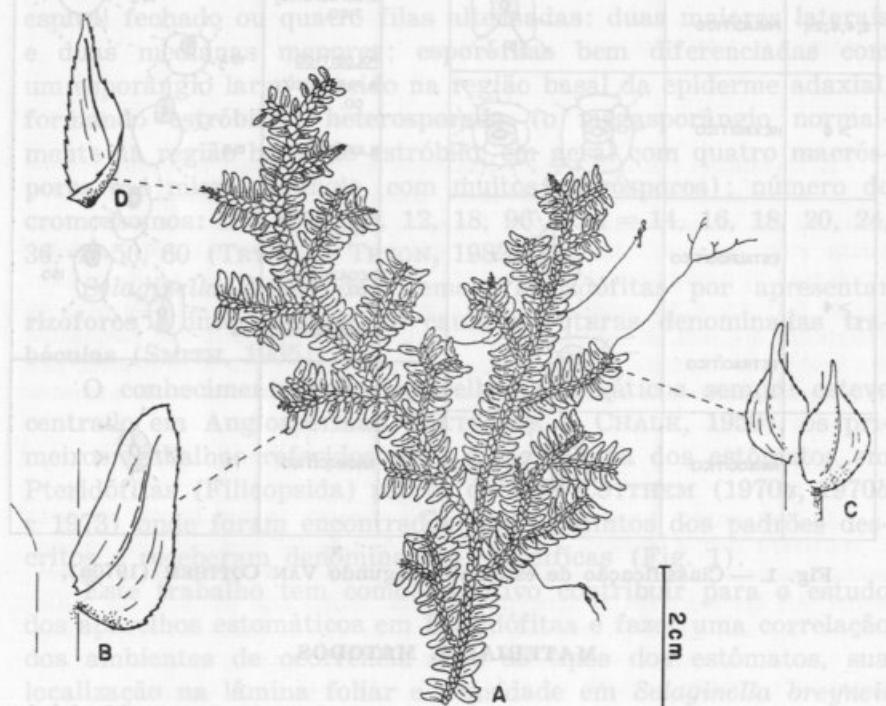


Fig. 2. — *Selaginella breyneii* Spring ex Bhar 03616. A — Hábito; B — Micrófila lateral, 32 \times ; C — Esporófila, 32 \times ; D — Micrófila central, 32 \times .

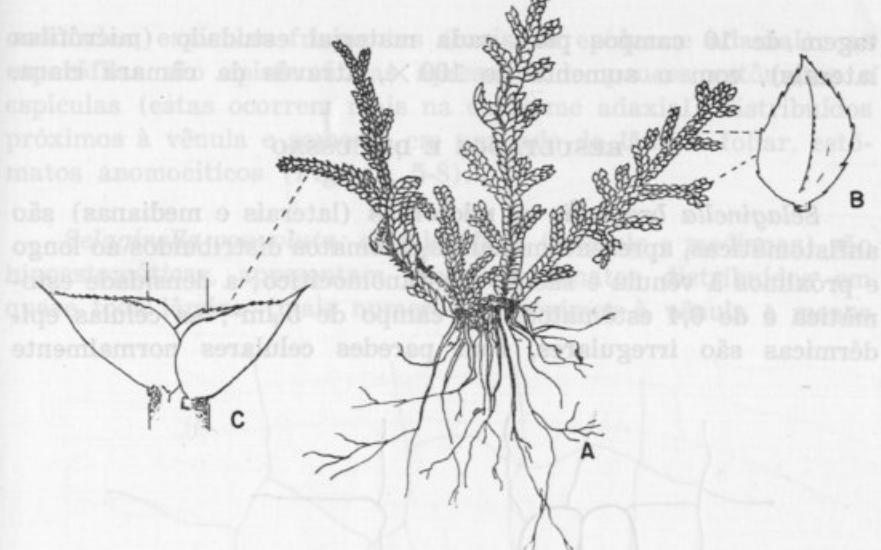


Fig. 3. — *Selaginella covoluta* (Arn.) Spring 06279. A — Aspecto geral.
B — Micrófila, 32 \times ; C — Esporófila, 32 \times .

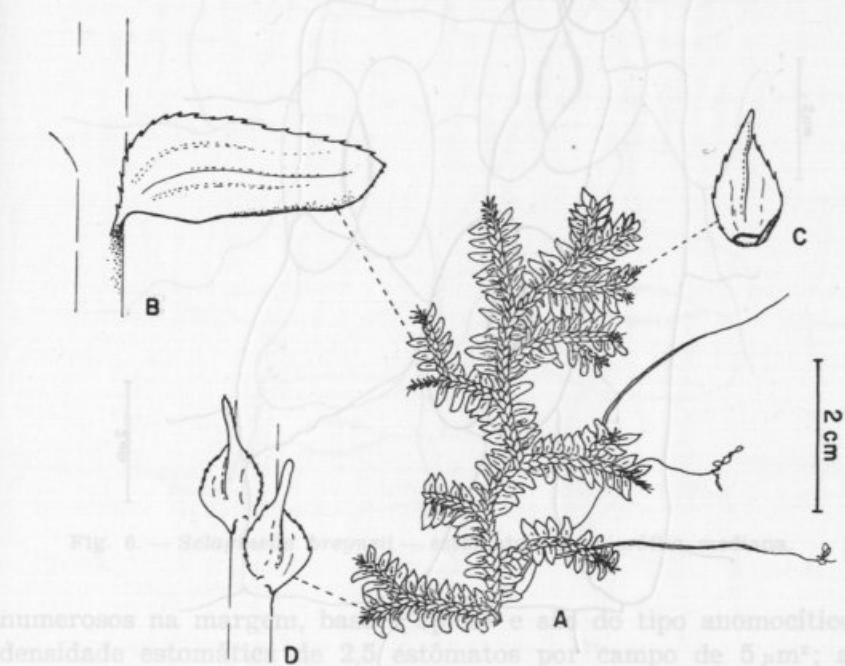


Fig. 4. — A-D — *Selaginella muscosa*. A — Aspecto geral; B — Micrófila lateral, 32 \times ; C — Esporófilo, 32 \times ; D — Micrófila central, 32 \times .

tagem de 10 campos para cada material estudado (micrófilas laterais), com o aumento de $100\times$, através da câmara clara.

RESULTADOS E DISCUSSAO

Selaginella breyneii: as micrófilas (laterais e medianas) são anfistomáticas, apresentam poucos estômatos distribuídos ao longo e próximos à vênula e são do tipo anomocítico; a densidade estomática é de 0,4 estômatos, por campo de $5\mu\text{m}^2$; as células epidérmicas são irregulares, com paredes celulares normalmente

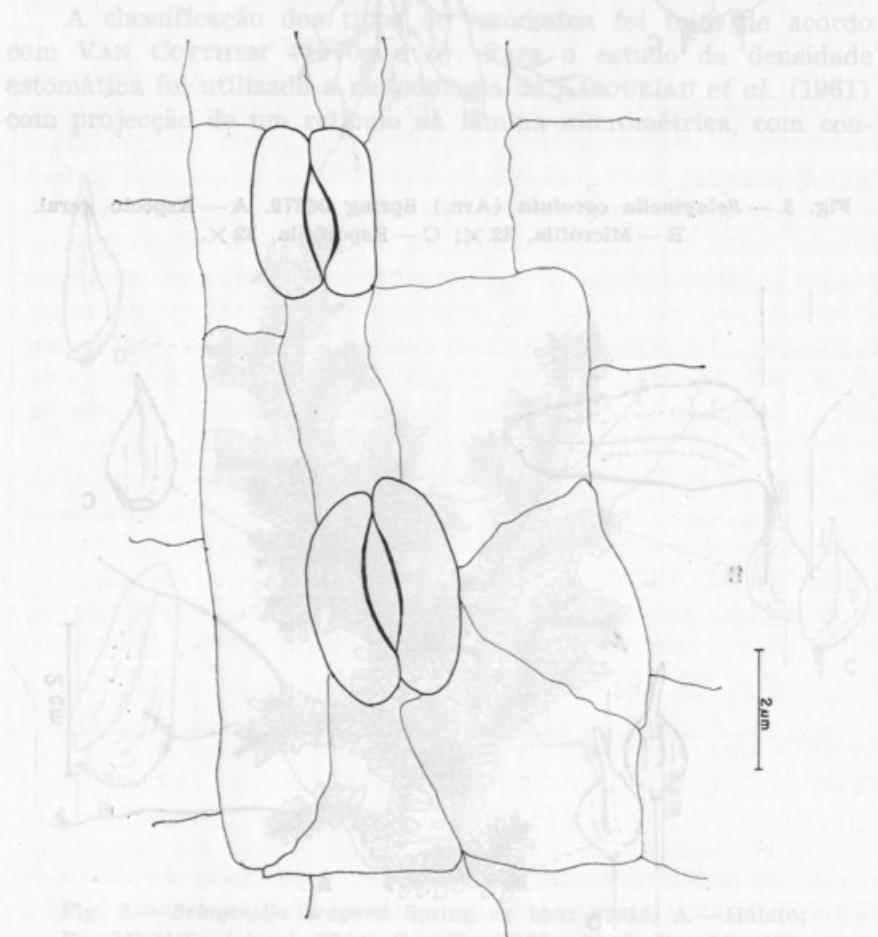


Fig. 5 — *Selaginella breyneii* — estômatos da micrófila lateral.

onduladas, espículas frequentes (mais na epiderme adaxial); as **esporófilas** são epistomáticas apresentando poucos estômatos e espículas (estas ocorrem mais na epiderme adaxial) distribuídos próximos à vênula e somente em um lado da lâmina foliar, estômatos anomocíticos (Figs. 2, 5-8).

Selaginella convoluta: as **micrófilas** (laterais e medianas) são hipoestomáticas, apresentam muitos estômatos distribuídos em quase toda lâmina (mais numerosos próximos à vênula e menos

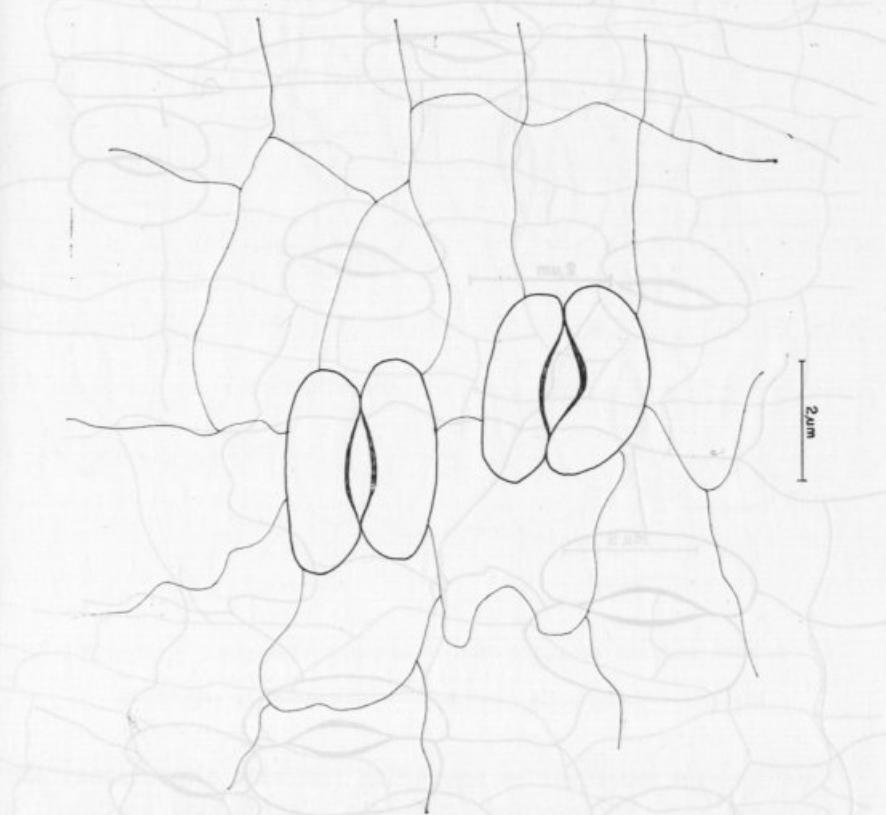


Fig. 6. — *Selaginella breyneii* — estômatos da micrófila mediana.

numerosos na margem, base e ápice) e são do tipo anomocítico; densidade estomática de 2,5 estômatos por campo de $5\text{ }\mu\text{m}^2$; as células epidérmicas são irregulares com paredes celulares normalmente retas, não apresentando espículas; as **esporófilas** são

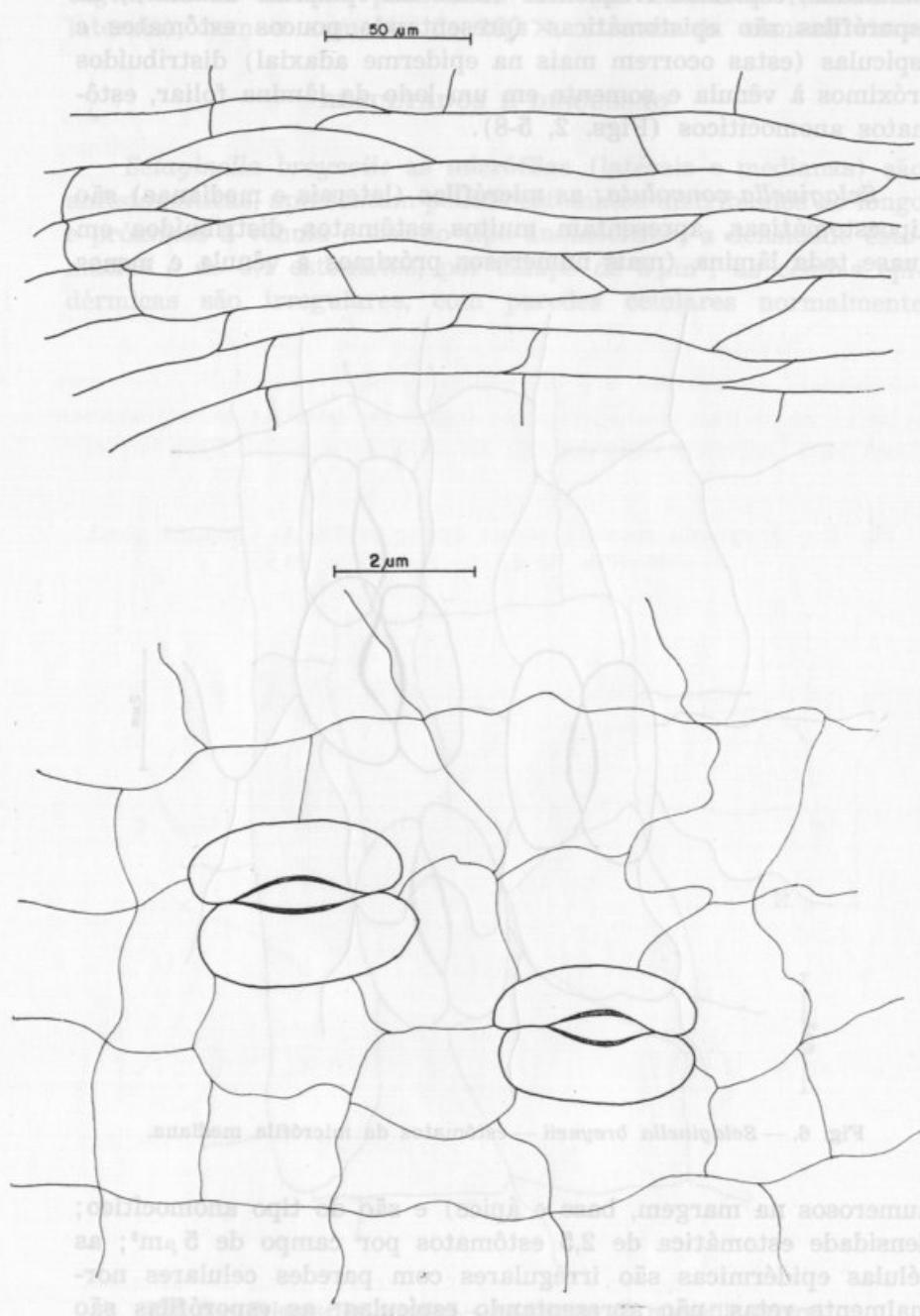


Fig. 7. — *Selaginella breynei* — estômatos da esporófila.

Fig. 8. — *Selaginella breynei* — espículas na epiderme foliar.

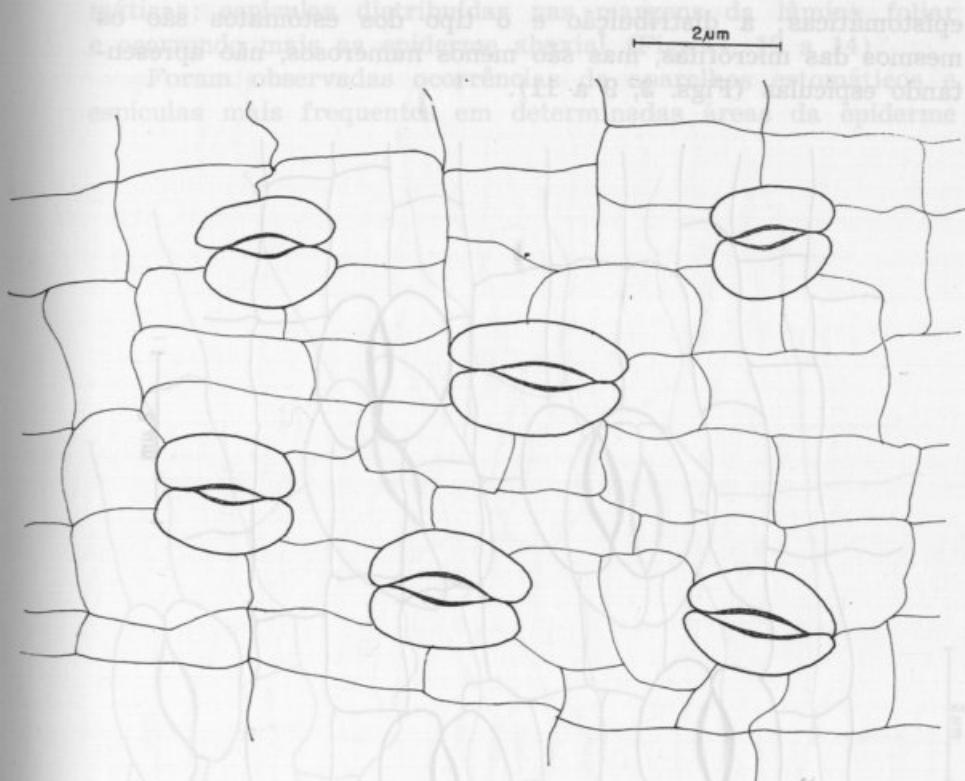


Fig. 9.—*Selaginella convoluta*—estômatos da micrófilla lateral.

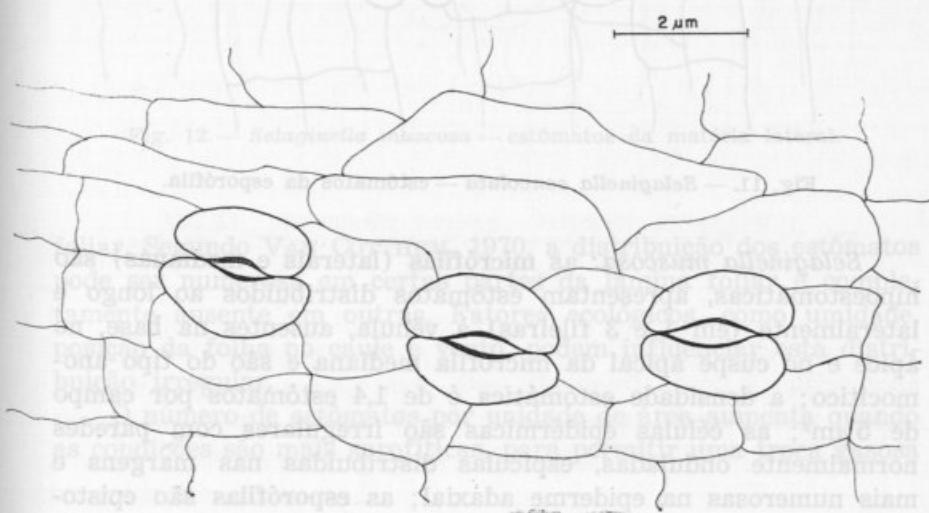


Fig. 10.—*Selaginella convoluta*—estômatos da micrófilla mediana.

epistomáticas; a distribuição e o tipo dos estômatos são os mesmos das micrófilas, mas são menos numerosos, não apresentando espículas (Figs. 3, 9 a 11).

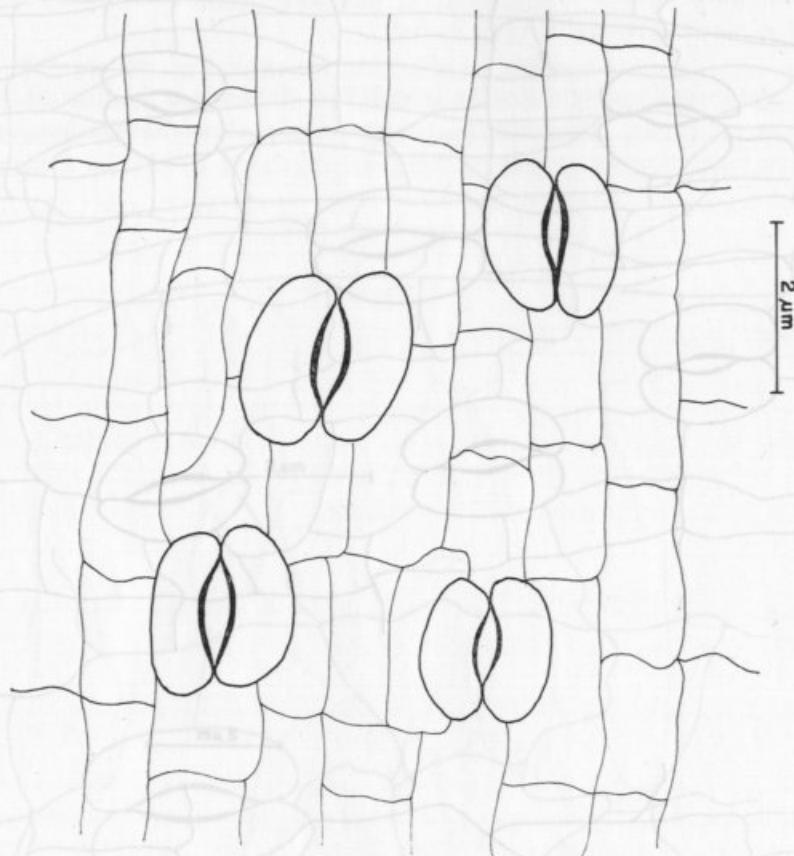


Fig. 11. — *Selaginella convoluta* — estômatos da esporófila.

Selaginella muscosa: as micrófilas (laterais e medianas) são hipoestomáticas, apresentam estômatos distribuídos ao longo e lateralmente (em 1 e 3 fileiras) à vênula, ausentes na base, no ápice e no cuspe apical da micrófila mediana e são do tipo anomocítico; a densidade estomática é de 1,4 estômatos por campo de $5 \mu\text{m}^2$; as células epidérmicas são irregulares com paredes normalmente onduladas, espículas distribuídas nas margens e mais numerosas na epiderme adaxial; as esporófilas são episto-

máticas; espículas distribuídas nas margens da lâmina foliar e ocorrendo mais na epiderme abaxial (Figs. 4, 12 a 14).

Foram observadas ocorrências de aparelhos estomáticos e espículas mais frequentes em determinadas áreas da epiderme

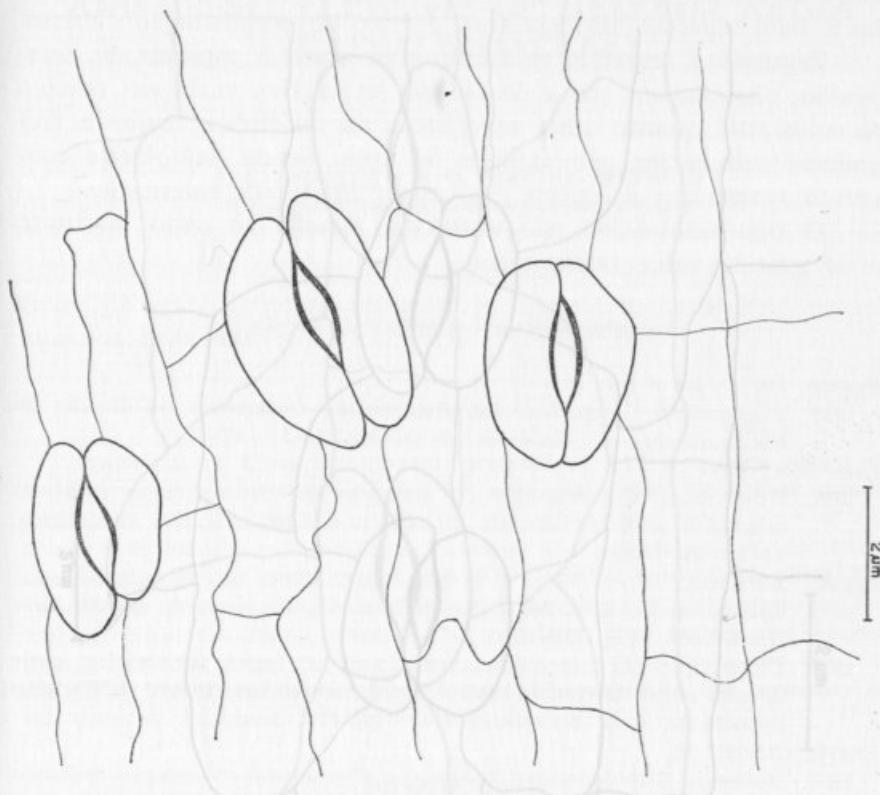


Fig. 12. — *Selaginella muscosa* — estômatos da matéria lateral.

foliar. Segundo VAN COTTHEM, 1970, a distribuição dos estômatos pode ser numerosa em certas partes da lâmina foliar e completamente ausente em outras. Fatores ecológicos, como umidade, posição da folha no caule e vento, podem influenciar esta distribuição irregular.

O número de estômatos por unidade de área aumenta quando as condições são mais xerofíticas, para permitir uma troca gasosa

na epiderme foliar.

mais eficiente nos períodos em que a umidade relativa é alta, quando o perigo de desidratação excessiva é mínimo (LLERAS, 1977) esta afirmação está de acordo com os resultados apresentados.

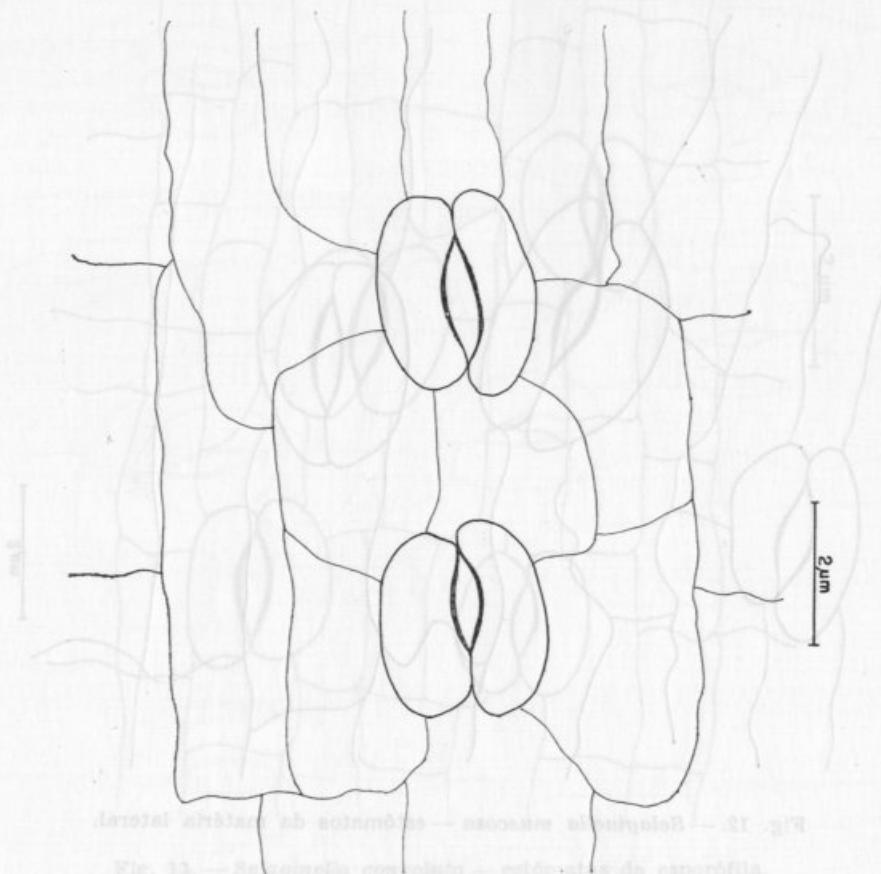


Fig. 13. — *Selaginella muscosa* — estômatos da micrófila mediana.

Segundo LLERAS (1977a e b) o aparelho estomático do tipo anomocítico é muito frequente, está presente em 85 gêneros estudados, não estando presente em Marattiaceae Loxsomaceae ou Davalliaceae e, nas Polypodiaceae, só nos fetos Gramniticos.

mais numerosas na epiderme adaxial; as esporofílias são episto-

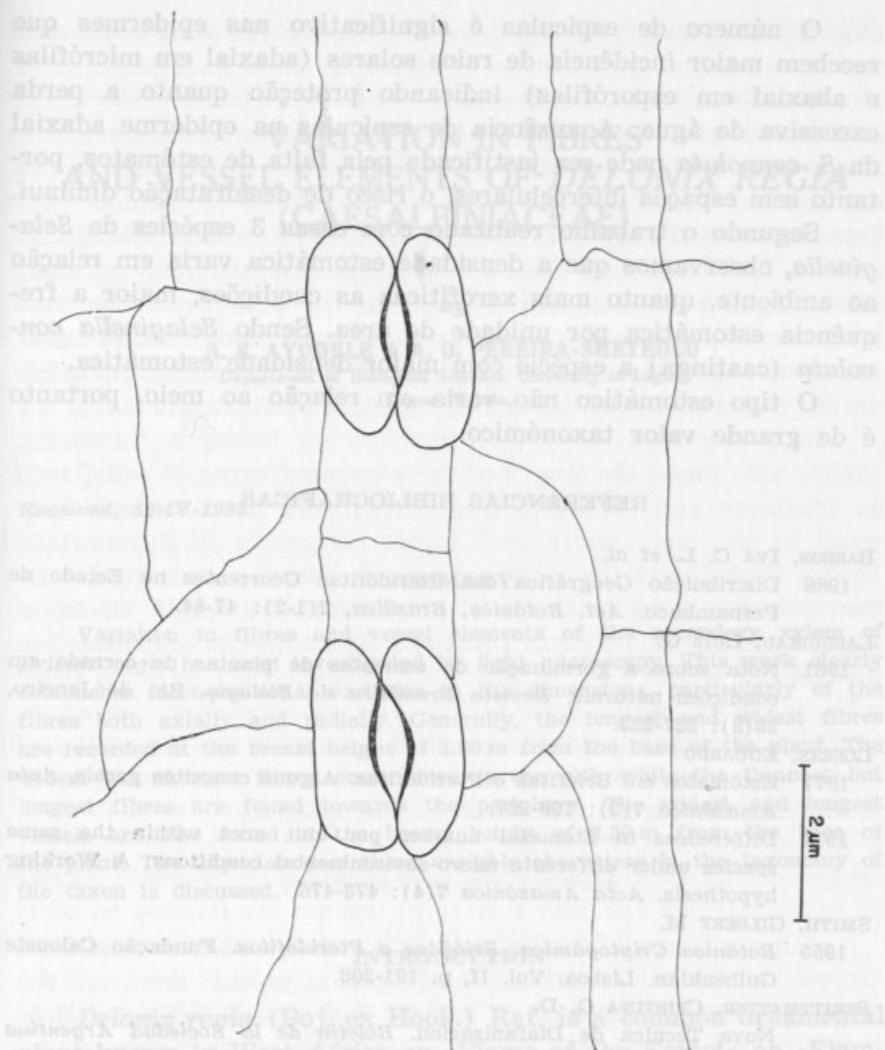


Fig. 14. — *Selaginella muscosa* — estômatos da esporófila.

CONCLUSÕES

A distribuição dos estômatos e espículas nas micrófilas (laterais e medianas) é semelhante na mesma espécie, mas é diferente entre espécies; quanto às esporófilas, a distribuição é semelhante entre as espécies. As esporófilas diferem das micrófilas da mesma espécie pela ocorrência dos estômatos e espículas na epiderme foliar.

O número de espículas é significativo nas epidermes que recebem maior incidência de raios solares (adaxial em micrófilas e abaxial em esporófilas) indicando proteção quanto a perda excessiva de água. A ausência de espículas na epiderme adaxial da *S. convoluta* pode ser justificada pela falta de estômatos, portanto sem espaços intercelulares, o risco de desidratação diminui.

Segundo o trabalho realizado com essas 3 espécies de *Selaginella*, observamos que a densidade estomática varia em relação ao ambiente, quanto mais xerofíticas as condições, maior a frequência estomática por unidade de área. Sendo *Selaginella convoluta* (caatinga) a espécie com maior densidade estomática.

O tipo estomático não varia em relação ao meio, portanto é de grande valor taxonómico.

REFERÉNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, IVA C. L. et al.
 1988 Distribuição Geográfica das Pteridófitas Ocorrentes no Estado de Pernambuco. *Act. Botânica, Brasílica*, 2(1-2): 47-84.
- LABOURIAU, LUIZ G.
 1961 Nota sobre a germinação de sementes de plantas de cerrado em condições naturais. *Revista Brasileira de Biologia*, Rio de Janeiro, 23(3): 227-237.
- LLERAS, EDUARDO
 1977 Estômatos em Briófitas e Pteridófitas. Alguns conceitos gerais. *Acta Amazônica* 7(2): 199-207.
 1977 Differences in Stomatal number per unit area within the same species under different micro-environmental conditions: A Working hypothesis. *Acta Amazônica* 7(4): 473-476.
- SMITH, GILBERT M.
 1955 *Botânica Criptogâmica. Briófitos e Pteridófitos*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Vol. II, p. 191-203.
- STRITTMATTER, CRISTINA G. D.
 Nova Técnica de Diafanização. *Boletín de la Sociedad Argentina de Botánica*, vol. XV (1).
- TRYON, R. & TRYON, A.
 1982 *Ferns and Allied Plants with Special reference to Tropical America*. New York, Springer-Verlag. p. 1-357.
- VAN CO THEM, W. R. J.
 1970 Comparative morphological study of the Stomata in the Filicopsida. *Bull. Nat. Plantentum. Belg.* 40: 81-239.
 1970 A classification of Stomatal Types. *Bot. Journ. of the Linnean Society*. Vol. 63: 235-246.
 1970 Stomatal types and Systematics. *Bot. Journ. of the Linnean Society*. Vol. 67: 59-71.

Intergenerational variability has been studied in secondary xylem of *Delonix regia* (Boj. ex Hook.) at different heights from the ground. The plant was found to have two distinct growth zones, one near the base and another near the top, which were clearly demarcated by a thin layer of pith.

VARIATION IN FIBRES AND VESSEL ELEMENTS OF *DELONIX REGIA* (*CAESALPINIACEAE*)

by

A. E. AYODELE & A. O. PEREIRA-SHETEOLU

Department of Biological Sciences, University of Lagos,
Lagos, Nigeria.

Received, 30-IV-1993.

SUMMARY

Variation in fibres and vessel elements of the secondary xylem of *Delonix regia* has been investigated by light microscopy. This work clearly establishes inter-positional variation in the dimensions, particularly of the fibres both axially and radially. Generally, the longest and widest fibres are recorded at the breast height of 1.30 m from the base of the plant. The widest but shortest fibres occur towards the pith while the thinnest but longest fibres are found towards the periphery. The widest and longest vessels are also found at the breast height of 1.30 m from the base of the plant. The importance of these variable characters in the taxonomy of the taxon is discussed.

INTRODUCTION

Delonix regia (Boj. ex Hook.) Raf. is a common ornamental plant known in West Africa as «Flame of the Forest» or «Flamboyant» but now spontaneous in many localities (HUTCHINSON & DALZIEL, 1954). The plant is a widely grown decorative tree and a native of Madagascar but now grown in all parts of the tropics. The leaves are compound bipinnate with small and feathery leaflets. Flowers are bright scarlet mixed with yellow in colour, and comprise of 10 stamens with long, red filaments (IRVINE, 1961). Timber obtained from this plant is reported to be fairly resistant to moisture and insects. Also, the stem exudes yellow or reddish-brown latex which is a source of watersoluble

gum (IRVINE, 1961). Furthermore, the bark of the stem is reputed for its medicinal purposes in Indo-China (BURKILL, 1935).

Studies in the cell dimensions of wood particularly the fibres and vessel elements have shown that the cells vary in their dimensions with respect to their positions in the plant. The works of HARTIG, STAUFFER, as well as, PRITCHARD & BAILEY (cf. DINWOODIE, 1961) lay credence to this fact. In some of the species studied by them, they observed a progressive decrease in wood fibre length with increase in height of the plant from the base of the trunk to the apex. BISSET & DADSWELL (1949) showed that fibres increase in length from the centre of the trunk outwards within one tree of *Eucalyptus regnans* F. V. M.

In both gymnosperms and angiosperms, BISSET & DADSWELL (1950) also found the length of the elongated types of cells, such as tracheids and fibres, increases from the first formed early wood to the last formed late wood. PHILIPSON & BUTTERFIELD (1967) stated that the shorter elements found at the top of the tree occur as a result of the trend of horizontal length variation from cambium to periderm which varies in the vertical direction to such an extent that a reduction in cell length occurred along with enhanced radial growth. The aim of this work, therefore, is to investigate the variation which occurs in the dimension of fibres and vessel elements, radially and axially in *D. regia*, as a contribution to the taxonomy of the species.

MATERIALS AND METHOD

A large tree of *D. regia* was felled at the Obafemi Awolowo University, Ile-Ife, Nigeria, by cutting it at ground level and the stem marked at intervals of 0.20 m, 1.30 m and 2.60 m (breast height), and 3.00 m, 3.60 m, 4.10 m and 4.40 m from the ground level on the bole towards the highest branch. Wood discs of about 7.50 cm thick were sliced-off from these marked points and used to determine the radial variation in the cell dimensions. The discs were marked at three points, viz. 1.50 cm, 3.50 cm and 5.50 cm, from the periphery towards the pith. Pieces of wood were chipped off from these points, cut into thin slices and macerated in SCHULTZE's fluid [2 % Potassium trioxonitrate (V) dissolved in concentrated trioxonitrate (V) acid]. For the maceration technique, the materials were placed in glass vials and

the macerating liquid added and the set-up were kept in the fume chamber in the laboratory.

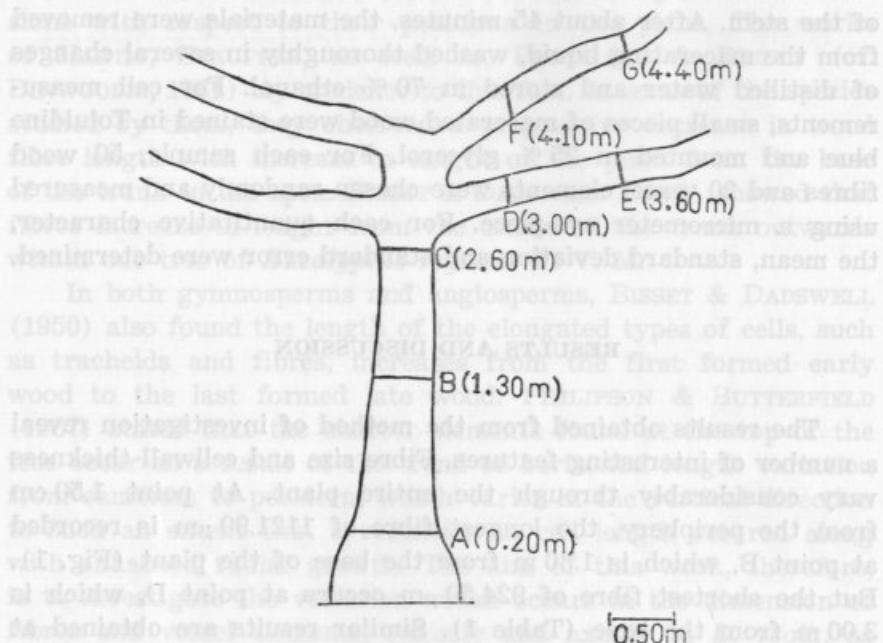
Pieces of wood were also taken from other marked points and macerated so as to determine variation along the height of the stem. After about 45 minutes, the materials were removed from the macerating liquid, washed thoroughly in several changes of distilled water and stored in 70% ethanol. For cell measurements, small pieces of macerated wood were stained in Toluidine blue and mounted in 25% glycerol. For each sample, 50 wood fibres and 20 vessel elements were chosen randomly and measured using a micrometer eye-piece. For each quantitative character, the mean, standard deviation and standard error were determined.

RESULTS AND DISCUSSION

The results obtained from the method of investigation reveal a number of interesting features. Fibre size and cellwall thickness vary considerably through the entire plant. At point 1.50 cm from the periphery, the longest fibre of 1121.90 μm is recorded at point B, which is 1.30 m from the base of the plant (Fig. 1). But the shortest fibre of 924.50 μm occurs at point D, which is 3.00 m from the base (Table 1). Similar results are obtained at point 3.50 cm from the periphery as the longest and shortest fibres of 1069.40 μm and 855.40 μm respectively occur at points B and D. However, at point 5.50 cm from the periphery, the longest fibre of 1060.80 μm occurs at point B but the shortest fibre of 716.20 μm is recorded at point E (Table 1).

At point 1.50 cm from the periphery, the widest fibre of 33.40 μm occur at point B while the smallest fibre of 23.90 μm occurs at point E (Table 1). Similarly, at point 3.50 cm from the periphery, the widest and the narrowest fibres of 33.40 μm and 23.40 μm respectively occur at points B and E. However, at point 5.50 cm from the periphery, the widest fibre of 37.00 μm occurs at point B while the narrowest fibre of 25.20 μm occurs at point D (Table 1). At point 1.50 cm from the periphery, the thickest fibre wall of 7.50 μm occurs at point C while the thinnest fibre of 5.50 μm is recorded at point B (Table 1). At point 3.50 cm from the periphery, the thickest wall of 7.30 μm is recorded at point F while the thinnest 5.50 μm occurs at point G.

At point 5.50 cm from the periphery, the thinnest wall of $6.20\text{ }\mu\text{m}$ occurs at point G while the thickest wall of $7.50\text{ }\mu\text{m}$ is recorded at point F (Table 1).



In both gymnosperms and angiosperms, BISSET & DADSWELL (1950) also found the length of vessels to increase in elongated types of cells, such as tracheids and fibres, from the first formed early wood to the last formed late wood. PHILIPSON & BUTTERFIELD (1967) suggested that the elongated fibres have existed since the earliest wood formation and that the reduction in fibre length in the late wood is due to the formation of the periderm. This agrees with the suggestion of BISSET & DADSWELL (1950) that elongated types of cells increase in length from the first formed early wood (those at the periphery) to the last formed late wood.

Fig. 1.—Semi-diagrammatic sketch of *D. regia* showing the different sampling points on the stem and branches.

The size of vessels also vary considerably at the different points examined. The variation recorded is from $251.60\text{ }\mu\text{m}$ at point B to $148.80\text{ }\mu\text{m}$ recorded at point D. Similarly, the width varies from $28.20\text{ }\mu\text{m}$ at point D to $98.50\text{ }\mu\text{m}$ at point B (Table 2). It would be observed that the fibre length decreases from the base of the plant upwards to the top. This is in conformity with the proposition of PHILIPSON & BUTTERFIELD (1967). They attributed this to changes that occur in the cambium leading to the formation of the periderm. Also, this is in agreement with the suggestion of BISSET & DADSWELL (1950) that elongated types of cells increase in length from the first formed early wood (those at the periphery) to the last formed late wood.

TABLE 1
Variation in fibre sizes and cellwall thickness

Distance from periphery (cm)	1.50						3.50						5.50					
	F. L. ± S. E.	F. W. ± S. E.	C. T. ± S. E.	F. L. ± S. E.	F. W. ± S. E.	C. T. ± S. E.	F. L. ± S. E.	F. W. ± S. E.	C. T. ± S. E.	F. L. ± S. E.	F. W. ± S. E.	C. T. ± S. E.	F. L. ± S. E.	F. W. ± S. E.	C. T. ± S. E.	F. L. ± S. E.	F. W. ± S. E.	C. T. ± S. E.
G (4.40)	993.60 ± 33.40	26.00 ± 0.60	6.80 ± 0.40	880.30 ± 36.90	26.00 ± 1.60	5.50 ± 0.30	901.00 ± 53.70	26.30 ± 1.40	6.20 ± 0.40									
F (4.10)	965.80 ± 42.20	27.80 ± 1.10	7.00 ± 0.40	964.80 ± 21.10	27.30 ± 1.10	7.30 ± 0.50	937.00 ± 52.30	30.90 ± 1.50	7.50 ± 0.60									
E (3.60)	974.40 ± 49.50	23.90 ± 0.90	5.90 ± 0.40	913.00 ± 44.50	23.40 ± 1.10	5.70 ± 0.40	716.20 ± 37.40	27.00 ± 1.00	6.80 ± 0.40									
D (3.00)	924.50 ± 39.90	26.00 ± 0.50	6.20 ± 0.40	855.40 ± 61.60	25.20 ± 0.40	6.50 ± 0.70	721.90 ± 46.40	25.20 ± 0.70	6.80 ± 0.40									
C (2.60)	1106.50 ± 23.70	29.10 ± 0.60	7.50 ± 0.20	1027.00 ± 18.90	27.10 ± 0.30	6.80 ± 0.20	1014.70 ± 19.20	28.90 ± 0.40	6.80 ± 0.20									
B (1.30)	1121.90 ± 28.20	33.40 ± 0.60	5.50 ± 0.20	1069.40 ± 25.00	33.40 ± 0.80	5.90 ± 0.20	1060.80 ± 20.70	37.00 ± 0.60	6.60 ± 0.20									
A (0.20)	1035.50 ± 24.40	27.90 ± 0.50	6.80 ± 0.20	1020.30 ± 20.60	28.70 ± 0.50	7.00 ± 0.20	970.10 ± 17.80	29.50 ± 0.60	7.10 ± 0.30									

F. L.—Fibre length; F. W.—Fibre width; C. T.—Cell wall thickness.

The concentration of the longest and widest fibres at the breast (1.30 m) may not be unconnected with the burden of the load of the vegetative and floral parts shouldered by that portion of the plant. However, the age of a tree as in *D. regia* is likely to influence the dimensions and general structure of

TABLE 2
Variation in vessel sizes

Height from plant base (metres)	Mean vessel size \pm STD error (μm)	
	Length	Width
G (4.40)	154.20 \pm 15.20	46.60 \pm 4.20
F (4.10)	153.10 \pm 12.30	35.00 \pm 2.00
E (3.60)	168.30 \pm 16.30	69.20 \pm 11.50
D (3.00)	148.80 \pm 21.60	28.20 \pm 2.40
C (2.60)	163.70 \pm 10.90	39.70 \pm 1.90
B (1.30)	251.60 \pm 19.90	98.50 \pm 17.00
A (0.20)	203.70 \pm 21.60	60.40 \pm 11.70

the individual elements in the tree. This work has clearly established interpositional variation in the dimensions particularly of the fibres both axially and radially. Variation in fibre length and width along the tree axially and radially is generally accepted to be connected with the changes in size of the fusiform initials of the cambium (DINWOODIE, 1961). This is because the secondary xylem is always affected by the irregular activity of the cambium, a factor which is in itself dictated by season.

ACKNOWLEDGEMENTS

The authors wish to thank Dr. O. A. OLATUNJI and Dr. W. M. KPIKPI of the Department of Botany, Obafemi Awolowo University, Ile-Ife, for their useful contributions and suggestions.

REFERENCES

- BISETT, I. J. W. & DADSWELL, H. E.
 1949 The variation of fibre length with one tree of *Eucalyptus regnans* F. V. M. *Australian Forestry* 13: 86-89.
 1950 The variation in cell length within one growth of certain angiosperms and gymnosperms. *Australian Forestry* 14: 17-29.

- BURKILL, I. H.
 1935 *Economic Products of Malay Peninsula*. Oxford University Press, London.
- DINWOODIE, J. M.
 1961 Tracheid and Fibre length in timber. A review of literature. *Forestry* 34: 125-144.
- HUTCHINSON, J. & DALZIEL, J. M.
 1954 *Flora of West Tropical Africa*. Vol. I, Part 2. Crown Agents for Overseas Govt., London.
- IRVINE, F. R.
 1961 *Woody Plants of Ghana*. Oxford University Press, London.
- PHILIPSON, W. R. & BUTTERFIELD, B. G.
 1967 A theory of the causes of size variation in wood elements. *Phyto-morphology* 17: 155-159.

Recibido em 26-V-1968.

SUMARIO

Foram observadas as formas de reprodução secunda e as células iniciais de *Cocconeis placentula* Ehr. e de *Amphora vesicaria* Kutz. em populações diatomáceas naturais recolhidas em Murta, uma das estações de amostragem do Rio Córrego.

Para além das duas espécies referidas, na comunidade diatomária natural dominava ainda uma outra espécie, *Achnanthus hungaricus* Grun.

Os auxospores de *Cocconeis placentula* bastante mais numerosos do que os de *Amphora vesicaria*, são largamente elípticos e revestidos por uma espessa camada mucilaginosa. A ornamentação frutular da célula inicial é muito diferente da das células vegetativas. Neix, ambas as valvas são arraideadas e diferentemente ornamentadas.

Os auxospores de *Amphora vesicaria*, largamente elípticos, apresentam um tecido e fino revestimento mucilaginoso e as células iniciais possuem uma frustula cuja ornamentação é muito semelhante à das células vegetativas, excepto na área central.

ABSTRACT

Sexual reproductive stages and initial cells of *Cocconeis placentula* Ehr. and *Amphora vesicaria* Kutz. were observed in natural diatomic population. The samples were taken from Murta, one of the sampling localities on Córrego River.

Achnanthus hungaricus Grun. is another species that is dominant in natural community.

The auxospores of *Cocconeis placentula* were more abundant than those of *Amphora vesicaria*. They are largely elliptic and they are covered by a thick mucilaginous layer.

The concentration of the longest and widest fibres around the vascular bundle may not be unconnected with elimination of the load of the vegetative and floral parts should it be that position of the plant. However, the age of the tree is likely to influence the dimensions and general structure of the wood.

Variation in vessel size

Height from root centimetres above base of stem	Diameter mm	Average width mm
G (6.40)	124.30 ± 18.20	46.60 ± 4.20
F (6.10)	153.10 ± 32.30	35.00 ± 2.00
E (5.60)	168.80 ± 16.50	45.20 ± 13.50
D (3.00)	148.80 ± 31.80	35.20 ± 2.40
C (2.60)	162.70 ± 10.90	39.20 ± 3.90
B (1.30)	201.60 ± 19.90	46.00 ± 17.00
A (0.20)	203.70 ± 21.80	53.40 ± 11.70

the individual elements in the tree. This work has clearly established interpositional variation in the dimensions particularly of the fibres both axially and radially. Variation in fibre length and width along the tree axially and radially is generally accepted to be connected with the changes in size of the fusiform initials of the cambium (Dorwood, 1981). This is because the secondary xylem is always affected by the irregular activity of the cambium, a factor which is in itself dictated by season.

ACKNOWLEDGEMENTS

The authors wish to thank Dr. O. A. OLATUNJI and Dr. W. M. KRIKPI of the Department of Botany, Obafemi Awolowo University, Ile-Ife, for their useful contributions and suggestions.

REFERENCES

- Bisset, I. J. W. & Dawsell, H. E.
 1949 The variation of fibre length with one tree of *Eucalyptus regnans*.
 P. V. M. *Australian Forestry* 13: 58-63.
 1950 The variation in cell length within one growth of certain angiosperms and gymnosperms. *Australian Forestry* 14: 17-29.

avaliar-se-ão mais detalhadas as espécies diatomáceas do ponto de vista da sua ornamentação e da sua estrutura morfológica das espécies. Deste modo, é possível obter uma visão mais completa da estrutura e da ornamentação das células iniciais de

CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DA REPRODUÇÃO SEXUADA EM *BACILLARIOPHYCEAE*

AUXÓSPOROS E CÉLULAS INICIAIS DE COCCONEIS *PLACENTULA* EHR. E *AMPHORA VENETA* KUTZ.

MARIA CÂNDIDA P. GIL

Departamento de Biologia — Universidade de Aveiro

Recebido em 28-V-1993.

SUMARIO

Foram observadas as formas de reprodução sexuada e as células iniciais de *Cocconeis placentula* Ehr. e de *Amphora veneta* Kutz. em populações diatomológicas naturais recolhidas em Murta, uma das estações de amostragem do Rio Cértima.

Para além das duas espécies referidas, na comunidade diatomólica natural, dominava ainda uma outra espécie, *Achnanthes hungarica* Grun.

Os auxósporos de *Cocconeis placentula* bastante mais numerosos do que os de *Amphora veneta*, são largamente elípticos e revestidos por uma espessa camada mucilaginosa. A ornamentação frutular da célula inicial é muito diferente da das células vegetativas. Nela, ambas as valvas são arrafideas e diferentemente ornamentadas.

Os auxósporos de *Amphora veneta*, longamente elípticos, apresentam um ténue e fino revestimento mucilaginoso e as células iniciais possuem uma frústula cuja ornamentação é muito semelhante à das células vegetativas, excepto na área central.

ABSTRACT

Sexual reproductive stages and initial cells of *Cocconeis placentula* Ehr. and *Amphora veneta* Koëtz. were observed in natural diatomic population. The samples were taken from Murta, one of the sampling locals on Cértima river.

Achnanthes hungarica Grun. is another specie that is dominant in natural community.

The auxospores of *Cocconeis placentula* were more abundant than those of *Amphora veneta*. They are largely elliptic and they are covered by a thick mucilaginous layer.

The initial cell ornamentation is very different from the vegetative cells. The valves of initial cells are both araphids but with different valvar ornamentation.

The *Amphora veneta* auxospore are extensively elliptic and covered by a thin mucilaginous wall of polysacharide material. The ornamentation of both, the initial and the vegetative cells is very similar, but the central area ornamentation is quite distinct.

INTRODUÇÃO

COMO consequência do trabalho de investigação que temos vindo a efectuar sobre a ecologia das Diatomáceas da região Centro-Litoral de Portugal, temos observado, com relativa frequência, a divisão celular vegetativa destas Algas.

O trabalho de rotina tem-nos permitido analisar numerosas formas de reprodução assexuada de diversificadas espécies, nomeadamente de *Achnanthes hungarica* Grunow, *Achnanthes lanceolata* de Brébisson, *Achnanthes saxonica* Krasske, *Caloneis bacillum* (Grun.) Mereschkowsky, *Peronia fibula* (de Brébisson & Arnott) Ross, *Rhoicosphenia curvata* (Kutz.) Grunow, etc.

Contrastando com a frequência e a quase «vulgaridade» com que examinamos este tipo de reprodução, a reprodução sexuada das Diatomáceas nunca tinha por nós sido observada a não ser em *Melosira varians* C. A. Agardh.

Uma amostra, particularmente rica em *Cocconeis placentula*, *Amphora veneta* e *Achnanthes hungarica*, deu-nos a rara oportunidade de conhecer as formas de reprodução sexuada destas espécies, em populações naturais.

Como é do conhecimento geral, a reprodução das Diatomáceas faz-se fundamentalmente por reprodução celular vegetativa. Este processo leva, a uma gradual redução do tamanho celular, uma vez que, as novas valvas (hipovalvas) são sempre formadas por dentro das valvas maternas herdadas (CRAWFORD, 1981; MIZUNO, 1987).

Segundo MANN (1984), quando as dimensões das frústulas atingem dimensões que se encontram dentro de determinados limites mínimos, variáveis de espécie para espécie, ocorrem transformações fisiológicas que levam a célula a «produzir» gâmetas.

As condições ambientais que induzem as células vegetativas a transformarem-se em potenciais gametângios são, particular-

mente, no caso das Pennales, desconhecidas para a maior parte das espécies (DREBES, 1977).

Após alguns anos de estudo de populações naturais e de análise dos mais relevantes e comuns parâmetros físico-químicos ambientais, acreditamos, que os factores responsáveis por aquela indução, sejam, não só, de natureza biótica (associações específicas definidas, etc.) mas predominantemente de natureza física (foto-período, incidência luminosa, temperatura, etc.).

Neste trabalho referimos alguns aspectos relacionados com a formação do zigoto (auxósporo), das valvas iniciais e das valvas secundárias das espécies *Coccconeis placentula* e *Amphora veneta*.

MATERIAL E MÉTODOS

As colheitas foram feitas em Murta, rio Cértima (RINO & GIL, 1987), respectivamente nos dias 13 e 10 de Setembro de 1989 e 1990.

As Diatomáceas epífitas foram colhidas, por espremedura do rizobentos da margem direita. Na colheita das Diatomáceas potamoplanctónicas foi utilizada uma rede de plâncton, em nylon, de $25\text{ }\mu$ de malha.

Para o estudo da comunidade diatomológica usámos preparações definitivas obtidas por incineração. Esta, é efectuada sobre uma placa polida de ferro fundido, aquecida ao rubro, durante 45 minutos. As lamelas, contendo o material biológico, são colocadas sobre a placa depois de secas à temperatura ambiente.

Estas preparações, que não desagregam as colónias nem ocasionam a desarticulação das valvas, são particularmente favoráveis a este tipo de observações.

O estudo morfológico das valvas iniciais de *Coccconeis placentula* e de *Amphora veneta* foi fundamentalmente feito usando material incinerado. As células gametângiais e os auxósporos foram predominantemente observados e estudados em material não tratado conservado com formol a 5%.

Todas as observações foram feitas num microscópio LABORLUX S equipado com uma objectiva NPL FLUOTAR $100\times$ e com uma câmara fotográfica WILD MPS 52 e um exposímetro automático WILD MPS 46.

A determinação dos mais relevantes parâmetros físico-químicos ambientais também foi efectuada mas, os resultados obtidos serão oportunamente publicados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ambas as espécies estudadas são alogâmicas (GEITLER, 1973) e o par de células vegetativas, que funcionam como gametângios, coloca-se adjacentemente ou com ligeira obliquidade, produzindo depois um nítido invólucro mucilaginoso, que é muito mais espesso em *C. placentula* do que em *A. veneta*.

As duas células vegetativas conjugantes são, em ambos os casos, e tanto quanto pudemos observar, no material conservado, de tamanhos diferentes (Fotos n.^{os} 1 e 2) sendo uma delas sempre bastante maior que a outra.

Ambas as espécies originam por plasmogamia e cariogamia dos dois gametas um único zigoto (auxósporo) que sofre expansão (ROUND, 1990), se torna livre (sem associação às tecas gametangiais) e predominantemente epifítico embora também possa ser potamoplanctónico.

Não temos a certeza, porque não observámos o material vivo, nem efectuámos os necessários estudos citológicos, em culturas, se os zigotos são formados segundo a variante do tipo Ib2 ou Ia1 da nomenclatura de GEITLER (1973).

Formação do auxósporo e morfologia da frústula inicial em *Coccconeis placentula*

Da observação efectuada, em material conservado, parece poder inferir-se que o zigoto (Foto n.^o 3) se forma no interior de uma das frústulas gametangiais após a parcial desarticulação das suas valvas.

Este, depois de libertar-se das valvas da frústula gametangial, sofre uma expansão bipolar e torna-se largamente elíptico, de contornos simétricos ou assimétricos, evidenciando, neste último caso, uma maior convexidade de um dos lados (Fotos n.^{os} 4 e 5). O auxósporo expandido pode atingir dimensões da ordem dos $50 \times 17,5 \mu$.

A construção da frústula inicial começa com a formação da epivalva que é muito menos convexa que a hipovalva. A epivalva

apresenta-se ornamentada por estrias pontuadas, que sendo quase paralelas na área central se tornam convergentes para os polos (Foto n.º 6). O pseudorafe, bem definido, pode ser rectilíneo (Foto n.º 7), tal como o das células vegetativas, ou apresentar um trajecto sigmoide (Foto n.º 8). Os bordos valvares do manto são espessos e possuem uma ornamentação constituída por linhas pontuadas paralelas.

As cinturas conectivas não são observáveis em microscopia óptica; elas estão somente demarcadas, na zona de contiguidade das duas valvas, por uma muito estreita área hialina (Foto n.º 9).

A hipovalva, muito mais acentuadamente convexa que a epivalva, é ornamentada no bordo valvar por linhas pontuadas paralelas (ou aproximadamente paralelas) que se prolongam pelo bordo da área valvar (Foto n.º 10). Perto da área axial, as linhas ornamentais tornam-se convergentes mas distribuem-se de modo irregular. Na hipovalva inicial (Foto n.º 11) não existem rafe nem pseudorafe definidos.

As dimensões das 30 frústulas iniciais observadas variaram entre $50,0 \times 21,2 \mu$ e $41,5 \times 26,5 \mu$. O tamanho médio das frústulas iniciais é de $44,2 \times 24,0 \mu$.

As segundas frústulas, formadas por divisão celular vegetativa da célula inicial (Foto n.º 12), possuem as características das células vegetativas normais, isto é, a hipovalva já apresenta rafe definido (Fotos n.ºs 13-16).

Formação do auxósporo e morfologia da frústula inicial em *Amphora veneta*

O estudo efectuado sobre material conservado tornou evidente que os gâmetas se libertam das duas frústulas gametangiais (Foto n.º 17), que entretanto se destacam da camada orgânica envolvente (Foto n.º 18).

Por expansão bipolar, o zigoto formado pela fusão dos dois gâmetas, torna-se longamente elíptico mas com duas pronunciadas convexidades centrais.

As duas valvas da frústula inicial parecem não serem formadas em simultâneo; tanto quanto pudemos observar, ocorre primeiro a formação de uma das valvas e só depois desta concluída, se inicia a construção da outra (Foto n.º 19).

A ornamentação das valvas iniciais, pouco definível ao microscópico óptico, é constituída por estrias que resultam da contiguidade de pontos muito próximos uns dos outros.

Para além das dimensões, a principal diferença existente entre a frústula inicial e a frústula das células vegetativas reside na ornamentação da área central. Na frústula inicial as estrias ornamentais da área central são tão espessadas e tão robustas quanto as dos polos.

As dimensões médias das valvas iniciais são da ordem dos $36,5 \times 12,5 \mu$; algumas formas maiores podem atingir as dimensões de $41,0 \times 15,0 \mu$.

DISCUSSAO

Consoante as raças de *Cocconeis placentula*, o auxósporo (zigoto) pode formar-se por isogamia, anisogamia ou ainda por partenogênese (GEITLER, 1982 in ROUND, 1990).

Todo o estudo efectuado parece indicar que a raça que constitue a população natural recolhida, seja anisogâmica, como acontece com a var. *pseudolineata* (GEITLER, 1930). Esta nossa afirmação baseada apenas na observação do zigoto não expandido, mas sempre incluído no interior de uma das frústulas gametangiais, necessita ainda de ser confirmada por estudos citológicos a realizar, quer em populações naturais quer em culturas laboratoriais.

As valvas das frústulas iniciais são arrafídeas; enquanto a epivalva possui, para além, de um nítido pseudorrafte igual ao das células vegetativas, um a vários fragmentos de pseudorráfes contorcidos, a hipovalva apresenta apenas, e somente em alguns casos, um pseudorrafte contorcido e muito mal definido.

Estas características da hipovalva inicial de *Cocconeis placentula* são nitidamente diferentes das de *Cocconeis placentula* var. *pseudolineata* Geitler que, se conhece, apresentar um pseudorrafte direito e bem definido (GEITLER, 1958a in MANN, 1984). A epivalva inicial, da espécie estudada, também é diferente da de *Cocconeis pediculus* Ehrenb., visto, esta última, apresentar dois ou mais pseudorráfes contorcidos (MANN, 1984).

As valvas com rafe são originadas unicamente após divisão celular vegetativa da célula inicial contrariamente ao que se

observa, em geral, no género *Achnanthes* (MANN, 1984) onde uma das valvas da frústula inicial possue sempre rafe.

Sobre a formação do auxósporo em *Amphora veneta* apenas podemos adiantar que ele parece resultar de uma união isogâmica, após as duas células gametangiais se terem libertado das frútulas. Não sendo do nosso conhecimento, qualquer estudo deste tipo efectuado no género *Amphora*, é absolutamente indispensável a realização de estudos citológicos em populações naturais ou em culturas laboratoriais que possibilitem observações mais conclusivas e, se possível, definitivas.

Do estudo ecológico que temos vindo a efectuar sobre estas duas espécies pudemos perceber que têm uma actividade de auxosporulação bem sincronizada. Esta ocorre dominante mente durante o mês de Setembro mas as valvas iniciais só podem ser detectadas na população apenas durante uma semana. Como a quantidade de auxóporos é muito variável de ano para ano, e é em geral muito pequena, em 1991 não detectámos nas populações naturais nenhuma forma auxosporangial que nos permitisse concluir e confirmar, como desejávamos, as nossas observações.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças ao apoio financeiro do I. N. I. C. o qual agradecemos.

Agradecemos também aos técnicos laboratoriais HÉLIA FERRAZ e RUI MARQUES o auxílio nas colheitas efectuadas.

BIBLIOGRAFIA

- DIETRICH, W. (ed.)
 1977 The Biology of Diatoms. 498 p. Blakwell Scientific Publication.
- DREBES, G.
 1977 Sexuality. in The Biology of Diatoms. Ed. Dietrich Werner: 250-283.
- GEITLER, L.
 1929 Différenciation, Répartition et Détermination du Sexe chez les Diatomées Pennés. Extrait des Archives de Botanique. T. III, Bull. mens., 6: 105-113.
- 1982 Die infraspezifischen Sippen von *Cocconeis placentula* des Lunzer Seebachs. *Arch. Hydrobiol. Suppl.* 63: 1-11.
- HOLMES, R. W.; CRAWFORD, R. M. & ROUND, F. E.
 1982 Variability in the struture of the genus *Cocconeis* Ehr. (*Bacillariophyta*) with special reference to the cingulum. *Phycologia* 21: 370-381.

- LEE, K. & ROUND, E. F.
 1987 Studies on freshwater *Amphora* species. I. *Amphora ovalis*. *Diatom Research* 2(2): 193-203.
- MANN, G. D.
 1984 Structure, life history and systematics of *Rhoicosphenia* (*Bacillariophyta*). V. Initial cell and size reduction in *Rh. curvata* and a description of the *Rhoicospheniaceae* Fam. Nov. *J. Phycol.* 20: 544-555.
- MIZUNO, M.
 1987 Morphological variation of the attached diatom *Cocconeis scutellum* var. *scutellum* (*Bacillariophyceae*). *J. Phycol.* 23: 591-597.
- PATRICK, R. & REIMER, C. W.
 1966 The diatoms of the United States. 1: 688 p. Monogr. n° 13, Acad. Nat. Sci., Philadelphia.
- 1966 The diatoms of the United States. 2(1): 213 p. Monogr. n° 13, Acad. Nat. Sci., Philadelphia.
- ROUND, F. E.; CRAWFORD, R. M. & MANN, D. G.
 1990 The Diatoms. Biology & Morphology of the Genera. Cambridge University Press.

As valvas das frustulas iniciais são arraifeadas, enquanto a epivalva possui, para além, de um nítido pseudorrafte igual ao das células vegetativas, um a vários fragmentos de pseudorrafes contorcidos, a hipovalva apresenta apenas, e somente em alguns casos, um pseudorrafte curvado. Neste caso, o pseudorrafte é direito e bem definido (GESSNER, 1956; GESSNER, 1964). A epivalva inicial, da espécie *Cocconeis pediculus*, é muito diferente da de *Cocconeis pediculus* (*C. ovalis*) e das estreitas (*C. mucronata*; *C. dolosa*), mas pseudorrafes fungostóricos (HANNAH, 1981; HANNAH, 1982) conviriam algo o oposto. Isto é, a hipovalva é dividida cellular vegetativa da célula inicial contrariamente ao que se

As valvas das frustulas iniciais são arraifeadas, enquanto a epivalva possui, para além, de um nítido pseudorrafte igual ao das células vegetativas, um a vários fragmentos de pseudorrafes contorcidos, a hipovalva apresenta apenas, e somente em alguns casos, um pseudorrafte curvado. Neste caso, o pseudorrafte é direito e bem definido (GESSNER, 1956; GESSNER, 1964). A epivalva inicial, da espécie *Cocconeis pediculus*, é muito diferente da de *Cocconeis pediculus* (*C. ovalis*) e das estreitas (*C. mucronata*; *C. dolosa*), mas pseudorrafes fungostóricos (HANNAH, 1981; HANNAH, 1982) conviriam algo o oposto. Isto é, a hipovalva é dividida cellular vegetativa da célula inicial contrariamente ao que se

As valvas das frustulas iniciais são arraifeadas, enquanto a epivalva possui, para além, de um nítido pseudorrafte igual ao das células vegetativas, um a vários fragmentos de pseudorrafes contorcidos, a hipovalva apresenta apenas, e somente em alguns casos, um pseudorrafte curvado. Neste caso, o pseudorrafte é direito e bem definido (GESSNER, 1956; GESSNER, 1964). A epivalva inicial, da espécie *Cocconeis pediculus*, é muito diferente da de *Cocconeis pediculus* (*C. ovalis*) e das estreitas (*C. mucronata*; *C. dolosa*), mas pseudorrafes fungostóricos (HANNAH, 1981; HANNAH, 1982) conviriam algo o oposto. Isto é, a hipovalva é dividida cellular vegetativa da célula inicial contrariamente ao que se

I ATLAS

Foto 1 — Chileno servitgeas ob Chileno pampas

Foto 2 — Chileno servitgeas en jardines de Aconcagua

Foto 3 — Chileno servitgeas que en jardines de Aconcagua

Foto 4 — Chileno servitgeas que en jardines de Aconcagua

Foto 5 — Chileno servitgeas que en jardines de Aconcagua

Foto 6 — Chileno servitgeas que en jardines de Aconcagua

Foto 7 — Chileno servitgeas que en jardines de Aconcagua

Foto 8 — Chileno servitgeas que en jardines de Aconcagua

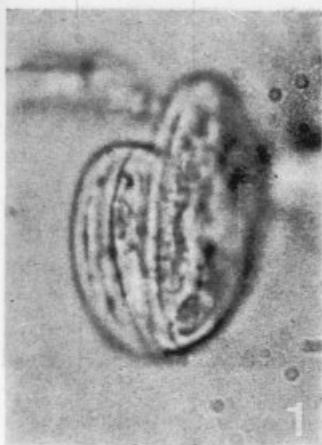
ESTAMPAS

- LAW, K. & FOLKE, E. F. 1957. Studies on the life history of the diatom *Cocconeis placenta*. Part I. Studies on the motile dinoflagellate species *C. placenta* (Goldschmid). *Diatom Research* 2(1), 193-203.
- LEATHA, G. D. 1984. Structure, life history and systematics of *Rhizosolenites* (Bacillariophyta). IV. Initial cell size and size reduction in RH-curves and a key to the genus. A new genus and a new species. *Botan. Not. J. Phytol.* 137: 541-555.
- MARQUES, M. 1967. Morphological variation of the attached dinoflagellate *Coccocycla amphora* (Dinophyceae). *Rev. Bras. Bot.* 10(1): 1-10.

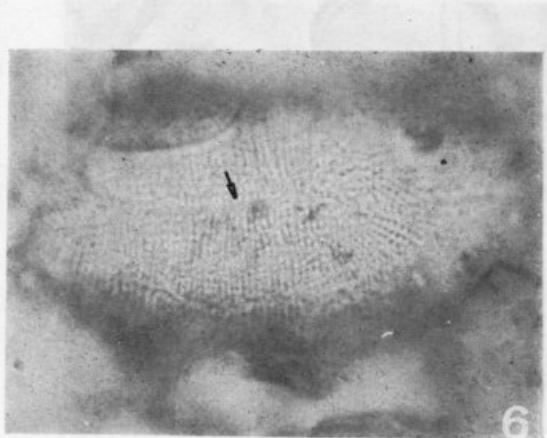
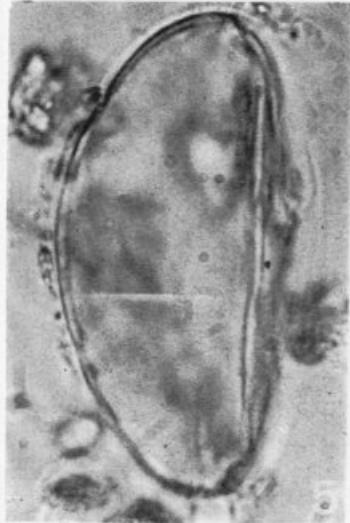
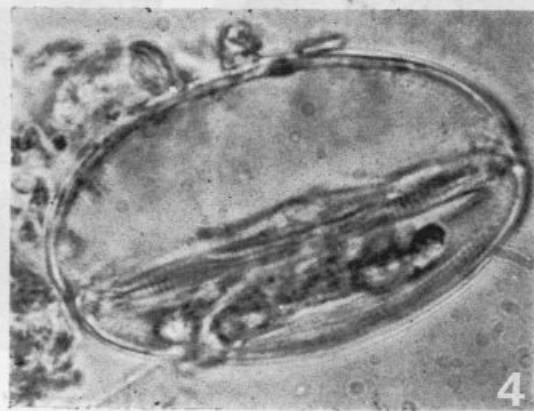
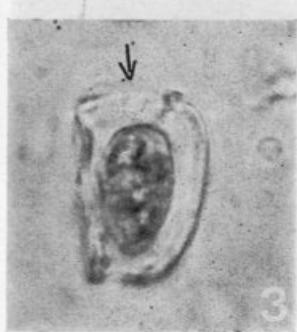
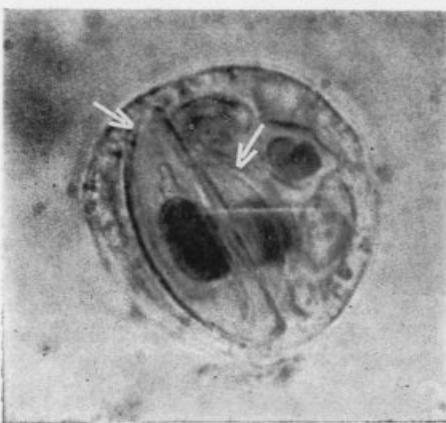
ESTAMPA I

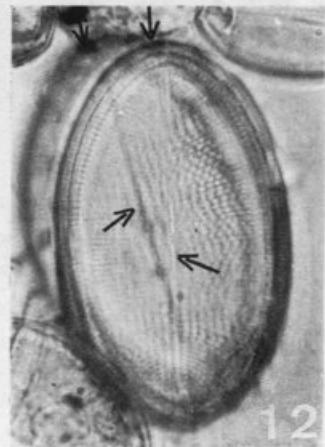
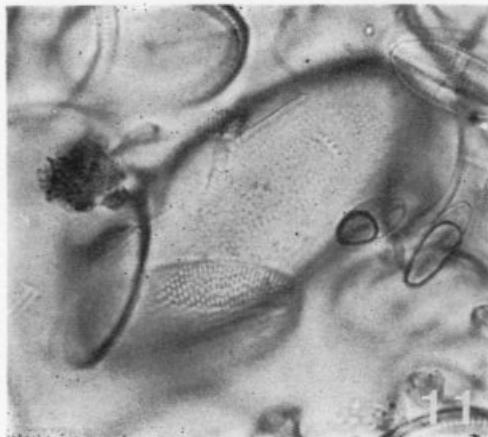
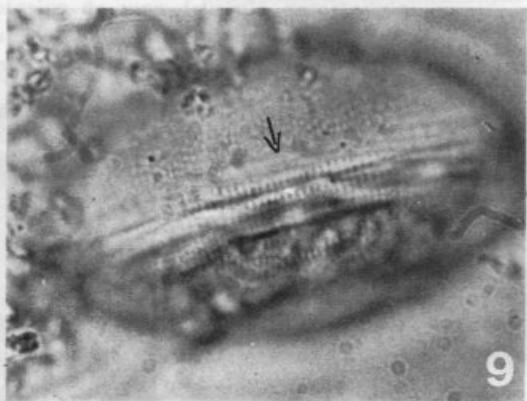
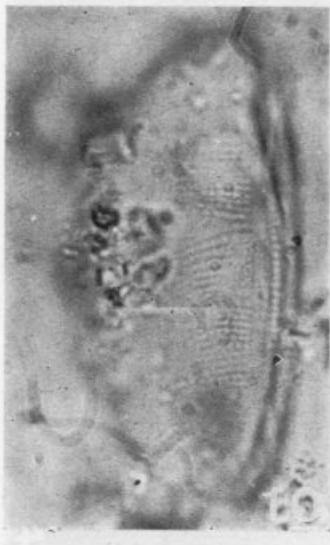
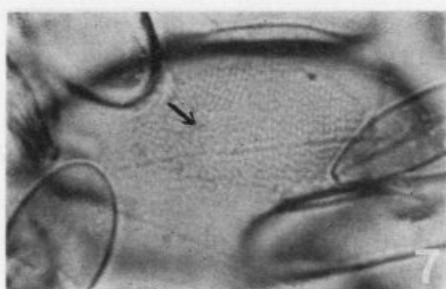
- Foto 1 — Células vegetativas conjugantes de *Coccconeis placentula*.
- Foto 2 — Células vegetativas conjugantes de *Amphora veneta* já revestidas por um invólucro mucilaginoso.
- Foto 3 — Zigoto formado no interior de uma frústula gametangial de *Coccconeis placentula*. Valvas já desarticuladas.
- Foto 4 — Expansão bipolar simétrica do auxósporo de *Coccconeis placentula*.
- Foto 5 — Expansão bipolar assimétrica do zigoto de *Coccconeis placentula*.
- Foto 6 — Epivalva da frústula inicial de *Coccconeis placentula*. Na área axial observa-se um mal definido pseudorrafte.

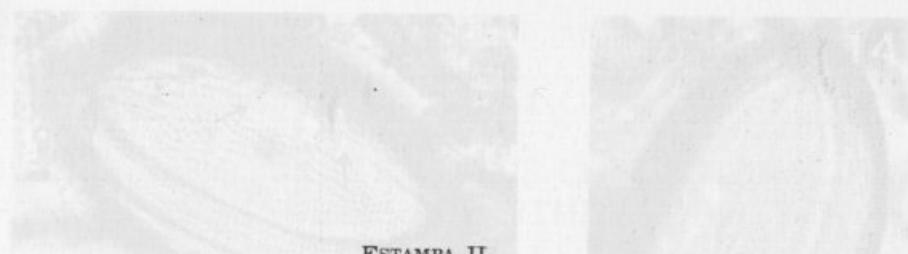
Escala 10 μ .



10 μ







ESTAMPA II

Foto 7 e 8 — Epivalva da frústula inicial de *Coccconeis placentula* evidenciando um pseudorafe rectilíneo (7) ou sigmaide (8). Note-se o fragmento de pseudorafe e as estrias a ele associadas (seta) na foto 7.

Foto 9 — Hipovalva acentuadamente convexa de *Coccconeis placentula*. Entre as duas valvas não é possível observar cinturas conectivas (seta).

Foto 10 — Estrias ornamentais do bordo valvar da hipovalva de *Coccconeis placentula*.

Foto 11 — Ornamentação desordenada na área axial da hipovalva de *Coccconeis placentula*.

Foto 12 — Frústulas secundárias de *Coccconeis placentula* originadas por divisão celular vegetativa da célula inicial. A hipovalva de cada frústula secundária possue as características da espécie, apresenta rafe.

Escala 10 μ .



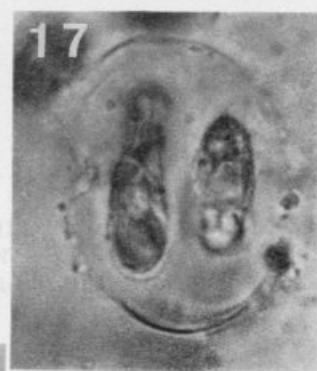
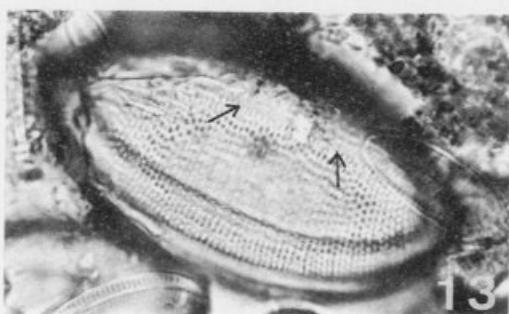


ESTAMPA III

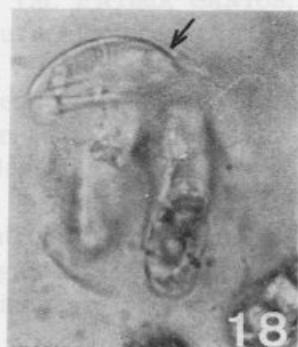
- Foto 13 e 14 — Epivalva e hipovalva de uma das frústulas secundárias de *Cocconeis placentula* originada a partir de uma determinada célula inicial.
- Foto 15 e 16 — Hipovalva e epivalva da outra das frústulas secundárias de *Cocconeis placentula* originada a partir da mesma célula inicial anteriormente referenciada.
- Foto 17 — Gâmetas de *Amphora veneta* já libertos da frústula gametangial.
- Foto 18 — Valva da frústula gametangial de *Amphora veneta* destacando-se da camada orgânica envolvente.
- Foto 19 — Formação de uma das valvas da frústula inicial de *Amphora veneta*.
- Foto 20 — Frústula inicial de *Amphora veneta*. Note-se a convexidade da área central e a ornamentação valvar (seta).

Escala 10 μ .





— 10 μ





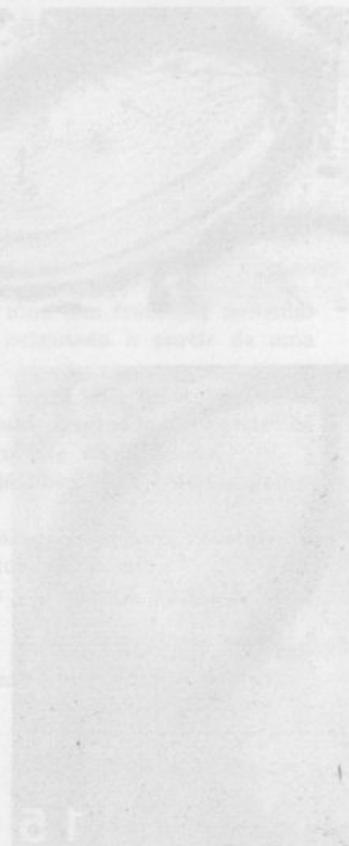
401 —



81



at



at



at

ACOI—THE CULTURE COLLECTION OF ALGAE OF THE DEPARTMENT OF BOTANY UNIVERSITY OF COIMBRA

SUPPLEMENT — II

by

M. FÁTIMA SANTOS, OLINDA LOURENÇO
& GRAÇA CARVALHO

Department of Botany (Lab. of Electron Microscopy and Phycology)
University of Coimbra, 3000 Coimbra, Portugal

Received, 28-V-1993.

ABSTRACT

This is a supplement to our previous lists (M. FÁTIMA SANTOS & J. F. MESQUITA, 1986 and M. FÁTIMA SANTOS, 1988). New 194 taxa are added to our «Algoteca» and some corrections to names are introduced.

1 — INTRODUCTION

SINCE the publication of the latter list (M. FÁTIMA SANTOS, 1988) we have been incorporated into our «Algoteca» (ACOI) 194 new taxa distributed by 4 Divisions, 7 Classes, 17 Orders and 102 genres. A great part of these cultures have been collected, isolated and identified during the last four years. The majority of those taxa are belonging to our phycological flora; some of them were collected in others countries.

Unfortunately the cultures now presented are still contaminated by bacteriae and other nonalgal organisms. Specification for culture conditions and media preparations are the same as previously published.

2.1. — LIST

Algae collected, isolated and identified in ACOI

Reference	Name of the taxon	Collector and date of isolation	Culture medium	Origin: (harvest place)
DIVISION EUGLENOPHYTA				
CLASS EUGLENOPHYCEAE				
Order Euglenales				
	PHACUS Dujardin	SANTOS, M. F.; CARVALHO, G. (1993)	L-S2T2	Sintra (Monserrate Park)
614	P. orbicularis Hübner fo. communis Popowa	SANTOS, M. F.; CARVALHO, G. (1994)	L-S2T2	Coimbra (Mondego river)
659	P. splendens Pochmann			
DIVISION CHLOROPHYTA				
CLASS EUCHLOROPHYCEAE				
Order Chlorococcales				
	ANKISTRODESMUS Corda	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1988)	L-M7	Quilatos (Lagoa das Braças)
400	A. spiralis (Turn.) Lemmermann	FERNANDES, J. (1994)	M7	Quilatos (Lagoa da Vela)
682	A. spiralis (Turn.) Lemmermann			
BRACTEACOCCUS Tereg				
529	B. giganteus Bisch. & Bold	CARVALHO, G. (1989)	M7	Coimbra (airborne alga)
419	B. grandis Bisch. & Bold	LOURENÇO, O. (1989)	S2T2	Ereira
CHLORELLA Beijerinck				
516	C. emersonii Shih. & Krauss	PAIVA, J. (1991)	L-M7	S. Tomé
621	C. fusca Shih. & Krauss v. fusca	PAIVA, J. (1993)	L-S2T2	Madeira
454	C. reisiglii S. Watanabe	LOURENÇO, O. (1991)	M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
620	C. reisiglii S. Watanabe	PAIVA, J. (1993)	M7	Madeira
531	C. zofingiensis Dönnz	CARVALHO, G. (1989)	Lc	Coimbra (airborne alga)
CHLOROCOCCUM Meneghini				
513	C. robustum Ettl & Göttsche	PAIVA, J. (1991)	L-Tc	S. Tomé

CHORICYSTIS (skuja) Fott 586 C. hindakii Tell	SANTOS, S. (1993)	S2T2	Coimbra (Mondego river)
CORONASTRUM Thompson 473 C. aestivale Thompson	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Ditch of Majorca (Montemor-o-Velho)
CRUCIGENIA Moreira 492 C. mucronata (G. M. Smith) Komárek	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Ditch of Majorca (Montemor-o-Velho)
CRUCIGENIELLA Lemmermann 474 C. pulchra (W. & G. S. West) Komárek	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Ditch of Majorca (Montemor-o-Velho)
DACTYLOSPHAERIUM Steinbecke 478 D. jurisii Hindák	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Near S. Martinho de Arvore (Mondego river)
DESMATRACTUM W. & G. S. West 467 D. bipyramidatum (Chod.) Pascher	LOURENÇO, O. (1991)	S2T2	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
DICTYOCHLOROPSIS Geitler 455 D. splendida Geitler	PAIVA, J. (1991)	M7	Serra do Gerês (Pincões)
KIRCHNERIELLA Schmidle	SANTOS, S. (1993)	M7	Coimbra (Mondego river)
641 K. danubiana Hindák	SANTOS, S. (1993)	M7	Coimbra (Mondego river)
640 K. rotunda (Kors.) Hindák	SANTOS, S. (1993)		
NEOSPONGIOCOCCEUM Deason 525 N. gelatinosum (Archibald & Bold) Ettl & Gärtner	LOURENÇO, O. (1991)	Lc	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
OOCYSTIS Nägell 434 O. heteromucosa Hegewald	MONTEZUMA DE CARVALHO (1990)	M7	Açores
PALMODICTYON Kützing 462 P. varium (Näg.) Lemmermann	LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Serra da Estrela (Barragem do Covão do Curral)
PEDIASTRUM Meyen 658 P. biradiatum Meyen v. biradiatum	SANTOS, M. F.; CARVALHO, G. (1994)	L-M7	Coimbra (Mondego river)
394 P. boryanum (Turp.) Menegh. v. longicorne Reinsch	CARVALHO, G. (1989)	L-Lc	Vacarica

Reference	Name of the taxon Author, date	Collector and date of isolation	Culture medium	Assay place	Origin: (harvest place)
616	<i>P. boryanum</i> (Turp.) Menegh. v. longicorne Reinsch	PAIVA, J. (1993)	L-M7	Madeira	Origin
392	<i>P. duplex</i> Meyen v. gracillimum W. & G. S. West	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1989) CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1988)	L-Lc L-Lc S2T2	Weir of Coimbra (Mondego river) Quiaios (Lagoa das Braças) Quiaios (Lagoa da Vela)	Origin
391	<i>P. duplex</i> Meyen v. rugulosum Raciborski	FERNANDES, J. (1994)			
716	<i>P. duplex</i> Meyen. v. rugulosum Raciborski				
395	<i>P. duplex</i> Meyen v. subgranulatum Raciborski				
577	<i>P. integrum</i> Nägeli v. integrum	PAIVA, J. (1993) SANTOS, S. (1993)	L-Lc L-M7	Açores Madeira	Origin
575	<i>P. privum</i> (Prinz) Hegewald				
PLANKTOSPHAERIA	<i>G. M. Smith</i>				
530	<i>P. maxima</i> Bischoff & Bold	PAIVA, J. (1991)	L-M7	S. Tomé	Origin
611	<i>P. maxima</i> Bischoff & Bold	PAIVA, J. (1992)	L-M7	S. Tomé (between S. Luís and Chamizo)	Origin
612	<i>P. texensis</i> Bischoff & Bold	PAIVA, J. (1992)	L-M7	Príncipe (Fundão)	Origin
PLANOCHLORIS	Komárek				
532	<i>P. pyrenoidifera</i> (Kors.) Komárek	LEITÃO, A. (1992)	L-M7	Évora	Origin
PSEUDODIDYMOCYSTIS	Hegewald & Deason				
559	<i>P. inconspecta</i> (Korsikov) Hindák	SANTOS, M. F. (1979)	L-M7	Ançã	Origin
QUADRIGIULA	Printz				
396	<i>Q. closteroides</i> (Bohl.) Printz	LOURENÇO, O. (1988)	L-M7	Near Sortelha	Origin
RADIOCOCCUS	Schmidle				
428	<i>R. planktonicus</i> Lund				
SCENEDESMUS	Meyen				
429	<i>S. aculeolatus</i> Reinsch	MONTEZUMA DE CARVALHO (1990)	M7	Açores	Origin
535	<i>S. aculeolatus</i> Reinsch	SANTOS, M. F. (1975)	L-M7	Tentugal (rice swamp)	Origin
555	<i>S. aculeolatus</i> Reinsch	LOURENÇO, O. (1992)	L-M7	Colombra	Origin
442	<i>S. armatus</i> Chodat	MONTEZUMA DE CARVALHO (1990)	L-M7	Açores	Origin
562	<i>S. armatus</i> Chodat	SANTOS, M. F. (1974)	L-M7	Colombra	Origin
563	<i>S. armatus</i> Chodat	SANTOS, M. F. (1975)	L-M7	Tentugal	Origin
LETTIA	A. (1992)				
524	<i>S. mucronata</i> Chodat				

564	<i>S. armatus</i>	Chodat	LEITÃO, A. (1992)	L-M7	Évora
437	<i>S. armatus</i>	Chodat v. asymmetricus Bour-			
reilly					
551	<i>S. armatus</i>	Chodat v. longispina (Chod.)	MONTEZUMA DE CARVALHO (1990)	L-M7	Açores
	Hegewald & Hindák	LOURENÇO, O. (1992)		L-M7	Coimbra
548	<i>S. asymmetricus</i> (Schröd.) Chodat	SANTOS, M. F. (1981)		L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
754	<i>S. asymmetricus</i> (Schröd.) Chodat	SANTOS, M. F.; CARVALHO, G. (1994)		M7	Serra da Estrela (Covão do Boeiro)
565	<i>S. brasiliensis</i> Bohlin	PAIVA, J. (1992)		L-M7	S. Tomé (Diogo Vaz)
557	<i>C. communis</i> Hegewald	LOURENÇO, O. (1992)		L-M7	Coimbra
644	<i>S. communis</i> Hegewald	SANTOS, S. (1993)		L-M7	Colimbra (Mondego river)
431	<i>S. danubialis</i> Hortobágyi	MONTEZUMA DE CARVALHO (1990)		L-M7	Açores
527	<i>S. denticulatus</i> Lagerheim	MONTEZUMA DE CARVALHO (1990)		L-M7	Coimbra (Mondego river)
584	<i>S. denticulatus</i> Legerheim	SANTOS, S. (1993)		L-M7	Between Meias and Montemor-o-Velho (rice
542	<i>S. dispar</i> (Bréb.) Rabenhorst	SANTOS, M. F. (1975)		L-M7	swamp)
534	<i>S. granulatus</i> W. & G. S. West	SANTOS, M. F. (1975)	L-M7	Tentugal (rice swamp)	
424	<i>S. obtusus</i> Meyen	MONTEZUMA DE CARVALHO (1990)	L-M7	Açores	
619	<i>S. obtusus</i> Meyen	PAIVA, J. (1993)	L-M7	Madeira	
479	<i>S. opoliensis</i> Richter	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Ditch of Maiorca (Montemor-o-Velho)	
560	<i>S. pannonicus</i> Hortobágyi	CARVALHO, G. (1992)	L-M7	Friumes (Alva river)	
719	<i>S. pannonicus</i> Hortobágyi	FERNANDES, J. (1994)	S2T2	Quiaios (Lagoa da Vela)	
561	<i>S. pleiomorphus</i> Hindák	LEITÃO, A. (1992)	L-M7	Évora	
545	<i>S. quadrispina</i> Chodat	SANTOS, M. F. (1981)	L-M7	Serra da Estrela (Barragem do Covão do	
				Curral)	
618	<i>S. quadrispina</i> Chodat	PAIVA, J. (1993)	L-M7	Madeira	
549	<i>S. raciborskii</i> Wołoszynska	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1984)	L-M7	Mira	
522	<i>S. serratus</i> (Corda) Bohlin	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)	
547	<i>S. smithii</i> Chodat	SANTOS, M. F. (1975)	L-M7	Mira	
212	<i>S. spinosus</i> Chodat	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1984)	L-M7	Mira	
540	<i>S. tenuispina</i> Chodat	LEITÃO, A. (1992)	L-M7	Évora	
546	<i>S. setigera</i> (Schröd.) Lemmermann	LOURENÇO, O. (1992)	L-M7	Coimbra	
589	<i>S. terrestris</i> (Reisigl.) Puncooch & Kalina	PAIVA, J. (1992)	L-M7	Príncipe	
	<i>SCOTIELLOPSIS</i> Vinatzer				(present species)
					Older
					forms

Reference	Name of the taxon	Collector and date of isolation	Culture medium	Origin: (harvest place)
SIDEROCELLIS (Naumann) Fott 416 S. kolkwitzii (Naum.) Fott	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1985)	S2T2	Tentugal	
TETRALLANTOS Telling 480 T. lagerheimii Telling	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Ditch of Maiorca (Montemor-o-Velho)	
TETRASTRUM Chodat 576 T. komarekii Hindák 721 T. komarekii Hindák	SANTOS, S. (1993) FERNANDES, J. (1994)	M7 M7	Coimbra (Mondego river) Quiaios (Lagoa da Vela)	
TREBOUXIA De Puyrnaly 413 T. potteri Ahmadjian ex Gärtner 412 T. simplex Tschermalk-Woess	SANTOS, M. F. (1981) CARVALHO, G. (1988)	L-Lcol L-Lcol	Colombra (Choupal) Colombra (Botanical Garden)	
<i>Order Tetrasporales</i>				
CHAETOPELTIS Berthold 489 C. orbicularis Berthold	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Ditch of Maiorca (Montemor-o-Velho)	
CHARACIOCHLORIS Pascher 386 C. sasae Nozaki	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1989)	M7	Weir of Coimbra (Mondego river)	
CHLAMYDOCAPSA Fott 526 C. maxima (Mainx) Etli & Gärtner	LOURENÇO, O. (1991)	M7	Serra da Estrela (Barragem do Covão do Curral)	
CHLORANGIELLA De Toni 501 C. bastannulata (Skuja) Silva	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)	
CYANOPTYCHE Pascher 387 C. gloeocystis Pascher	LOURENÇO, O. (1989)	S2T2	Sintra (Monserrate Park)	
PLEOTILA Mrozniska-Webb 502 P. ramosa Mrozniska-Webb	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)	

	<i>SPHAERELLOCYSTIS</i> Ettl	SANTOS, M. F. (1979)	M7	Cantanhede
581	<i>S. stellata</i> Ettl	SANTOS, S. (1993)	M7	Coimbra (Mondego river)
582	<i>S. stellata</i> Ettl	PAIVA, J. (1992)	M7	Príncipe (Fundão)
613	<i>S. stellata</i> Ettl	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
	<i>TETRASPORA</i> Link			
468	<i>T. lemmermannii</i> Fott			
	Order Volvocales			
	<i>MESOSTIGMA</i> Lauterborn	SANTOS, M. F.; CARVALHO, G. (1994)	L-M7	Coimbra (Mondego river)
660	<i>M. viride</i> Lauterborn	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Quaios (Lagoa da Vela)
	<i>EUDORINA</i> Ehrenberg			
486	<i>E. elegans</i> Ehrenberg	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Ditch of Maiorca (Montemor-o-Velho)
	<i>PLEODORINA</i> Shaw			
485	<i>P. californica</i> Shaw	CARVALHO, G. (1988)	L-M7	Barro
	<i>PTEROMONAS</i> Seligo			
347	<i>P. angulosa</i> Lemmermann	CALADO, A.; RINO, J. (1991)	L-M7	Vilar Dam (Tavora river)
	<i>STEPHANOSPHAERA</i> Cohn			
477	<i>S. pluvialis</i> Cohn	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Mondego river (old stream)
	<i>VOLVOX</i> Linnaeus	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Ditch of Maiorca (Montemor-o-Velho)
469	<i>V. aureus</i> Ehrenberg			
470	<i>V. tertius</i> Meyer			
	<i>CLONIOPHORA</i> Tiffany			
475	<i>C. spicata</i> (Schmidle) Islam	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Near Maiorca (Mondego river)
	CLASS ULOTERICOPHYCEAE			
	Order Chaetophorales			
	<i>CHLOROKYBUS</i> Geitler	SANTOS, L. (1990)	M7	Margaraca
458	<i>C. atmophyticus</i> Geitler	LOURENÇO, O. (1991)	M7	Quaios (Lagoa da Vela)
491	<i>C. atmophyticus</i> Geitler			

Reference	Name of the taxon	Collector and date of isolation	Culture medium	Origin: (sector of Alva)	Origin: (harvest place)
LEPTOSIRA Borzi				Coimbra (sector of Alva)	
569 L. obovata Vischer	PAIVA, J. (1992)	M7	S. Tomé (Diogo Vaz)		
583 L. obovata Vischer	PAIVA, J. (1992)	M7	S. Tomé (between S. Luís and Chamizo)		
PSEUDENDOCLONIUM Wille					
494 P. postratum Tupa	SANTOS, L. (1990)	Lc	Margaracá		
PSEUDOPLEUROCOCCUS Snow					
482 P. printzii Vischer	LOURENÇO, O. (1991)	M7	Coimbra (S. Sebastião)		
PSEUDOTETRACYSTIS Arneson					
607 P. terrestris Arneson	PAIVA, J. (1992)	M7	S. Tomé (S. Nicolau)		
Order Oedogoniales					
BULBOCHAETE Agardh					
552 B. sp.	CARVALHO, G. (1992)	L-M7	Riumes (Alva river)		
OEDOGONIUM Link					
655 O. pusillum Kirchner	PAIVA, J. (1992)	S2T2	S. Tomé (Diogo Vaz)		
649 O. tapeinosporum Wittrock	PAIVA, J. (1992)	S2T2	Príncipe (Fundão)		
Order Siphonales					
PROTOSIPHON Klebs					
418 P. botryoides (Kütz.) Klebs	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1989)	Lc	Marrocos (near Taza)		
Order Siphonocladales					
CLADOPORELLA Fritsch					
471 C. calcicola Fritsch	LOURENÇO, O. (1989)	S2T2	Lagoa de Obidos (near Taza)		
Order Ulothrichales					
CHAETOPHORA Schrank					
457 C. elegans (Roth) Agardh	SANTOS, L. (1991)	L-M7	Alentejo (Oeiras stream)		
447 C. incrassata (Hudson) Hazen	SANTOS, L. (1991)	L-M7	Alentejo (Oeiras stream)		
CYLINDROCAPSOPSIS Iyengar					
500 C. indica Iyengar	SANTOS, M. F. (1980)	L-M7	Coimbra		

<i>CYLINDROCAPOFSIS</i> Iyengar 500 C. indica Iyengar	SANTOS, M. F. (1980)	L-M7	Coimbra
<i>ELAKATOTHRIX</i> Wille 448 E. genevensis (Reverd.) Hindák	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Quiaios (Lagoa das Braças) (parte)
<i>FOTTEA</i> Hindák 646 F. stichococcoides Hindák	SANTOS, S. (1993)	L-S2T2	Coimbra (Mondego river)
<i>GEMINELLA</i> Turpin 430 G. interrupta (Turpin) Lagerheim	LOURENÇO, O. (1990)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
<i>GLOEOTILIA</i> Kützing 461 G. curta Skuja	SANTOS, L. (1990)	L-M7	Margaraça (ribeira Coimbra)
<i>INTERFLUM</i> Chodat & Topali 590 I. paradoxum Chodat & Topali A. anaplo-	PAIVA, J. (1993)	L-S2T2	Madeira
591 I. paradoxum Chodat & Topali	SANTOS, M. F.; CARVALHO, G. (1993)	L-S2T2	Azeitão (Quinta da Bacalhoa)
<i>JAAIGIELLA</i> Vischer 441 J. alpicola Vischer	CARVALHO, G. (1989)	Lc	Colimbra (airborne alga) (parte)
<i>KOLIELLA</i> Hindák 574 K. spiculiformis (Vischer) Hindák	SANTOS, S. (1993)	L-M7	Coimbra (Mondego river)
<i>MICROSPORA</i> Thuret 399 M. amoena (Kütz.) Rabenh. v. gracilis (Wille) De-Toni	LOURENÇO, O. (1990)	L-M7	Manteigas
499 M. wittrockii (Wille) Lagerheim	SIMÃO, I. (1991)	L-M7	Near Portela (Mondego river)
<i>CLASS ZYGOHYCEAE</i>			
Order Zygnematales			
<i>CLOSTERIUM</i> Nitzsch			
358 C. acerosum (Schrank) Ehrenberg	LOURENÇO, O. (1988)	L-M7	Almofala de Baixo
361-a C. acerosum (Schrank) Ehrenb. v. elongatum Brébisson	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Between Montemor-o-Velho and Maiorca (Mondego river)

Reference	Name of the taxon	Collector and date of isolation	Culture medium	Origin: (harvest place)
361-b	<i>C. acerosum</i> (Schrank) Ehrenb. v. <i>minus</i> Hantzsch	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Between Montemor-o-Velho and Maiorca (Mondego river)
459	<i>C. acutum</i> Bréb. v. variable (Lemm.) Krieger	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Quiaios (Lagoa das Bragas)
407	<i>C. cornu</i> Ehrenberg	LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Sintra (Monserrate Park)
504	<i>C. cornu</i> Ehrenberg	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Quiaios (Lagoa das Bragas)
366	<i>C. dianae</i> Ehrenb. v. <i>brevius</i> (Petk.) Krieger	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1987)	L-M7	Mondego river (old stream)
384	<i>C. elboracense</i> Turner	LOURENÇO, O. (1990)	L-M7	Serra da Estrela (Mantelgas)
498	<i>C. elboracense</i> Turner	PAIVA, J. (1991)	L-M7	Minho (Lindoso Dam)
362	<i>C. ehrenbergii</i> Meneghini	LOURENÇO, O. (1988)	L-M7	Unhais da Serra
476	<i>C. incurvum</i> Brébisson	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Quiaios (Lagoa das Braças)
359	<i>C. intermedium</i> Rafts	LOURENÇO, O. (1988)	L-M7	Sortelha
363	<i>C. moniliferum</i> (Bory) Ehrenberg	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Portela de Formoselha (Mondego river)
364	<i>C. moniliferum</i> (Bory) Ehrenberg	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Pateira de Fermentelos
365	<i>C. moniliferum</i> (Bory) Ehrenberg	SANTOS, M. F. (1975)	L-M7	Near Montemor-o-Velho
383	<i>C. moniliferum</i> (Bory) Ehrenberg	LOURENÇO, O. (1990)	L-M7	Mantelgas
382	<i>C. moniliferum</i> (Bory) Ehrenb. v. <i>submontiferum</i> (Woron.) Krieger	LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Turil
440	<i>C. navicula</i> (Bréb.) Lütkemüller	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
	<i>COSMARIUM</i> Corda			
378	<i>C. angulosum</i> Brébisson	LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Between Covas and Vilar de Mouros
375	<i>C. binum</i> Nordstedt	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Weir of Coimbra (Mondego river)
369	<i>C. biretum</i> (Bréb.) Ralfs	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Ponte de Formoselha (Mondego river)
404	<i>C. brebissonii</i> (Menegh.) Ralfs	LOURENÇO, O. (1990)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
371	<i>C. caelatum</i> Ralfs	LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Between Covas and Vilar de Mouros
355	<i>C. crenatum</i> Ralfs	LOURENÇO, O. (1988)	L-M7	Between Góis and Pampilhosha da Serra
403	<i>C. difficile</i> Lütkemüller	LOURENÇO, O. (1990)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
623	<i>C. difficile</i> Lütkemüller	PAIVA, J. (1993)	L-M7	Madeira
490	<i>C. granatum</i> Brébisson	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Ditch of Maiorca (Montemor-o-Velho)
349	<i>C. hammeri</i> Reinsch	LOURENÇO, O. (1988)	L-M7	Mantelgas
377	<i>C. hornemannse</i> Gutw. v. <i>dubovianum</i> (Troll.) Bucardo	LOURENÇO, O. (1988)	L-M7	Serra da Estrela (Barraçam do Covão do

349	<i>C. hammeri</i> Reimoser	<i>Lourenço, O. (1988)</i>	L-M7	Serra da Estrela (Barragem do Covão do Curral)
377	<i>C. hornavanense</i> Gutw. v. <i>dubovianum</i> (Lütk.) Ruzicka	<i>Lourenço, O. (1988)</i>	L-M7	Serra da Estrela (Barragem do Covão do Curral)
379	<i>C. laeve</i> Rabenhorst	<i>Pereira, L. (1990)</i>	L-M7	Comeal da Torre
566	<i>C. pachydernum</i> Lundell v. <i>aethiopicum</i> W. & G. S. West	<i>Paiva, J. (1992)</i>	L-M7	S. Tomé (Diogo Vaz)
368	<i>C. quadratum</i> Lundell v. <i>sublatum</i> (Nordst.) W. & G.S. West f. <i>dilatatum</i> Scott & Grönblad	<i>Carvalho, G.; Lourenço, O. (1989)</i>	L-M7	Weir of Coimbra (Mondego river)
370	<i>C. regnelli</i> 'Wille' v. <i>pseudoregnellii</i> (Messik.) Krieger & Gerloff	<i>Lourenço, O. (1989)</i>	L-M7	Sintra (Monserrate Park)
625	<i>C. regnelli</i> 'Wille' v. <i>pseudoregnellii</i> (Messik.) Krieger & Gerloff	<i>Paiva, J. (1993)</i>	L-M7	Madeira
406	<i>C. sinostegos</i> Schaarschm. v. <i>obtusius</i> Gutwinski	<i>Lourenço, O. (1990)</i>	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
376	<i>C. sportella</i> Brébisson	<i>Lourenço, O. (1989)</i>	L-M7	Between Covas and Vilar de Mouros
405	<i>C. sportella</i> Bréb. v. <i>subnudum</i> W. & G. S. West	<i>Lourenço, O. (1990)</i>	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
622	<i>C. sportella</i> Bréb. v. <i>subnudum</i> W. & G. S. West	<i>Paiva, J. (1993)</i>	L-M7	Madeira
380	<i>C. subgranatum</i> (Nordst.) Lütkemüller v. <i>borgei</i> Krieger	<i>Carvalho, G.; Santos, M. F. (1988)</i>	L-M7	Between Flg. Campo and Pereira do Campo
	<i>COSMOCLADIUM</i> Brébisson	<i>Lourenço, O. (1988)</i>	L-M7	Serra da Estrela (Barragem do Covão do Curral)
342	<i>C. perissum</i> Roy & Bisset	<i>Carvalho, G. (1992)</i>	L-M7	Friumes (Alva river)
	<i>DESMIDIUM</i> Agardh	<i>Carvalho, G. (1992)</i>	L-M7	Friumes (Alva river)
554	<i>D. swartzii</i> Agardh	<i>Carvalho, G. (1992)</i>	L-M7	Friumes (Alva river)
	<i>EUASTRUM</i> Ehrenberg	<i>Carvalho, G. (1992)</i>	L-M7	Serra da Estrela (Barragem do Covão do Curral)
488	<i>E. binale</i> (Turp.) Ehrenb. v. <i>gutwinskii</i> (Schm.) Homfeld	<i>Lourenço, O. (1991)</i>	L-M7	Serra da Estrela (Barragem do Covão do Curral)
351	<i>E. humerosum</i> Ralfs	<i>Lourenço, O. (1988)</i>	L-M7	Serra da Estrela (Barragem do Covão do Curral)
409	<i>E. humerosum</i> Ralfs	<i>Lourenço, O. (1990)</i>	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)

Reference	Name of the taxon	Collector and date of isolation	Culture medium	Site of Survey (or Collection) (harvest place)
410	<i>E. pectinatum</i> Brébisson	LOURENÇO, O. (1990)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
446	<i>E. verrucosum</i> Ehrenberg	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Quiaios (Lagoa das Braças)
GONATOZYGON De Bary				
350	<i>G. kinahanii</i> (Arch.) Rabenhorst	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Mondego river (old stream)
558	<i>G. kinahanii</i> (Arch.) Rabenhorst	CARVALHO, G. (1992)	L-M7	Friumes (Alva river)
MESOTAENIUM Nägeli				
451	<i>M. endlicherianum</i> Nägeli	LOURENÇO, O. (1991)	M7	Quiaios (Lagoa das Braças)
MICRASTERIAS Agardh				
353	<i>M. denticulata</i> Brébisson	LOURENÇO, O. (1988)	L-M7	Buçaco
NETRIUM (Nägeli) Itzgson & Rothe				
624	<i>N. digitus</i> (Ehrenb.) Itzgson & Rothe	PAIVA, J. (1993)	L-M7	Madeira
v. naegelii (Bréb.) Krieger				
PENTIUM Brébisson				
445	<i>P. sphaerostriolatum</i> Barker	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
PLEUROTAENIUM Nägeli				
374	<i>P. maximum</i> (Reinsch)	LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Sintra (Monserrate Park)
SPIROGYRA Link				
588	<i>S. submaxima</i> Transeau	SANTOS, M. F.; CARVALHO, G. (1993)	L-M7	Sintra (Monserrate Park)
SPIROTAENIA Brébisson				
463	<i>S. erythrocephala</i> Itzgsohn	LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Between Covas and Vilar de Mouros
STAURASTRUM Meyen				
356	<i>S. dispar</i> Brébisson	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Weir of Coimbra (Mondego river)
628	<i>S. dispar</i> Brébisson	PAIVA, J. (1993)	L-M7	Madeira
450	<i>S. laeve</i> Ralfs	MONTEZUMA DE CARVALHO (1990)	L-M7	Açores
357	<i>S. manfeldtii</i> Delponte	CARVALHO, G.; LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Weir of Coimbra (Mondego river)
372	<i>S. meriana</i> Reisch	LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Between Covas and Vilar de Mouros

348	<i>S. proboscideum</i> (Bréb.) Archer	LOURENÇO, O. (1988)	L-M7	Serra da Estrela (Barragem do Covão do Curral)	
495	<i>S. sebaldi</i> Reinsch v. <i>ornatum</i> Nordstedt	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Quiaios (Lagoa das Braças)	
360	<i>S. senarium</i> (Ehrenb.) Ralfs	LOURENÇO, O. (1988)	L-M7	Serra da Estrela (Barragem do Covão do Curral)	
373	<i>S. tetracerum</i> Ralfs	LOURENÇO, O. (1989)	L-M7	Sintra (Monserrate Park)	
722	<i>S. tetracerum</i> Ralfs	FERNANDES, J. (1994)	M7	Quiaios (Lagoa da Vela)	
472	<i>S. tohopekaligense</i> Wolle v. <i>brevispinum</i>	CARVALHO, G.; SANTOS, M. F. (1991)	L-M7	Near S. Martinho de Arvore (Mondego river)	
G. M. Smith					
STAURODESMUS Telling					
460	<i>S. incus</i> (Bréb.) Telling v. <i>ralfsii</i> (West)	Telling	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Quiaios (Lagoa das Braças)
TETMEMORUS Ralfs					
444	<i>T. brébissonii</i> (Menegh.) Ralfs		LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
XANTHIDIUM Ehrenberg					
439	<i>X. brébissonii</i> Ralfs		LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
CHROMOPHYTA					
CLASS CHRYSTOPHYCEAE					
SUBCLASS HETEROCHRYSTOSOPHYCIDAЕ					
Order Chromulinales					
CHRYSONEBULA Lund					
657	<i>C. flava</i> Starmach	LOURENÇO, O. (1991)	M7	Quiaios (Lagoa das Braças)	
647	<i>C. flava</i> Starmach	PAIVA, J. (1993)	M7	Madeira	
DERMATOCHRYSIS Entwistle & Andersen					
514	<i>D. reticulata</i> (Meyer) Entwistle & Andersen	SANTOS, M. F. (1980)	M7	Coimbra	

Reference	LOCHIETISIS Name of the taxon	Collector and date of isolation	Culture medium	Compass L-M7	Origin: (harvest place)
CLASS XANTHOPHYCEAE					
Order Misohoccales					
CHARACIOPSIS Borzi					
456 C. acuta (Braun) Borzi	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Quiatal (Lagoa das Braças)		
481 C. saccata Carter	SANTOS, M. F. (1989)	L-M7	Coimbra		
OPHIOCYTUM Nägeli					
510 O. capitatum Wolle	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)		
PSEUDOSTAURASTRUM Chodat					
568 P. enorme (Ralfs) Chodat	PAIVA, J. (1992)	L-M7	S. Tomé (Diogo Vaz)		
Order Tribonematales					
TRIBONEMA Derbès & Solier					
520 T. aequale Pascher	SANTOS, M. F. (1975)	Lcol	Tentugal (rice swamp)		
Order Vaucheriales					
BOTRYDIUM Wallroth					
512 B. cystosum Vischer	CARVALHO, G. (1990)	L-M7	Quiatal (Lagoa das Braças)		
VAUCHERIA De Candolle					
493 V. aversa Hassall	SANTOS, L. (1990)	M7	Margarica		
585 V. racemosa (Vauch.) De Candolle	FERRAND-ALMEIDA, F. (1992)	M7	Cernache		
421 V. repens Hassall	LOURENÇO, O. (1988)	M7	Bucaco		
422 V. sessilis (Vauch.) De Candolle	LOURENÇO, O. (1988)	M7	Tomar		
DIVISION CYANOPHYTA					
CLASS CYANOPHYCEAE					
SUBCLASS COCCOGONOPHYCIDAE					
Order Chroococcales					
APHANOThECE Nägeli					
654 A. naegelii Wartm.	PAIVA, J. (1992)	M7	S. Tomé (between S. Luis and Chamigo)		
GLOEOThECE Nägeli					

GLOEOTHECE Nagell

604	G. rupestris (Lyngb.) Bornet	SANTOS, M. F. (1993)	M7	Coimbra (Botanical garden)
635	G. rupestris (Lyngb.) Bornet	PAIVA, J. (1992)	M7	S. Tomé (Santa Catarina)
ACOIS — The culture collection of algae				
656	G. esculentus (Dillm.) Dillm.	SANTOS, M. F. (1993)	M7	Coimbra (Botanical garden)
S. Tomé (Santa Catarina)				
SUBCLASS HORMOGONOPHYCIDAE				
Order Nostocales				
ANABAENA Bory				
466	A. laxa (Rabenh.) A. Braun	CARVALHO, G. (1989)	Lc	Near Vacariça
505	A. cylindrica Lemmermann	PAIVA, J. (1991)	Lc	S. Tomé
CALOTHRIX Agardh				
571	C. atricha Frémy	PAIVA, J. (1992)	M7	S. Tomé (S. Nicolau)
633	C. braunii (A. Br.) Bornet & Flahault	PAIVA, J. (1993)	M7	Madeira
CYLINDROSPERMUM Kützing				
441	C. alatosporum F. E. Fritsch	LOURENÇO, O. (1991)	M7	Carril (Entelhais)
483	C. maius Kützing	LOURENÇO, O. (1989)	M7	Sintra
570	C. gorakhpurensis Singh	PAIVA, J. (1992)	M7	S. Tomé (S. Nicolau)
LYNGBYA Agardh				
653	L. major Meneghini	PAIVA, J. (1992)	M7	S. Tomé (Diogo Vaz)
MICROCHAETE Thuret				
630	M. tenera Thuret	PAIVA, J. (1993)	L-M7	Madeira
631	M. tenera Thuret	SANTOS, M. F. (1979)	L-M7	Anheiro (near Arazeze)
632	M. tenera Thuret	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
MICROCOLEUS Desmazières				
656	M. vaginatus (Vauch.) Gomont	SANTOS, M. F. (1993)	S2T2	Coimbra (Botanical garden)
NOSTOC Vaucher				
650	N. carneum Agardh	PAIVA, J. (1992)	M7	S. Tomé (between S. Luis and Chamizo)
484	N. ellipsosporum Rabenhorst	CARVALHO, G. (1989)	Lc	Near Vacariça
610	N. ellipsosporum Rabenhorst	PAIVA, J. (1992)	M7	S. Tomé (Santa Catarina)
636	N. ellipsosporum Rabenhorst	PAIVA, J. (1993)	M7	Madeira

Reference	Name of the taxon	Collector and date of isolation	Culture medium	Origin: (harvest place)
609	<i>N. gelatinosum</i> Schousboe	PAIVA, J. (1992)	M7	S. Tomé (S. Nicolau Trancoso, Chapungo)
651	<i>N. humifusum</i> Carmichael	PAIVA, J. (1992)	M7	S. Tomé (Monte Café)
PHORMIDIUM Kützing				
648	<i>P. favosum</i> (Bory) Gomont	PAIVA, J. (1993)	S2T2	Madeira
762	<i>P. favosum</i> (Bory) Gomont	LOURENÇO, O. (1987)	S2T2	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
763	<i>P. favosum</i> (Bory) Gomont	SANTOS, M. F.; CARVALHO, G. (1994)	M7	Serra da Estrela (Barragem do Covão do Curral)
TOLYPOTHRIX Kützing				
594	<i>T. byssoides</i> (Berk.) Kirchner	SANTOS, M. F.; CARVALHO, G. (1993)	M7	Azeitão (Quinta da Bacalhoa)
662	<i>T. byssoides</i> (Berk.) Kirchner	SANTOS, M. F. (1988)	M7	Coimbra (Botanical Garden)
Order Stigacomatales				
HAPALOSIPHON Nägeli				
443	<i>H. hibernicus</i> W. & G. S. West	LOURENÇO, O. (1991)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
652	<i>H. intrincatus</i> W. & G. S. West	PAIVA, J. (1992)	L-S2T2	Príncipe (Pico Papagaio)
SCYTONEMA Agardh				
572	<i>S. chiaustum</i> Geitler	PAIVA, J. (1992)	L-M7	S. Tomé (between S. Luis and Chamiço)
579	<i>S. chiaustum</i> Geitler	PAIVA, J. (1992)	L-M7	S. Tomé (Monte Café)
580	<i>S. crispum</i> (Agardh) Bornet	PAIVA, J. (1992)	L-M7	S. Tomé (S. Nicolau)
573	<i>S. obscurum</i> Hansgirg	PAIVA, J. (1992)	L-M7	S. Tomé (Monte Café)
STIGONEMA Agardh				
427	<i>S. ocellatum</i> (Dillw.) Thuret	LOURENÇO, O. (1990)	L-M7	Serra da Estrela (Lagoa Comprida)
769	<i>S. ocellatum</i> (Dillw.) Thuret	SANTOS, M. F.; CARVALHO, G. (1994)	S2T2	Serra do Gerês (Malhadoura)

2.2. — LIST

Algae received by exchange and included in ACOI

Reference	Name of the taxon	Culture medium	Origin
RHODOPHYCEAE			
1351.1	Bangia atropurpurea (Roth) Agardh	7 + 5	SAG
CHrysophyceAE			
7	Chrysowaernella hieroglyphica (Waern) Gayral et Lepailleur	ES/TII	CAEN
9	Nematochrysopsis roscoffensis Chadefaud	ES/TII	CAEN
119.79	Phaeothamnion sp. Lagerheim	7	SAG
128.79	Ruttnera spectabilis Geitler	6	SAG
PRYMNESIOPHYCEAE			
17	Chrysotila lamellosa Anaud	ES/TII	CAEN
5.83	Corcontochrysis noctivaga Kalina	7	SAG
944.1	Cricosphaera carterae (Braarud & Fagerland) Braarud	6	SAG
2167	Cricosphaera carterae (Braarud & Fagerland) Braarud	ES	UTEX
50	Platychrysis piennari Gayral et Fresuel	ES/TII	CAEN
45	Prymnesium parvum Carter	ES/TII	CAEN
995	Prymnesium parvum Carter	ES	UTEX
XANTHOPHYCEAE			
805.2	Botrydiuni cystosum Vischer	1b	SAG
48.84	Chloridella neglecta Pascher et Geitler	1	SAG
B36.84	Chlorobotrys regularis (West) Bohlin	1	SAG
812.1	Chlorocloster engadinensis Vischer	1b	SAG
835.1	Heterococcus brevicellularis Vischer	1b	SAG
848.1	Monodus subterraneus Petersen	1b	SAG
8.83	Monodus unipapilla Reisigl	1	SAG
850.1	Neprodiella brevis Vischer	1	SAG
11.85	Pseudostaurastrum enorme (Ralfs) Chodat	7	SAG
CHLOROMONADOPHYCEAE			
1195.1	Vacuolaria virescens Cienkowski	7	SAG
EUGLENOPHYCEAE			
1261.5	Phacus pusillus Lemmermann	3b	SAG

Reference	Name of the taxon	Culture medium	Origin
CHLOROPHYCEAE			
211	<i>Chlorella vulgaris</i> Beijerinck	Lc	C. C. A. P.
	<i>Chlorella vulgaris</i> Beijerinck	Lc	C. B. S. C.
16.85	<i>Chlorochytrium lemnae</i> Colm	1	SAG
110.80	<i>Coleochaete scutata</i> Brébisson	1	SAG
12.86	<i>Dictyochloropsis symbiotica</i> Tschermak-Woess var. <i>pauciautostoropica</i> Tschermak-Woess	1	SAG
418.1	<i>Draparnaldia plumosa</i> (Vaucher) Agardh	1	SAG
13.86	<i>Dunaliella tertiolecta</i> Butcher	14	SAG
B1821	<i>Fritschella tuberosa</i> Iyengar	Lcol	UTEX
	<i>Hyalotheca dissiliens</i> (Smith) Brébisson	Wc	U. F. S. Carlos (Brasil)
B515	<i>Hydrodictyon reticulatum</i> (L.) Lagerheim	S2T2	UTEX
462	<i>Klebsormidium subtilissimum</i> (Rabenh.) Silva, Mattox et Blackwell	Lcol	UTEX
575.1a	<i>Oedogonium cardiacum</i> Wittrock	1	SAG
53.80	<i>Scenedesmus subspicatus</i> Chodat	7	SAG
86.81	<i>Scenedesmus subspicatus</i> Chodat <i>Spondylosium pandoriforme</i> (Heim.) Teiling	7	SAG
41.85	<i>Tetraselmis striata</i> Butcher	Wc	U. F. S. Carlos (Brasil)
		6	SAG

3 — AMENDMENTS TO THE PREVIOUS LISTS

3.1. — Corrections to some determinations

- 176 — Instead of *Closterium gracile* Bréb. must be *Cl. limneticum* Lemn.
- 199 — Instead of *Staurastrum apiculatum* Bréb. must be *Stau-*
rodesmus dejectus (Bréb.) Teiling var. *apiculatum*
(Bréb.) Teiling.
- 178 — Instead of *Scenedesmus arcuatus* Lemm. must be *Sc. ar-*
cuatus Lemn. var. *platydiscus* G. M. Smith.
- 318 — Instead of *Scenedesmus opoliensis* P. Richt. var. *mono-*
nensis Chodat. must be *Sc. maximus* (W. & G. S. West)
Chodat.
- 10 — Instead of *Scenedesmus quadrispina* Chodat must be
Sc. armatus (Chodat) Chodat.
- 179 — Instead of *Scenedesmus spinosus* Chodat. must be *Sc. te-*
nuiispina Chodat.

3.2. — Nomenclatural modification (according to Hindák, 1990)

- 118 — *Scenedesmus acutiformis* Schröder is transferred to
Enallax acutiformis (Schröder) Hindák.
- 207, 260, 317 — *Scenedesmus acutus* Meyen is transferred to
Sc. obliquus (Turpin) Kützing.
- 259 — *Scenedesmus costatus* Schmidle is transferred to *Enallax costatus* (Schmidle) Pascher.
- 1, 232 — *Scenedesmus oahuensis* (Lemm.) G. S. Smith is transferred to *Sc. Nagellii* Brébisson.
- 235 — *Enallax coelastroides* (Bohl.) Skuja is transferred to
Enallax costatus (Schmidle) Pascher.

3.3. — Recovering of culture extinct Algae

- 489 — *Chaetopeltis orbicularis* (will replace the culture with the number 100).
- 354 — *Cosmarinum subcrenatum* (will replace the culture with the number 116).

ACKNOWLEDGEMENTS

We are very grateful to Prof. Dr. MONTEZUMA DE CARVALHO and Dr. JORGE PAIVA for the provision of collections to carry out in Açores, S. Tomé and Gerês.

BIBLIOGRAFIA

- AGARKER, M. S. & AGARKER, D. S.
 1977 Desmids from Pachmarchi, Madhya Pradesh, India. *Hydrobiologia*, 54(1): 23-32.
- ALTE, J. A. M.
 1954 Contribuição para o estudo das Desmidias Portuguesas. *Publ. Inst. Bot. «Dr. Gonçalo Sampaio»*, Porto, 2.ª sér., 27: 1-11.
- ALLORGE, V. & ALLORGE, P.
 1931 Heterocontes, Euchlorophycées et Conjugées de Galice. Matériaux pour la Flore de Algues d'eau douce de la Péninsule Ibérique I. *Rev. Algol.* 5(3-4): 327-382.
- ALFINITO, S. & FUMANTI, B.
 1980 Contribution to the knowledge of freshwater algae from Lake Hamun — i — Puzak (Iran). *Nova Hedw.*, 33(3-4): 873-882.
- BANDO, T.
 1988 A revision of the genera, *Docidium*, *Haploetaenium* and *Pleurotaenium* (*Desmidiaceae, Chlorophyta*) of Japan. *J. Sci. Hiroshima Univ.*, sér. B, Div. 2, 22: 1-63 + supl.

- BICUDO, C. E. M. & SAMANEZ, J. M.
 1984 Desmidioflórlula paulista III. Vaduz, *Bibl. Phycol.* 68, 138 p.
- BISCHOFF, H. W. & BOLD, H.
 1975 Phylogenetic studies IV. Some soil algae from Enchanted Rock and related algae species. Koenigstein, *Univ. Texas Publ.* n° 6318, 66 p.
- BOURRELLY, P.
 1961-1963 Quelques algues rares ou nouvelles du Lac Grand-Lieu. *Rev. Algol.*, n. s., 6(1): 57-68.
- 1966 Les algues d'eau douce. Initiation à la systématique. Tome I. Les Algues Vertes. Paris, 509 p.
- 1968 Les algues d'eau douce. Initiation à la Systématique. Tome II: Les algues jaunes et brunes. Chrysophycées, Phéophycées, Xanthophycées et Diatomées. Paris, 435 p.
- 1970 Les algues d'eau douce. Initiation à la Systématique. Tome III. Les algues bleues et rouges. Les Eugleniens, Peridiniens et Cryptomonadienes. Paris, 509 p.
- 1971 Recherches sur les Chrysophycées. Lehre, *Bibli. Phycol.* 12, 403 p.
- 1975 Quelques algues d'eau douce de Guinée. *Bull. Mus. Nat. Hist. Nat. Patris*, 3.ª sér. Bot. 276: 1-71.
- CAPDEVIELLE, P. & COUTÉ, A.
 1980 Quelques *Staurastrum* Meyen (Chlorophycées, Desmidiacées) rares ou nouveaux pour la France. *Nova Hedw.*, 33(3-4): 859-872.
- CARDINAL, C.
 1979 Algues planctoniques du bassin de la Seine (à la exception des Cyanophycées et des Diatomées). *Bull. Mus. Nat. Hist. Nat.*, Paris, 4.ª sér. 1(4): 285-327.
- CHODAT, R.
 1926 *Scenedesmus*. Etude de génétique, de systématique expérimentale et d'hydrobiologie. *Rev. Hydrobiologie* 3(3-4): 6-258.
- COESEL, P. F. M.
 1979 Desmids of the broads area of N. W.-Overijssel (The Netherlands). *Acta Bot. Neerl.* 28(4-5): 257-279.
 1979 Desmids of the broads area of N. W.-Overijssel (The Netherlands) II. *Acta Bot. Neerl.* 28(6): 385-423.
- COMPÈRE, P.
 1977 Algues de la région du Lac Tchad. VII — Chlorophycotes (3.ª partie: Desmidiées). *Cah. ORSTOM.*, sér. *Hydrobiol.* 11(2): 77-117.
 1980 Algues de l'Air (Niger). *Bull. Jard. Bot. Nat. Belg.* 50(3-4): 269-329.
- COUTÉ, A. & ROUSSELIN, G.
 1975 Contribution à l'étude des algues d'eau douce du Moyen Niger (Mali). *Bull. Mus. Nat. Hist. Nat.*, 3ème sér., Bot. 21(277): 73-175.
- CROASDALE, H.
 1973 Freshwater algae of Ellesmere Islands N. W. T. *Publ. Bot. Mus. Nat. Canada*, 3: 1-127.
- CROASDALE, H. & SCOTT, A.
 1976 New or otherwise interesting Desmids from Northern Australia. *Nova Hedw.* 27(3-4): 501-596.

- DESIKACHARY, T. V.
1959 Cyanophyta. New Dehli, I-VII + 669 p.
- ENTWISLE, T. J. & ANDERSEN, R. A.
1990 A re-examination of *Tetrasporopsis* (Chrysophyceae) and the description of *Dermatochrysis* gen. nov. (*Chrysophyceae*): a monostromatic alga lacking cell walls. *Phycologia*, 29(3): 263-274.
- ETTL, H. & GÄRTNER, G.
1988 *Chlorophyta* II. Tetrasporales, Chlorococcales, Gloeodendrales. In: ETTL, H. & als. — Süßwasserflora von Mitteleuropa. Band 10. Stuttgart-New York, XI + 426 p.
- FAGNANT, M.
1987 Les Desmidiées des Hauts Plateaux Ardennais (Bélgique). *Lejeunia*, n. s., 122: 1-50.
- FLENSBURG, T.
1967 Desmids and other benthic algae of Lake Kävsjön and store mosse SW Sweden. *Acta Phyt. Suecica*, 51: 1-123.
- FÖRSTER, K.
1970 Beitrag zur Desmidieen flora von Süd-Holstein und der Hansesdat Hamburg. *Nova Hedw.* 20(1-2): 253-411.
1982 *Conjugatophyceae*. Zygnematales und Desmidiales (excl. *Zygnemataceae*). In: HUBER-PESTALOZZI, G. — Das Phytoplankton des Süßwassers. Systematik und Biologie. 8. Teil, 1. Hälfte. Stuttgart, 113 p.
- FRÉMY, P.
1930 Les Myxophycées de l'Afrique équatoriale française. Caen, *Archives de Botanique*, Tome III, Mém. 2; 508 p.
- GÄRTNER, G.
1985 Die gattung *Trebouxia* Puymaly (Chlorellales, *Chlorophyceae*). *Arch. Hydrobiol. Suppl.* 71(4): 495-548.
- GEITLER, L.
1932 *Cyanophyceae* von Europa. In: RABENHORST's L. — Kryptogamen-Flora von Deutschland, Österreich und der Schweiz. Band 14. Leipzig, 1179 p.
- GONZÁLEZ GUERRERO, P.
1950 Observaciones fisiológicas en la Sierra do Gerês (Portugal). *Port. Acta Biol.*, Sér. B, vol. J. Henriques: 117-140.
- GREEN, J. C.
1973 Studies in the fine structure and taxonomy of flagellates in the genus *Pavlova*. II. A freshwater representative, *Pavlova granifera* (Mack) comb. nov. *Br. Phycol. J.* 8(1): 1-12.
1980 The fine structure of *Pavlova pinguis* Green and a preliminary survey of the order Pavlovales (*Prymnesiophyceae*). *Br. Phycol. J.* 15(2): 151-191.
- GRÖNBLAD, R.
1921 New desmids from Finland and Northern Russia with critical remarks on some known species. *Acta Soc. Fauna et Flora Fennica*, 49(7): 1-78.

- 1942 Algen, Hauptsächlich Desmidiaceen, aus dem Finnischen, Norwegischen und Schwedischen Lappland. Mit Berücksichtigung der organismen des phytoplanktons und des zooplanktons. *Acta Soc. Sci. Fenn.*, sér. B, 2(5): 1-46.
- GRÖNBLAD, R.; SCOTT, A. M. & CROASDALE, H.
- 1963-1964 Desmids from Uganda and Lake Vitoria. Collected by Dr. Edma M. Lind. *Acta Bot. Fenn.* 66: 3-57.
- 1968 Desmids from Sierra Leona, Tropical West Africa. *Acta Bot. Fenn.* 78: 1-41.
- GRÖNBLAD, R. & CROASDALE, H.
- 1971 Desmids from Namibia (S. W. Africa). *Acta Bot. Fenn.* 93: 1-40.
- GRÖNBLAD, R.; PROWSE, G. A. & SCOTT, A. M.
- 1958 Sudanese desmids. *Acta Bot. Fenn.* 58: 3-82.
- HEGEWALD, E. & SILVA, P. C.
- 1988 Annotated catalogue of *Scenedesmus* and nomenclaturally related genera, including original descriptions and figures. Berlin-Stuttgart, *Bibl. Phycologica*, 80, 587 p.
- HEGEWALD, E.; HINDÁK, F. & SCHNEPF, E.
- 1990 Studies on the genus *Scenedesmus* Meyen (*Chlorophyceae Chlorococcales*) from South India, with special reference to the cell wall ultrastructure. *Beihefte Nova Hedw.* 99: 75 p. + 135 est.
- HEGEWALD, E. & SCHNEPF, E.
- 1991 *Scenedesmus abundans* (Kirchn.) Chod., an older name of *Chlorella fusca* Shit et Krauss. *Arch. Protistenkd.* 139(1-4): 133-176.
- HERNÁNDEZ-MARINÉ, M. C. & REVILLA-ESTRACH, M. A.
- 1989 Ciclo vital y posición sistemática de *Jaagiella alpicola* Vischer (*Chlorophyceae*). *An. Jard. Bot. Madrid*, 46(1): 61-69.
- HIBBERD, D. J.
- 1976 The ultrastructure and taxonomy of the *Chrysophyceae* and *Prymnesiophyceae* (*Haptophyceae*): a survey with some new observations on the ultrastructure of the *Chrysophyceae*. *Bot. J. Linn. Soc.* 72(2): 55-80.
- HINDÁK, F.
- 1977 Studies on the Chlorococcal algae. (*Chlorophyceae*). I. *Biol. Práce*, 23(4): 1-186.
- 1980 Studies on the Chlorococcal algae. (*Chlorophyceae*). II. *Biol. Práce*, 26(6): 1-192.
- 1984 Studies on the Chlorococcal algae. (*Chlorophyceae*). III. *Biol. Práce*, 30(1): 1-304.
- 1987 Taxonomic survey of the genera *Fusola* (Chlorococcales), *Elakatothrix*, *Closteriospira* and *Chadefaudiothrix* (Ulotrichales). *Preslia*, 59(3): 193-228.
- 1990 Studies on the Chlorococcal algae (*Chlorophyceae*). V. Bratislava, Publs. House of the Slovak Academy of Sciences, 225 p.
- HIRANO, M.
- 1942 The desmids florula of Oze.-district. I. *Acta Phyt. Geob.* 11(4): 272-302.

- HUBER-PESTALOZZI, G.
- 1941 Das phytoplankton des Süßwassers. Systematik und Biologie. Teil 2, 1 Hälfte. In: THIENEMANN, A. — Die Binengewässer. Einzel darstellungen aus der Limnologie und ihren Nachbargebieten. Band. XVI. 2 Teil. 4. Hälfte. Stuttgart, 366 p.
- 1961 Das phytoplankton des Süßwassers. Systematik und Biologie. 5. *Chlorophyceae*, ordnung; Volvocales. In: THIENEMANN, A. — Die Binengewässer. Einzeldarstellungen aus der Limnologie und ihren Nachbargebieten. Band. XVI, 5 Teil. Stuttgart, 744 p. + 158 est.
- IRENÉE-MARIE, F.
- 1938 Flore desmidiale de la région de Montreal. *Laprairie*, 543 p.
- 1957 Les *Micrasterias* de la région des Trois-Rivières. *Hydrobiol.*, 9: 66-88.
- 1957 Les *Staurastrum* de la région des Trois-Rivières. *Hydrobiol.*, 9: 145-209.
- IYENGAR, M. O. P.
- 1933 Contributions to our knowledge of the colonial Volvocales of South India. *Linn. J. Bot.* 49: 323-373.
- KALINA, T.
- 1975 Taxonomie und ultrastruktur der Art *Corcontochrysis noctivaga* (*Haptophyceae*). *Preslia* 47(1): 1-13.
- KOMÁREK, J. & FOTT, B.
- 1983 *Chlorophyceae*: Chlorococcales. In HUBER-PESTALOZZI — Das Phytoplankton des Süßwasser. Systematik und Biologie 7. Teil, 1 Hälfte. Stuttgart, 1001 p.
- KOUWETS, A. C.
- 1987 Desmids from the Auvergne (France). *Hydrobiol.* 146: 193-263.
- KRIEGER, W. & GERLOFF, J.
- 1962 Die Gattung *Cosmarium*. Weinheim, 1: 1-122 p. + 22 est.
- 1965 Die Gattung *Cosmarium*. Weinheim, 2: 113-240 p. + 20 est.
- 1969 Die Gattung *Cosmarium*. Lehre, 3-4: 241-410 p. + 27 est.
- KRIEGER, W. & SCOTT, A. M.
- 1957 Einige Desmidiaceen aus Peru. *Hydrobiol.* 9: 126-144.
- LAGOCHE DE DIAZ, E. N.; VIGNA, M. S.; MAIDANA, N. I. & CARTHY, S. M.
- 1986 Algas de águas continentais de Argentina V. Entre Ríos. *Darwiniana*, 27(1-4): 107-141.
- LEE, K. W. & BOLD, H. C.
- 1974 Phycological studies. XII. *Characium* and some *Characium*-like Algae. *Univ. Texas Publ.* n° 7403, 126 p.
- MATTOX, K. R. & BOLD, H. C.
- 1962 Phycological studies III. The taxonomy of certain Ulotrichacean Algae. Koenigstein, Publ. n° 6222, 50 p.
- MESSIKOMMER, E.
- 1935 Algen aus dem Obertoggenburg. *Mitt. Bot. Mus. Universität Zürich*, 148: 95-130.
- MIGULA, W.
- 1897 Kryptogamenflora Algae von Deutschland, Deutsch. Österreich und der Schweiz. Berlin-Lichterfelde, Band II, Teil 1a-1b. 918 p.

- NAUWERCK, A.
- 1959 Beitrag zur Kenntnis der Phytoplanktons portugiesischer Gewässer. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 33: 223-231.
- OLIVEIRA, M. R. L.
- 1976 Composição qualitativa e quantitativa e variações sazonais do plancton da Albufeira do Roxo. *Notas e Estudos S. E. P.*, 2: 1-30.
- OLIVEIRA, M. R. L. & CALDAS, A. P.
- 1971 Espécies planctónicas e do fundo do rio Almonda. Lisboa, D.G.S.F.A., *Estudos e Divulgação Técnica* — Grupo A: 1-42.
- PARRA, O. O.
- 1975 Desmidiaceas de Chile I. Desmidiaceas de la région de Concepcion y alredores. *Gayana, Bot.*, 30: 3-90.
- PARRA, O. O. & GONZÁLEZ, M.
- 1977 Desmidiaceas de Chile III. Desmidiaceas de la Isla de Chiloé. *Gayana, Bot.*, 34: 3-103.
- PASCHER, A.
- 1939 Heterokonten. In: RABENHORST'S, L. — Kryptogamen — Flora von Deutschland, Österreich und der Schweiz. Band 11. Leipzig, 420 p.
- PÉTERFI, L. S.
- 1973 Studies on Romanian Staurastrum I. Variability and taxonomy of *Staurastrum spinosum* (Brébisson) Ralfs. *Nova Hedw.*, 24(1): 121-144.
- PRESCOTT, G. W.
- 1940 Desmids of Isle Royale Michigan. The genera *Staurastrum*, *Micrasterias*, *Xanthidium* and *Euastrum*, with a note on *Spinoclosterium*. *Pap. Michigan Acad.* 25: 89-100 p. + 4 est.
- 1957 The Machris Brazilian expedition. *Contr. Sci.* II, 3-29.
- 1966 Algae of the Panama Canal and its Tributaries. II. Conjugales. *Phykos*, 5(1-2): 1-49.
- PRESCOTT, G. W. & al.
- 1972 North American Flora. Desmidiales. Part I. Saccodermae, Mesotae-niaeae. Series II, part. 6. New York, I + 82 p.
- 1975 A synopsis of North American Desmids. Part II. Desmidiaceae: Placodermae. Section 1. Lincoln, 267 p.
- 1977 A synopsis of North American Desmids. Part II. Desmidiaceae: Placodermae. Section 2. Lincoln-London, VII + 405 p.
- 1981 A synopsis of North American Desmids. Part II. Desmidiaceae: Placodermae. Section 3. Lincoln-London, VII + 705 p.
- PRESCOTT, G. W. & SCOTT, A. M.
- 1942 The freshwater algae of Southern United States. I. Desmids from Mississippi, with descriptions of new species and varieties. *Trans. Amer. Microsc. Soc.*, 61(1): 1-29.
- PRINTZ, H.
- 1964 Die Chaetophorale der Binnengewässer. Eine systematische Übersicht. *Hydrobiol.*, 24(1-3): 1-376.
- RANDHAWA, M. S.
- 1959 Zygnemaceae. New Delhi, Indian Council of Agricultural Research, 478 p.

- RIETH, A.
- 1972 Über *Chlorokybus atmophyticus* Geitler 1942. *Arch. Protistenk.* 114(3): 330-342.
- RINO, J. A.
- 1967 Subsídios para o conhecimento das algas de Portugal. II. *Port. Acta Biol. (B)*, 9(1-2): 106-145.
- 1969 Notas sobre a flora algológica da Guiné Portuguesa. *An. Soc. Brot.*, 35: 93-113.
- 1972 Contribuição para o conhecimento das algas de água doce de Moçambique. III. *Rev. Cienc. Biol. Lourenço Marques*, sér. A, 5: 121-264 + XXXII est.
- 1979 Écologie des algues d'eau douce du sud de Mozambique. Paris, ed. A., 2 vols.
- RODRIGUES, J. E. M.
- 1956 Subsídios para o conhecimento das algas de água doce de Portugal. Aditamento à flora algológica do Gerês. Coimbra, XXIII Congr. Luso-Espanhol, Tomo V: 403-412.
- 1961 Contribuições para o conhecimento das algas de água doce de Portugal. I. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 35: 185-220.
- 1963 Contribuições para o conhecimento das algas de água doce de Portugal. II. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 37: 45-69.
- ROZEIRA, A.
- 1944 Desmídias da província de Trás-os-Montes e Alto Douro. *Publ. Inst. Bot. «Dr. Gonçalo Sampaio»*, Porto: 5-21.
- 1947 Primeiro reconhecimento das Desmídias da Serra da Estrela. *Broteria (C. N.)*, 16(3): 97-104.
- RUZICKA, J.
- 1949 *Cosmarium hornavanense* Gutw. *Acta Mus. Not. Pragae*, 5B (2): 1-22 + 6 est.
- 1962 *Closterium limneticum* Lemm. *Preslia*, 34(1-2): 176-189.
- 1972 Die Zieralgen der Insel Hiddensee. *Arch. Protistenk.* 114(4): 453-485.
- 1973 Die Zieralgen des Naturschutzgebietes «Rezabinec» (Süd böhmen). *Preslia*, 45(3): 193-241.
- 1975 Erwägungen über die Taxonomie der Gattung *Closterium*. I. *Preslia*, 47(3): 193-210.
- 1975 Erwägungen über die Taxonomie der Gattung *Closterium*. II. *Preslia*, 47(4): 289-304.
- 1977 Die Desmidiaceen Mitteleuropas. Band. 1. Stuttgart, III + 292 p.
- 1981 Die Desmidiaceen Mitteleuropas. Band. 1, 2. Lieferung. Stuttgart, VIII + 703 p.
- SAMPAIO, G.
- 1920 Subsídios para o estudo das «Desmidiáceas» Portuguesas. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 1, 28: 151-164.
- SAMPAIO, J.
- 1922 Desmidiáceas do Porto e arredores. *Brotéria*, 20: 26-48 + 1 est.
- 1923 Subsídios para o estudo das Desmidiáceas Portuguesas. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 2: 153-160.

- 1926 Novos subsídios para o estudo das Desmidiáceas portuguesas. *Brotéria*, sér. Bot., 22(2): 85-92.
- 1941 Breves contribuições para o estudo das Desmídias portuguesas. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 15: 17-19.
- 1943 Sinopse das Desmídias conhecidas na Flora Portuguesa. *Brotéria*, sér. Bot. 12(3): 97-115.
- 1944 Sinopse das Desmídias conhecidas na Flora Portuguesa (Continuação). *Brotéria*, sér. Bot. 13(1): 5-24.
- 1944 Sinopse das Desmídias conhecidas na Flora Portuguesa (Continuação). *Brotéria*, sér. Bot. 13(2-3): 88-130.
- 1945 Sinopse das Desmídias conhecidas na Flora Portuguesa (Continuação). *Brotéria*, sér. Bot. 14(3): 128-148.
- SANTOS, M. F.
- 1970 Contribuição para o conhecimento das algas de água doce de Portugal. I. *An. Soc. Brot.*, 36: 87-125.
- 1976 Contribuição para o conhecimento das algas de água doce de Portugal. V. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 50: 169-230.
- 1988 ACOI-The culture collection of algae of the Department of Botany — University of Coimbra — Supl. I. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 61: 267-277.
- SANTOS, M. F. & MESQUITA, J. F.
- 1986 The culture collection of algae of the Department of Botany — University of Coimbra. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 59: 353-373.
- SCOTT, A. M. & GRÖNBLAD, R.
- 1957 New and interesting desmids from the southeastern United States. *Acta Soc. Sci. Fenn.*, N. S. B., 2(8): 1-62 p. + 37 est.
- SCOTT, A. M. & PRESCOTT, G. W.
- 1958 Some freshwater algae from Arnhem Land in the northern territory of Australia. *Rec. Am. Austr. Scient. Exp. ped. Arnhem Land*, 3: 9-136.
- SKALNA, E.; TARNOWSKA, B. & ZURKOWA, L.
- 1973 [A contribution to the knowledge of the algae found in the environs of Golysz]. *Frag. Florist. et Geob.* 19(3): 357-367.
- SKUJA, H.
- 1949 Zur Süßwasseralgen-Flora Burmas. *Nova Acta Reg. Soc. Sci. Upsaliensis*, sér. IV, 14(5): 1-187.
- 1956 Taxonomische und Biologische studien über des phytoplankton schwedischer Binnengewässer. *Nova Acta Regiae Soc. Sci. Upsaliensis*, sér. IV, 16(3): 1-401.
- 1964 Grundzüge der Algenflora und Algenvegetation der Fjeldgegenden um Abisko in Schwedisch-Lappland. *Nova Acta Reg. Soc. Sci. Upsaliensis*, sér. IV, 18(3): 1-465 + LXIX est.
- 1976 Zur kenntnis der Algen Neuseeländischer Torfmoore. *Nova Acta Reg. Soc. Sci. Upsaliensis*, sér. V, C. 2: 1-158.
- STARMACH, K.
- 1966 Flora Słodkowodna Polski. Tom. 2. *Cyanophyta-Sinice, Glaucoophyta-Glaukofity*. Warszawa, 802 p.

- 1968 Flora Slodkowodna Polski. *Chrysophyta* III. *Xanthophyceae*. Warszawa-Kraków, 389 p.
- 1972 *Chlorophyta* III. Zielenice Nitkowate: Ulotrichales, Ulvales, Prasiolales, Sphaeropleales, Chladophorales, Chaetophorales, Trentepohliales, Siphonales, Dichotomosiphonales. In: STARMACH, K. & SIEMINSKA, J. — Flora Slodkowodna Polski. Tom. 10. Warszawa-Kraków, 743 p.
- TEILING, F.
- 1947 *Staurastrum planctonicum* and *St. pingue*. A study of planktic evolution. *Svensk. Bot. Tidskr.*, 41(2): 218-234.
- 1967 The desmid genus *Stauromedesmus*. A taxonomic study. *Ark. Bot.*, 6(6): 467-630.
- TELL, G.
- 1980 Le genre *Staurastrum* (Algues Chlorophycées, Desmidiées) dans le nord-est de l'Argentine. *Bull. Mus. Nat. Hist. Nat.*, Paris. 4^a sér., 2, section B, 2: 145-207.
- THEODOLUZ, C. & PARRA, O. O.
- 1984 Desmidiaceas (Saccodermae y Placodermae) de Chile. IV. Desmidiaceas del sistema de lagos de la Cordillera del Paine y alredores. *Gayana, Bot.*, 41(3-4): 201-224.
- THEREZIEN, J.
- 1985 Contribution à l'étude des algues d'eau douce de la Bolivie, les Desmidiales. *Nova Hedw.*, 45: 505-576.
- THOMASSON, K.
- 1957 Contributions to the knowledge of the plankton in Scandinavian Mountain Lakes. 4. *Bot. Not.* 110(2): 251-264.
- 1972 Some planktic *Staurastra* New Zealand. 2. *Sv. Bot. Tidskr.* 66: 257-274.
- TUPA, D. D.
- 1974 An investigation of certain Chaetophoralean algae. Beihefte, *Nova Hedw.*, 46: V + 115 p.
- UHERKOWICH, G.
- 1966 Die *Scenedesmus* — Arten Ungarns. Budapest, 173 p.
- VEER, J. VAN DER & LEEWIS, R. J.
- 1977 *Pavlova emorea* sp. nov. a Haptophycean alga with a dominant palmelloid phase from England. *Acta Bot. Neerl.*, 26(2): 159-176.
- VILLERET, S.
- 1951 Le dephasage des divisions cellulaires et de la morphogénèse chez les Desmidiées unicellulaires. *Bull. Soc. Sci. Bretagne*, 26(1-4): 49-58.
- WATENABE, M.; PRESCOTT, G. W. & YAMAGISHI, T.
- 1979 Freshwater algae of Papua New Guinea (2). Desmids from Woitape, Central District. In: KUROKAWA, S. — Studies on Cryptogams of Papua New Guinea. Tokyo, 49-66 p.
- WEDDIGEN, U. & GEITLER, U.
- 1980 Vergleichende Untersuchungen zur Algen flora Zweier Berliner Naturschutzgebiete (Pech-und Barssee). *Nova Hedw.* 33(1-2): 95-144.
- WEST, W. & WEST, G. S.
- 1904 A monograph of the British Desmidiaceae. London, Roy. Soc. I: I-XXVI + 224 p., 32 est.

- 1905 A monograph of the British Desmidiaceae. London, *Roy. Soc.* II: 204 p. + 11 est.
- 1908 A monograph of the British Desmidiaceae. London, *Roy. Soc.* III: 274 p. + 30 est.
- 1911 A monograph of the British Desmidiaceae. London, *Roy. Soc.* IV: 191 p. + 32 est.
- WEST, W.; WEST, W. S. & CARTER, N.
- 1923 A monograph of the British Desmidiaceae. London, *Roy. Soc.* V: 300 p. + 38 est.
- YACUBSON, S.
- 1974 Catalogo e Iconografia de las Chlorophyta de Venezuela. *Bol. Centro Inv. Biol. Maracaibo*, 11: 7-143.
- 1980 The phytoplankton of some freshwater bodies from Zuli State (Venezuela). *Nova Hedw.*, 33: 279-352.
- 1982 Contribuição para o conhecimento da flora desmidíacea da província de Maracanaú, Ceará, Brasil. *Revista da Faculdade de Ciências Exatas e da Universidade Federal do Ceará*, 10(1): 107-277.
- SANTOS, M. F. & MENEZES, J. P.
- 1985 Phytoplankton dinoflagellates from some rivers of the University of Coimbra. *Bol. ETE-UEC*, 1(1): 101-107.
- SCOTT, A. M. & COOPER, R.
- 1958 Some freshwater algae from Arnhem Land in the north-eastern part of Australia. *Aust. J. Bot.*, 6(2): 189-200.
- 1958 Some freshwater algae from Arnhem Land in the north-eastern part of Australia. *Aust. J. Bot.*, 6(3): 201-212.
- SKALNA, E. TAKOWSKA, B. & SKALNA, L.
- 1978 [A study of the algae of the northern part of Lake Ladoga (Russia)]. *Zool. zhurn.*, 53(1): 10-16.
- 1978 [The algae of the northern part of Lake Ladoga (Russia)]. *Zool. zhurn.*, 53(2): 10-16.
- 1978 Zur Kenntnis der Algen-Nematoden-Beziehungen im Süßwassersee Belitsch mit einer Ergebnisse eingehender Untersuchungen 1981-1983. *Bot. Not. - Bot. Nyt.*, 136(1-2): 1-18.
- 1986 Flora Süßwasser-Poljot. Tom. 2. *Cyanophyceae*. *Zhurn. Bot.*, 103(1-2): 1-100.

A CORUNHA: Pólos de (indeterminado) Ferrol, 1982: 1281. Hontoria-Oubiña

A CORUNHA: Pólos de (indeterminado) Ferrol, 1982: 1281. Hontoria-Oubiña

APONTAMENTOS SOBRE A FLORA GALEGA — XIV

X. SOÑORA, J. RODRÍGUEZ-OUBIÑA & S. ORTIZ

Departamento de Biología Vegetal. Laboratório de Botánica.

Facultade de Farmacia. Universidade de Santiago.

15706 Santiago de Compostela. Galiza-España

Recibido el 1-8-93.

RESUMO

São citados 22 taxões de diverso interesse corológico para a Galiza dos quais 5 taxões são citados pela primeira vez para este território: *Cistus × cyprius* Lam., *Escallonia macrantha* Hooker & Arnott in Hooker, *Oxalis articulata* Savignay in Lam., *Senecio petasites* (Sims) DC. e *Silene muscipula* L.

ABSTRACT

22 taxa of varied corologic interest are mentioned here, among them 5 species not previously cited from this territory: *Cistus × cyprius* Lam., *Escallonia macrantha* Hooker & Arnott in Hooker, *Oxalis articulata* Savignay in Lam., *Senecio petasites* (Sims) DC. and *Silene muscipula* L.

Alopecurus myosuroides Hudson

(sin. *Alopecurus agrestis* L.)

A CORUNHA: As Júbias, na beira de uma estrada, 7/14/1989, 29TNH5099, leg. Luz Fdez. Prada & Jesús Rei Gómez.

Esta planta foi encontrada por LAÍNZ no herbário de Planelas, procedente de Ferrol, depois de ter passado inadvertida a PAU (1924) quando fez a revisão do mesmo herbário; já fora citada aliás do mesmo lugar por LÓPEZ ALONSO (LAÍNZ, 1965: 326, 1967: 48). Não existe confirmação da referência de LANGE (1861: 25) para a província de Ourense, onde é muito provável



a sua presença pois aparece nos limites da província. ORTIZ & RODRÍGUEZ-OUBIÑA (1987: 99) deram a segunda localidade certa da Galiza, do Porrinho (Ponte-vedra).

Esta é uma nova localidade, relativamente próxima da de Planellas, onde por outra parte não se tornou a encontrar.

Amaranthus albus L.

LUGO: Becerreá, Ponte sobre o rio Cruzul, 15/09/1992, 29TPH 5245. Em comunidades nitrófilas na beira da estrada nacional VI.

Primeira citação provincial para esta planta ruderal originária da América do Norte que se encontra naturalizada na maior parte da Europa. CARRETERO (1987: 439) recolheu esta planta em Carril (Ponte-vedra), GÓMEZ VIGIDE & al. (1989: 111) deram-na da Serra de Outes (A Corunha), posteriormente CARRETERO (1990: 565) assinalou-a para toda a Península Ibérica, com excepção das províncias de Lugo, Ourense e Oviedo.

Campanula rotundifolia L. s. l.

A CORUNHA: Paradela, 20/07/1989, 29TNH8659.

Primeira localidade para a província da Corunha e segundo galega já que anteriormente fora encontrada em Trevinca (GUTIÉRREZ & al., 1985: 199).

Carex humilis Leyss.

PONTE-VEDRA: Basadre, 5/06/1988, 29TNH5835. Silheda, Bazar, 26/03/1991, 29TNH5835.

Citada nos ervaçais e landas de natureza calcária da cornija cantábrica (ALLORGE, 1941: 234). LAÍNZ (1967: 47) faz a primeira referência concreta para a Galiza situada em Palas de Rei (Lugo), nos terreiros serpentínicos próximos desta localidade, mas em diferente província. Posteriormente o mesmo LAÍNZ (1968: 36) dá uma segunda citação galega, de Baldaio, no Concelho de Tordoia (A Corunha). Nova para a província de Ponte-vedra.

Centaurea corcubionensis Laínz

A CORUNHA: Póvoa do Caraminhal, monte A Curota, 15/06/1985, 29TNH0009.

Planta descrita originariamente do Pindo, Concelho de Carnota, província da Corunha (LAÍNZ, 1967: 40); posteriormente o mesmo autor acrescentou várias localidades novas da mesma província corunhesa também: Camarinhas, Malpica e Zás (LAÍNZ, 1971: 27).

Esta nova localidade está situada mais para o sul, afastada da restrita área donde era conhecido anteriormente este endemismo do subsector Compostelano (sector Galaico-Português).

Cistus × cyprinus Lam. (*Cistus ladanifer* × *laurifolius*)

OURENSE: Rubiá, Covas, 7/07/1988, 29TPH7705.

Primeira citação galega. BOLAÑOS & GUINEA (1949: 193-199) citam-no do centro e sul da Península Ibérica.

Deschampsia setacea (Hudson) Hackel

[sin. *Deschampsia discolor* (Thuill.) Beauv.]

A CORUNHA: Zas, Brandonhas, barragem da Fervença, 28/07/1987, 29TNH0361.

Planta palustre invulgar na Galiza, citada por várias vezes na província de Lugo: LANGE (1861: 38), MERINO (1909: 295) e ALLORGE (1927: 949). Esta é pois a primeira citação para a província da Corunha.

Dittrichia viscosa (L.) W. Greuter

[sin. *Inula viscosa* (L.) Aiton]

A CORUNHA: Fene, beiras da estrada das Pias, frente à entrada de ASTANO, 5/10/1988, 29TNJ6713.

OURENSE: Verim, Rasela, 17/11/1991, 29TPG3145.

Citação nova para a província da Corunha e ampliação de área para a província de Ourense. Conhecímos duas citações da província de Ponte-vedra: uma, do vale do Minho, de Planellas

(MERINO, 1906: 336), confirmada posteriormente por PAU (1924: 44); outra, de GÓMEZ VIGIDE & al. (1989: 108), do Porrinho. GARCÍA MARTÍNEZ & al. (1991: 48) acarretaram a primeira citação para a província de Ourense, perto da barragem de Velhe.

Escallonia macrantha Hooker & Arnott in Hooker

A CORUNHA: Val-do-vinho, praia de Vila-Rube, 03/06/1991, 29TNJ7631.

Primeira citação para a Galiza desta espécie alóctona nativa do Chilé e em estado silvestre em diversos lugares da Europa Ocidental. Utilizada frequentemente como sebe na comarca das Marinhas, aparece algumas vezes subespontânea, embora uma separação clara dos indivíduos espontâneos e os procedentes de cultivos abandonados não resulte fácil.

Euphorbia maculata L.

A CORUNHA: Santiago de Compostela, Campus Universitário, 26/06/1989, 29TNH3847.

Primeira citação provincial desta planta de origem americana que já fora citada por RODRÍGUEZ GRACIA (1986: 33) e GÓMEZ VIGIDE & al. (1989: 109) da província de Ponte-vedra. PINTO DA SILVA & DA SILVA (1956: 24) citam-na como subespontânea em Portugal, desde Barcelos até Monção, Faro e Alfarelos. Posteriormente ORTIZ & RODRÍGUEZ-OUBIÑA (1990: 76) fizeram umas novas referências desta planta também em Portugal, de Coimbra e Parede.

Euphorbia segetalis L.

PONTE-VEDRA: Redondela, Estação dos caminhos de ferro, 10/02/1990, 29TNG3281.

Citada por PLANELLAS (1852: 355) para a Galiza, PAU (1924: 68) confirmou posteriormente a sua presença. É citada por MERINO (1906: 534) de vários pontos de Ourense: A Rua, O Bolo, As Ermidas e Cudeiro, e também de Lugo: S. Clódio, Monte-furado e Sequeiros. GUITIÁN & GUITIÁN (1986: 155) assinalaram-na como

pouco frequente nas áreas de Corrubedo (A Corunha). Esta é a primeira citação provincial.

Hainardia cylindrica (Willd.) W. Greuter

[sin. *Monerma cylindrica* (Willd.) Cosson & Durieu]

A CORUNHA: Ferrol, Doninhos, Outeiro, na beira da estrada, 5/06/1992, 29TNJ5616. Ferrol, Covas, postduna da praia de S. Jurjo, 23/07/1922, 29TNJ5720.

Duas novas citações para a Galiza e primeiras para a província da Corunha desta gramínea assinalada apenas na província de Ponte-vedra segundo o listado de RODRÍGUEZ GRACIA & al. (1989: 81).

Lactuca viminea Presl. subsp. *viminea*

PONTE-VEDRA: Merça, 14/07/1992, 29TNH5935.

Medra nos lugares áridos do interior de Lugo e Ourense (MERINO, 1906: 469). PAU (1924: 50) encontrou-a também no herbário de Planellas, de Ourense. Esta é a primeira referência para Ponte-vedra.

Melilotus officinalis (L.) Pallas

A CORUNHA: Santiago de Compostela, 7/07/1989, 29TNH3747.

Planta nitrófila, das beiras dos caminhos. LAÍNZ (1968: 8) assinalou esta planta de Bóveda e Cervantes (Lugo) e COSTA TENORICO (1984: 265) citou-a da comarca de Trives (Ourense). Primeira citação provincial.

Origanus vulgare

A CORUNHA: Ares, Redes, beira de caminho, 9/09/1989, 29TNJ 6508. Leg. Nuria Caruncho Conde.

MERINO (1906: 195) aludiu às referências de PLANELLAS (1852: 338) que indicava a existência desta espécie em Santiago (A Corunha) e na ria de Ponte-vedra; no entanto PAU (1924: 63) não a encontrou na revisão do seu herbário. Mais tarde MERINO

achou esta espécie em Sequeiros, na província de Lugo (LAÍNZ, 1955: 131). A nossa citação é a confirmação da presença desta planta na província da Corunha.

Oxalis articulata Savignay in Lam.

A CORUNHA: Manhom, praia do Esteiro, nas areias nitrificadas da postduna, 27/10/1991, 29TPJ0345.

Primeira citação para a Galiza desta planta procedente das zonas tépidas da América do Sul e já conhecida de diversas localidades da Península Ibérica.

Senecio petasites (Sims) DC.

A CORUNHA: Ferrol, praia da Granha, 18/08/1991, 29TNJ5914. De origem mexicana, esta é a primeira citação para a Galiza.

Silene muscipula L.

(sin. *Silene arvensis* Loscos nom. illeg.)

A CORUNHA: Aranga, A Castelá, 6/06/1987, 29TNH7983.

TALAVERA (1990: 361), não a dá nem para a Galiza nem para o Noroeste da Península, sendo esta a primeira citação galega.

Solanum laciniatum Aiton

A CORUNHA: A Corunha, A Zapateira, proximidades do Colégio Universitário, 21/11/1988, 29TNH9980. Ferrol, Ponta Arnela, 29TNJ6215. Ferrol, A Granha, alcantilado na parte posterior da praia artificial, 18/08/1991. 29TNJ6014.

Primeiras citações para a província da Corunha desta solanácea arbustiva de origem australiana e neozelandesa, citada recentemente como novidade galega para a província de Pontevedra (BUJÁN & al., 1989: 571).

Symphytum tuberosum L.

A CORUNHA: Ferrol, Serantes, nos prados ensopados da beira do rio da Sardinha, 02/03/1983, 29TNJ6217. Cedeira, Peneiro, na beira do rio das Mestas, 28/03/1988, 29TNJ7931.

OURENSE: A Veiga, Jares, 14/07/1987, 29TPG7079.

As citações conhecidas da Galiza são raras e a maioria, do interior do país. É dada por MERINO (1906: 149) como espécie rara na Galiza e a cita de Galdo (segundo RODRÍGUEZ FRANCO), arredores de Lugo (segundo CASTRO PITA) e BER. CARREIRA ALVAREZ (1955: 523) dá a referida espécie como subespontânea no Vale de Burom. GÓMEZ VIGIDE (1985: 372) citou-a de Rubiá (Ourense). Estas são primeiras citações provinciais para A Corunha.

Verbascum sinuatum L.

A CORUNHA: Ferrol, Esteiro, 02/07/1988, 29TNJ6315. Ferrol, descampados do porto comercial, 02/07/1988, 29TNJ6214.

MERINO (1906: 127) citou apenas dois exemplares da ilha da Toja. Esta é pois a confirmação da existência desta planta na Galiza para além de ser primeira citação provincial.

Zantedeschia aethiopica (L.) Sprengel

A CORUNHA: Ferrol, Doninhos, na ribeira oeste da lagoa, 06/06/1991, 29TNJ5515. Ferrol, A Granha, canteira próxima da estrada a S. Filipe, 13/04/1992, 29TNJ5914. Vale-do-vinho, Meirás, 22/05/1992, 29TNJ6525. Vale-do-vinho, Lago, 22/05/1992, 29TNJ 6870.

Primeiras citações para a província da Corunha desta planta ornamental, procedente de África do Sul que já fora citada anteriormente na Galiza, de Baiona, na província de Ponte-vedra (RODRÍGUEZ GRACIA, 1983: 21).

BIBLIOGRAFIA

- ALLORGE, P.
1927 Sur quelques plantes rares ou intéressantes de Galice. *Bull. Soc. Bot. France* 74: 947-952. Paris.
- ALLORGE, V. P.
1941 Plantes rares ou intéressantes du NW. de L'Espagne, principalement du Pays basque. *Bull. Soc. Bot. France* 88: 226-254. Paris.
- AMARAL FRANCO, J.
1971 *Nova Flora de Portugal, I.* Lisboa.

- BOLAÑOS, M. M. & GUINEA LÓPEZ, E.
 1949 *Jarales y jaras. I. F. I. E.* 49: 1-228. Madrid.
- BUJAN, M.; ROMERO, M. I. & CREMADES, J.
 1989 Sobre flora alóctona del noroeste peninsular. *Anales Jard. Bot. Madrid* 45(2): 570-571. Madrid.
- CARREIRA ALVAREZ, E.
 1955 Contribución al estudio de la Flora Gallega. Plantas herborizadas en el valle de Burón (Lugo). *Anal. Inst. Bot. Cavanilles* 13: 499-532. Madrid.
- CARRETERO, J. L.
 1987 Fragmenta chorologica occidentalia, 670-676. *Anales Jard. Bot. Madrid* 43(2): 4399-440. Madrid.
 1990 *Amaranthus L. in C ASTROVIEJO & al. (eds.). Flora Ibérica* 2: 559-569. C.S.I.C. Madrid.
- COSTA TENORIO, M. & MORLA JUARISTI, C.
 1984 Anotaciones corológicas orensanas. *Lazaroa* 6: 263-266. Madrid.
- GARCÍA MARTÍNEZ, X. R.; VALDÉS-BERMEJO, E.; SILVA-PANDO, F. J.; RODRÍGUEZ GRACÍA, V. & GÓMEZ VIGIDE, F.
 1991 Aportaciones a la Flora de Galicia IV. *Nova Acta Científica Compostelana (Biología)* 2: 41-56. Santiago de Compostela.
- GÓMEZ VIGIDE, F.
 1985 Algunas aportaciones al conocimiento de la Flora Gallega. *Anales Jard. Bot. Madrid* 41(2): 367-380. Madrid.
- GÓMEZ VIGIDE, F.; GARCÍA MARTÍNEZ, X. R.; VALDÉS BERMEJO, E.; SILVA-PANDO, F. J. & RODRÍGUEZ GRACÍA, V.
 1989 Aportaciones a la Flora de Galicia III. In *Sobre Flora y Vegetación de Galicia*: 101-121. Xunta de Galicia, Consellería de Agricultura. Santiago de Compostela.
- GUITIÁN, J.; AMIGO, J.; ORTIZ, S. & RODRÍGUEZ OUBIÑA, J.
 1985 Apuntes sobre la Flora Gallega III. *Trab. Compostelanos. Biol.* 12: 197-203. Santiago de Compostela.
- GUITIÁN, P. & GUITIÁN, J.
 1986 Base florística para la protección de las dunas y marismas de Corrubedo (A Coruña). *Trab. Compostelanos. Biol.* 13: 139-182. Santiago de Compostela.
- LAÍNZ, M.
 1955 Aportaciones al conocimiento de la Flora Gallega. *Broteria, ser. C. N.* 24(51) (II-III): 108-151. Lisboa.
 1965 Aportaciones al conocimiento de la Flora Gallega IV. *Anales I.F.I.E.* 10: 299-334. Madrid.
 1967 Aportaciones al conocimiento de la Flora Gallega V. *Anales I. F. I. E.* 12: 1-51. Madrid.
 1968 *Aportaciones al conocimiento de la Flora Gallega VI:* 1-39. Madrid.
 1971 *Aportaciones al conocimiento de la Flora Gallega VII:* 1-39. Madrid.
- LANGE, J.
 1861 *Pugillus plantarum imprimis hispanicarum, quas in itinere 1851-52 legit. Vid. Meddel. Dansk. Naturh. Foren. Kjøbenhavn* 1860: 1-82. Copenhagen.

- 1861 *Pugillus plantarum imprimis hispanicarum, quas in itinere 1851-52 legit. Vid. Meddel. Dansk. Naturh. Foren. Kjøbenhavn* 1861: 33-116. Copenhagen.
- MERINO, B.
- 1905-1906-1909 *Flora descriptiva e ilustrada de Galicia, I-III.* Tipografia Galaica. Santiago de Compostela.
- ORTIZ, S.
- 1988 Las plantas gallegas del herbario de Willkomm (COI). *Bol. Soc. Brot., sér. 2*, **61**: 11-40. Coimbra.
- ORTIZ, S. & RODRÍGUEZ-OUBIÑA, J.
- 1987 Apuntes sobre la Flora Gallega V. *Bol. Soc. Brot., sér. 2*, **60**: 99-105. Coimbra.
- 1990 Contribución al conocimiento de la alianza *Polycarpion tetraphylli* en Portugal. *Botanica Complutensis* **16**: 71-91. Madrid.
- 1921-1924 El herbario de Planellas. *Broteria ser. Bot.* **21**(1924): 43-82. Lisboa.
- PINTO DA SILVA, A. R. & DA SILVA, M.
- 1956 *Piantas novas e novas áreas para a flora de Portugal. III. Flora Lusitanica Commentarii* **9**: 11-49. Lisboa.
- PLANELLAS, J.
- 1852 *Ensayo de una Flora fanerogámica gallega.* Santiago de Compostela.
- RIGUEIRO RODRÍGUEZ, A. & SILVA-PANDO, F. J.
- 1984 Aportaciones a la Flora de Galicia. *Anales Jard. Bot. Madrid* **40**(2): 381-395. Madrid.
- RODRÍGUEZ GARCÍA, V.
- 1986 Comentarios a la Flora de Galicia III. *Boletín Auriense*. **16**: 31-38. Ourense.
- RODRÍGUEZ GRACÍA, V.; GÓMEZ VIGIDE, F.; VALDÉS BERMEJO, E.; GARCÍA MARTÍNEZ, X. R. & SILVA-PANDO, F. J.
- 1989 Catálogo de la Flora vascular Gallega. I. Pterydophyta, Gymnospermae y Monocotiledóneas. In *Sobre Flora y Vegetación de Galicia*: 71-89. Xunta de Galicia, Consellería de Agricultura. Santiago de Compostela.
- TALAVERA, S.
- 1990 *Silene L. in CASTROVIEJO, S. & al. (eds.). Flora Ibérica* **2**: 313-406. C. S. I. C. Madrid.
- WEBB, D. A.
- 1964 *Escallonia Mutis ex L. fil. in TUTIN, T. G. & al. (eds.). Flora Europaea* **1**: 382. University Press. Cambridge.

In the present work some properties of the β -D-glucosidase from *D. aquatica* were investigated using 1% of carboxymethyl-

* These results were presented in the Third 93, 2-5 th June 1993, Helsinki, Finland.

STUDIES ON THE β -GLUCOSIDASE FROM *DICHOMITUS SQUALENS* (KARST.) REID INDUCED BY CARBOXYMETHYLCELLULOSE

d) Temperature stability

M.* EMÍLIA RESENDE; M.* MANUELA CAROLINO;

N. TEIXEIRA RODEIA *

Departamento de Biologia Vegetal, Faculdade de Ciências de Lisboa,
Campo Grande, 1700 Lisboa

Received, 6-9-93.

SUMMARY

The strain of *Dichomitus squalens* being studied was cultured in a liquid medium having as a sole carbon source 1% soluble cellulose-carboxymethylcellulose (CMC). Some kinetics parameters of the β -D-glucosidase component from *D. squalens* have been determined.

The Michaelis constant (k_m) for ONPG (o-nitrophenyl β -D-glucopyranoside) is 1.41 mM, the V_{max} is 9 nmoles min $^{-1}$, at pH 4.0 and 50° C.

The β -glucosidase exhibits a rapid thermal inactivation at 70° C although it exhibited 100 % activity at 50° C, that is more or less constant until 64° C, temperature in which the residual activity was still 80 %.

The profiles of pH effect on the activity and on the stability enzyme are similar which show the denaturation of enzymes on values lower than 2.76 and higher than 6.35. D-glucose is shown to be a non competitive inhibitor ($K_i = 3.35$ mM) when the ONPG is the substrate.

INTRODUCTION

THE breakdown of native cellulose to soluble sugars is a process which involves the action of a multi-enzymic system, one component of this system is the β -glucosidase which catalysis the hydrolysis of cellobiose on D-glucose.

In the present work some properties of the β -D-glucosidase from *D. squalens* were investigated using 1% of carboxymethyl-

* These results were presented in the Tricel 93, 2-5 th June 1993, Helsinki, Finland.

cellulose (one artificial soluble cellulose) as the sole carbon source persuing other work (RESENDE *et al.*, 1992) where we also reported some kinetic parameters of one β -glucosidase from *D. squalens* induced by 1 % of Whatmann cellulose.

MATERIAL AND METHODS

Material

The mycelium of a white-rot *D. squalens* (Karst.) Reid strain was isolated from a fruity-body collected from *Pinus* sp. and has been subcultured on potato dextrose agar.

Erlenmeyers of 250 ml containing 100 ml of a basal liquid medium, NORKRANS & HAMMARSTRÖM (1963) enriched with biotin 5 $\mu\text{g l}^{-1}$ and thiamine 100 $\mu\text{g l}^{-1}$ and supplemented with carboxymethylcellulose as the sole carbon source, were inoculated with mycelium discs which grew without agitation and were incubated at 28°C.

Methods

a) Extracellular extracts preparation

The culture with 14 days of incubation were centrifuged and the extracellular extracts were added by sodium azide (in a final concentration of 0.01 %) to prevent contamination and maintained at 4°C until be assayed.

b) Enzyme assays

β -D-glucosidase activity was determined by incubating at 50°C, for 30 min, a reaction mixture containing 1 ml 0.2M of sodium acetate buffer, pH 4.0, 1 ml 5mM of ortho-nitro-phenyl- β -D-glucopyranoside, 1 ml of enzyme solution (a suitable diluted extracellular extract) and 1 ml of water. The reaction was stopped by the addition of 4 ml 0.4M glycine-NaOH solution, pH 10.8 (Wood, 1968). The absorbance of the mixture resulting was measured at 430 nm, and the appropriate enzyme and substrate blanks were included.

One unit of activity (I. U.) is defined as the amount of enzyme, which under the reaction conditions, catalyses the release of 1 μmole of ortho-nitrophenol per min (PARR, 1983).

c) *Kinetic properties*

The kinetic properties of a β -D-glucosidase were investigated, using the assay methods of LINEAEWAVER & BURK, 1934 and of DIXON & WEBB, 1964, but with different concentrations (ONPG) or in the presence of one inhibitor (various glucose concentrations).

d) *Temperature stability.*

Thermal deactivation experiments were carried out by pipetting 1 ml quantities of extracellular extracts (enzyme solution) into test tubes preheated to the incubating temperatures (between 50° C and 75° C) in a water bath. At noted times samples were removed and diluted directly into cold buffer (0.2M sodium acetate) and the diluted samples assayed for β -D-glucosidase activity as described in assay methods.

e) *pH activity*

pH activity experiments were carried out by pipetting 1 ml quantities of 0.2M sodium acetate buffer solutions of different pH values between 2.76 and 9.76; 1 ml of 5 mM ONPG, 1 ml of the extracellular extract (enzyme solution) and 1 ml of water. β -D-glucosidase activity was determined as described above in enzyme assays.

f) *pH stability*

A reaction mixture containing 1 ml 0.2M sodium acetate in different pH from 2.76 up to 9.76 and 1 ml of the enzyme solution was incubated at room temperature during 18 hours. Then we applied to all test tubes the same method previously described to determine the β -D-glucosidase activity.

RESULTS AND DISCUSSION

The results presented here let us to consider that the β -glucosidase induced whether by 1% Whatmann cellulose (crystalline cellulose) or by 1% of carboxymethylcellulose (soluble and substituted cellulose) have identical kinetic characteristics (when we compare these results — Figs. 1, 2, 3 and 4 with the results obtained and referred in RESENDE *et al.*, 1992).

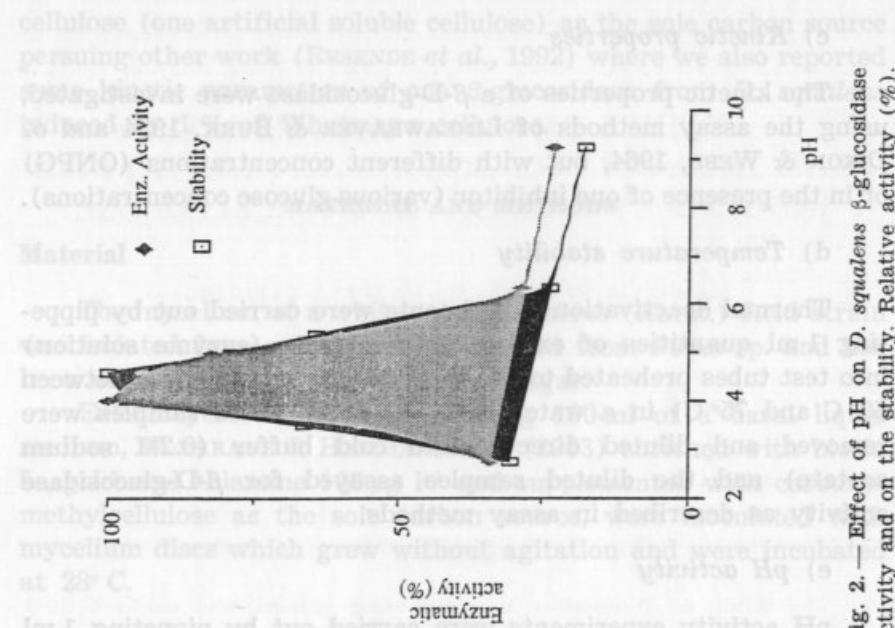


Fig. 2.—Effect of pH on *D. squalens* β -glucosidase activity and on the stability. Relative activity (%).

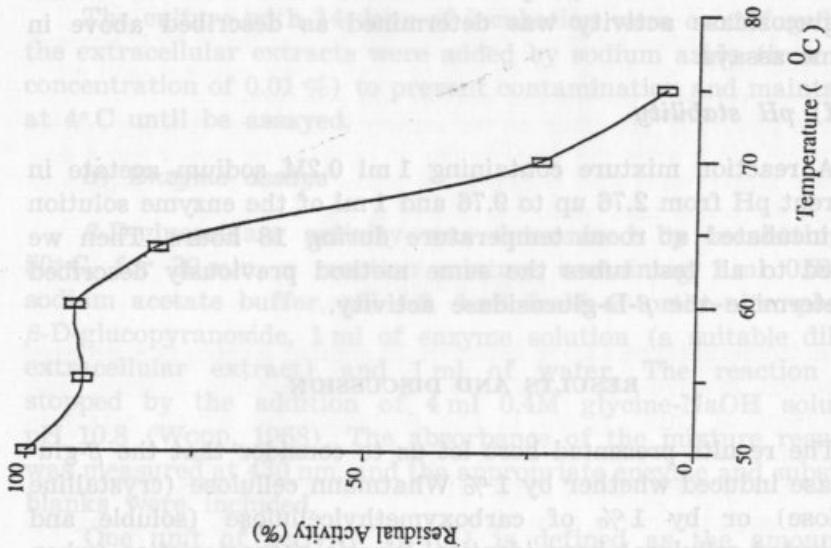


Fig. 1.—Thermal stability of *D. squalens*.

We verified that at 50° C the enzyme presents 100 % activity, a value that remains more or less constant only until 64° C when there is 80 % residual activity, as can be seen in Fig. 1, that shows the thermal stability of *Dichomitus squalens* β -D-glucosidase.

The authors wish to thank to INIC - Instituto Nacional de Investigação Científica — Centro de Micologia da Universidade de Lisboa for financial support to realize the work and to supply the participation and the travel to attend the Meeting in Britain. To JNICT — Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica by the grant given to one the authors, M. F. P. S. whose which is gratefully acknowledged.

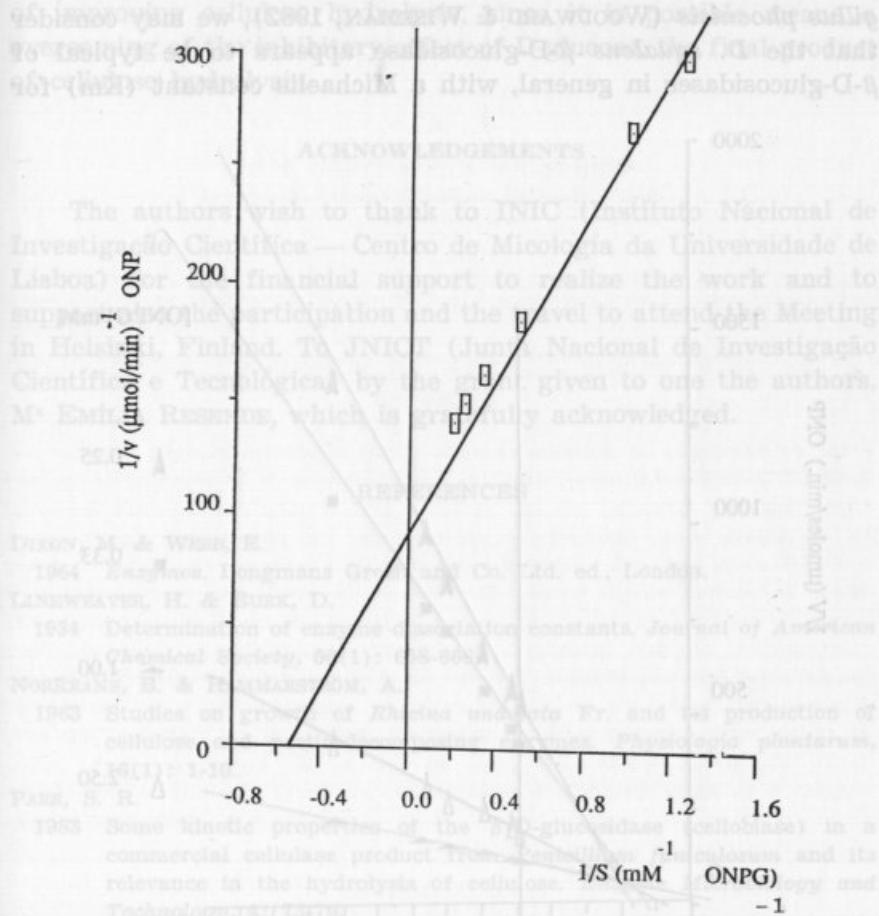


Fig. 3. — LINEWEAVER-BURK plot: $V_{max} = 9 \text{ nmoles min}^{-1}$
 $K_m = 1.41 \text{ mM}$.

dase. However at 70° C it presents a rapid thermal inactivation (the value is only 23 %).

The profiles of the pH effect on the activity and on the stability (Fig. 2) of the β -glucosidase, were similar, and they seemed to indicate that the enzyme suffered denaturation in the

pH under 2.76 and over 6.35. The best results occurred in pH between 4.0 and 5.0 with 100 % relative activity.

Once the Michaelis constant for ONPG for the β -D-glucosidase shows wide variations, from 0.05 mM for *Saccharomyces cerevisiae* (WOODWARD & WISEMAN, 1982) up to 44 mM for *Aspergillus phoenicis* (WOODWARD & WISEMAN, 1982), we may consider that the *D. squalens* β -D-glucosidase appears to be typical of β -D-glucosidases in general, with a Michaelis constant (K_m) for

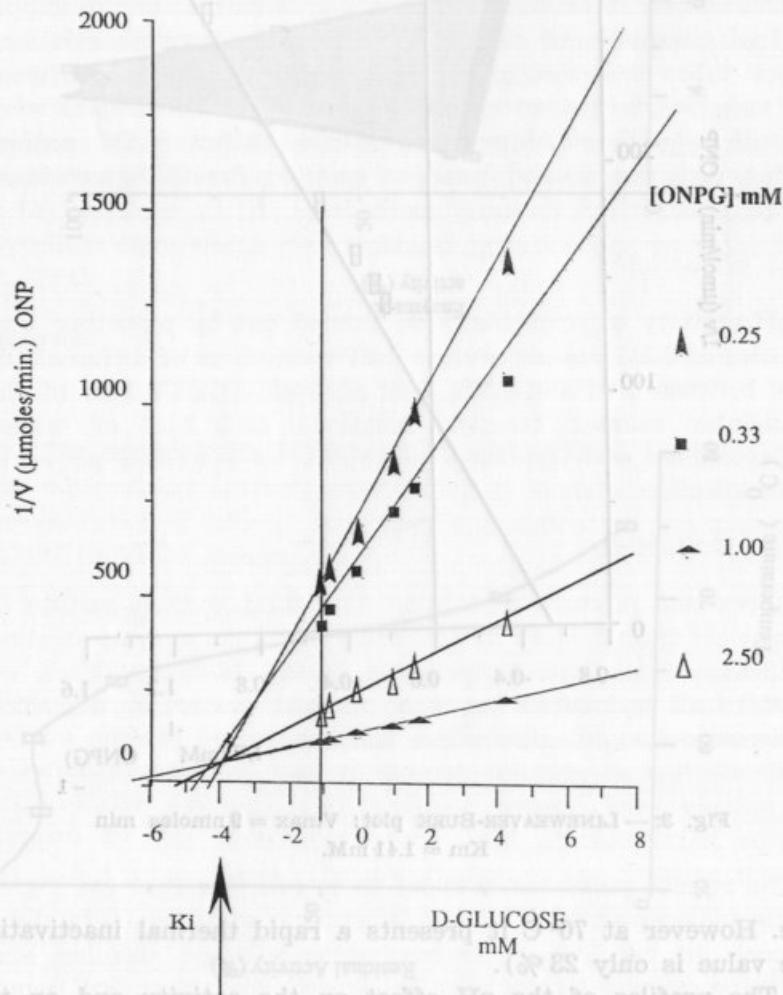


Fig. 4. — Constant of inhibition (DIXON & WEBB method)
K_i = 3.35 mM.

CNPG of 1.41 mM and the Vmax value of 9 nmoles min⁻¹, at pH 4.0 and 50° C (Fig. 3).

When the substraté is ONPG, D-glucose is shown to be a non competitive inhibitor, $K_i = 3.35$ mM (maybe a mixt competition — Fig. 4). This may be a significant advantage in terms of improving cellulose hydrolysis, since it is possible means a overcoming of the inhibitory effect of D-glucose, the final product of cellulose hydrolysis.

ACKNOWLEDGEMENTS

The authors wish to thank to INIC (Instituto Nacional de Investigação Científica — Centro de Micologia da Universidade de Lisboa) for the financial support to realize the work and to support also the participation and the travel to attend the Meeting in Helsinki, Finland. To JNICT (Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica) by the grant given to one the authors, M^a EMÍLIA RESENDE, which is gratefully acknowledged.

REFERENCES

- DIXON, M. & WEBB, E.
1964 *Enzymes*. Longmans Green and Co. Ltd. ed., London.
- LINEWEAVER, H. & BURK, D.
1934 Determination of enzyme dissociation constants. *Journal of American Chemical Society*, 56(1): 658-666.
- NORKRANS, B. & HAMMARSTRÖM, A.
1963 Studies on growth of *Rhizina undulata* Fr. and its production of cellulose and pectin-decomposing enzymes. *Physiologia plantarum*, 16(1): 1-10.
- PARR, S. R.
1983 Some kinetic properties of the β -D-glucosidase (cellobiase) in a commercial cellulase product from *Penicillium funiculosum* and its relevance in the hydrolysis of cellulose. *Enzyme Microbiology and Technology*, 4: 73-79.
- RESENDE, M.^a EMÍLIA; M.^a MANUELA CAROLINO; N. TEIXEIRA RODEIA
1992 Kinetic properties of a β -glucosidase from *Dichomitus squalens* (Karst.) Reid. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 65 (2.ª Série): 83-90.
- WOOD, T. M.
1968 Cellulolytic enzyme system of *Trichoderma koningii*. Separation of the components attacking native cotton. *Biochemical Journal*, 109: 217-227.
- WOODWARD, J. & WISEMAN, A.
1982 *Enzyme Microbiology and Technology*, 4: 73-79.

abridged, bell-shaped seed, oval pectorosa. Inflorescences annual, biennial or perennial, branched, bearing single or double flowers, axillary, terminal, or in leaf axils; flowers yellow, orange, red, purple, blue, violet, pink, white.

MUTAGENIC EFFECTS OF COLCHICINE ON *VIGNA UNGUICULATA* (L.) WALPERS (PAPILIONACEAE) IN NIGERIA

by

G. C. OBUTE & R. E. UGBOROGHO

Department of Biological Sciences, University of Lagos,
Lagos, Nigeria

Received, 12-1-94.

ABSTRACT

The mutagenic effects of 0.2 % aqueous solution of colchicine on morphological features of *V. unguiculata* (L.) Walp., were investigated. Soaking sprouted seeds in the solution for 3 hours did not produce tetraploid cells but induced suppression of lateral root development and elongation of shoot-root axis. The treated materials later became taller and more vigorous than the controls and produced longer pods bearing higher number of seeds. Differences observed in the mean values of plant height, number of leaves per plant, length and breadth dimensions of abaxial stomata, pollen grain diameter, number of pods as well as number of seeds per pod were highly significant ($P < 0.05$). Manner of pigmentation on the stem and perianth was not affected by treatment. Exposure to the mutagen was lethal to some of the cultivars. However, the need to further investigate these effects and to find utility of the treatment in the improvement of *V. unguiculata* production is suggested.

INTRODUCTION

Cultivated *Vigna unguiculata* (L.) Walp., called beans in Nigeria, is a widely distributed annual herb within tropical and subtropical regions (COBLEY, 1962). As a cheap source of protein, its importance in the dietary needs of humans and livestock on a global scale (LELEJI, 1975; SINGH & RACHIE, 1985; UGBOROGHO & AGOMO, 1989b; UGBOROGHO & OBUTE, 1990, 1993) has been acknowledged. Consequently, considerable measures of

human and financial resources have been channelled towards improving desirable qualities of the plant aimed at increased yield and utilization. However, genetic variability available to researchers derives, in the main, from extant spontaneous mutations that are conserved by natural selection.

The process of natural selection can only act on ready made mutations. Since spontaneous mutations are both slow and random processes (STEBBINS, 1950; SWANSON, 1957; ALLARD, 1960; SCHULZ-SCHAEFFER, 1985) the need of wider genetic variability required for better improvement would not be satisfied by spontaneous mutations alone. Mutants of *V. unguiculata* have been produced with ionising radiations (APPA RAO & JANA, 1976; GHOSH *et al.*, 1979). The deployment of chemical mutagens to induce mutations has not been adequately attempted for *V. unguiculata*.

Colchicine which is a highly potent C-mitotic agent for several plants does not appear to effect changes in the chromosome complement of *V. unguiculata*. Several genic mutations, however, have been reported in several plants through the action of colchicine. FRANZKE & Ross (1952) reported colchicine induced mutations that affected agronomic characters in sorghum. Similarly, this mutagen has induced formation of chimeral sectors and different floral colour variations on the same branch of flax, soybean, corn and wheat (DIRK *et al.*, 1956). According to reports of UGBOROGHO & SODIPO (1985) features such as retarded seedling emergence, enhanced mitotic indices, chromosomal aberrations in addition to polyploidisation have been effected in tomato by colchicine treatment.

It is against this background that we undertook to investigate the effects of colchicine treatment on the life history and genetic make up of *V. unguiculata* cultivars. We hope that desired effects, if produced and sustained would be an advantage to be utilized in crop improvement.

MATERIALS AND METHODS

Dry seeds of *V. unguiculata* (L.) bought from various markets in Nigeria were sorted into homogenous groups based on the criteria published elsewhere (UGBOROGHO & AGOMO, 1989a, b; UGBOROGHO & OBUTE, 1990, 1993) and referred to as cultivars. The cultivar groups were designated with letters of the English

alphabet A.....T. Cultivars A, B, C, were chosen for this investigation because of their white seed coat and different types of hilum ring colour while cultivars H, J and P were chosen for their different coat colours.

Treatment with colchicine

20 seeds randomly picked from each cultivar group were soaked in Petri dishes containing tap water to trigger sprouting. After a period of 12 hours, 10 of the sprouted seeds from each group were selected and transferred to 0.2% aqueous solution of colchicine from 1400-1700 hours GMT in an air conditioned room. The rest seeds served as control samples; while the treated samples were washed and placed in Petri dishes containing moistened absorbent paper to grow. Both control and treated materials were transplanted into soil in black polyethylene bags and after about 3 weeks removed to soil in the biological garden of University of Lagos. These were monitored till they reached maturity, when all the measurements and observations were made.

Epidermal strips

Rectangular cuttings were obtained from the equatorial regions of mature terminal leaflets. These were either mechanically stripped to get the abaxial epidermal strip; or treated with concentrated nitric acid until air bubbles appeared indicating separation of the epidermes. Forceps and mounted needles were used to remove the strips which were placed with the near-mesophyll surface on a drop of 50% glycerine on a glass slide. Such preparations were left to stand overnight at room temperature to ensure full turgidity. The number of epidermal cells and stomata were scored at $\times 400$ field view on a Wild Heerbrugg phase contrast microscope. Stomatal indices were computed with the technique of STACE (1965) while a $\times 10$ eye piece fitted with micrometer was used to measure the stomatal lengths and breadths.

Vegetative features

Height of plants and number of leaves per plant, were measured with a metre rule; while growth habit and pattern of pigment deposition on the stems were visually scored.

Reproductive features

Perianth colour was visually assessed to ascertain variation in the control and treated materials.

Pollen grains

Pollen was teased out from mature anthers and stained with 1:1 acetocarmine-glycerine and the preparation was covered with coverslip and kept overnight at 60° C in an oven. Stained pollen grains were enumerated at $\times 400$ magnification and the percentage of this to the total number of pollen grains counted represented the percentage stainability. Pollen diameter was also measured with an eye piece graticule for the triporate and monoporate types of pollen grains.

Cytological studies

Root tips were obtained at 1400 hours GMT from plants growing on moistened sawdust in Petri dishes. These were pre-treated with saturated aqueous solution of paradichlorobenzene for 1.5 hours at room temperature. The root tips were fixed in 1:3 acetic acid alcohol solution for 12-24 hours and hydrolysed in 1N hydrochloric acid for 15 minutes at 60° C in an oven. Squash preparations were made by staining the meristematic region of the root tips with 2% acetocarmine on a slide and covering it with coverslip. By gently tapping with the wooden end of a mounted needle the cells were separated. Chromosome counts were obtained from plates with the best separated chromosomes at $\times 400$ magnification.

RESULTS

Treatment with 0.2% aqueous colchicine solution had a pronounced growth retarding effect on seedlings of all the cultivars. The effect was so much drastic for treated seedlings of cultivars B, C and P that growth was not sustained in these after a few days. Retardation in growth led to development of tap roots that were thicker and more bulbous at the tips in treated cultivars (Fig. 1). Evidently lateral root development was suppressed and this led to stouter and shorter lateral roots in the treated cultivars (Fig. 1).

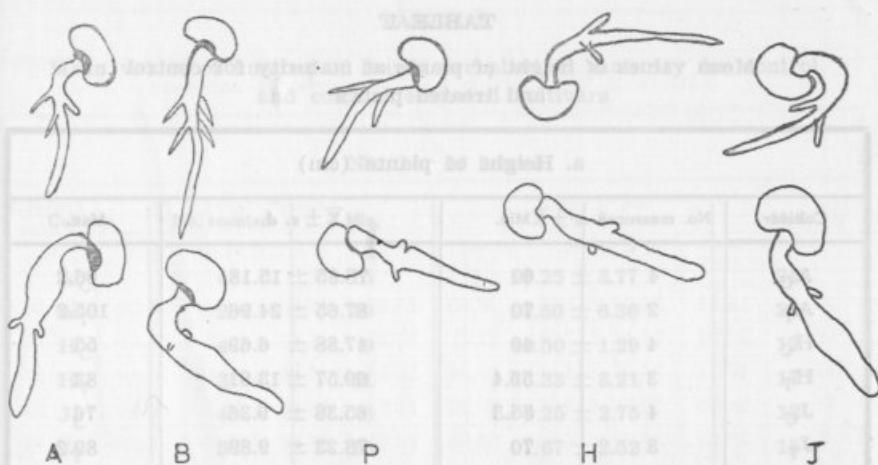


Fig. 1.—Normal seedlings of control and enlarged seedlings of colchicine treated material after two days sprouting $\times 5$.

Also suppressed by colchicine treatment was shoot development as evident in Fig. 2. However, after transplanting to soil in the garden the treated plants of cultivars A, H and J took to more vigorous growth and produced more luxuriant foliage than the controls.

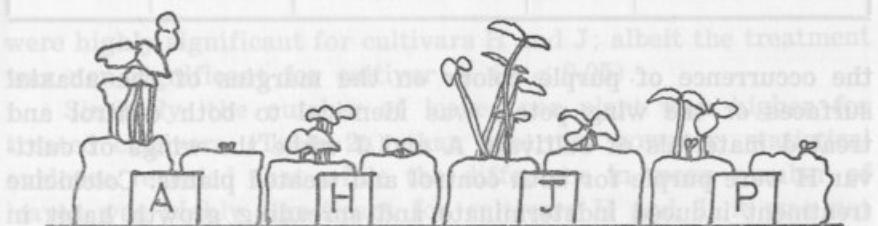


Fig. 2.—Shoot suppression by colchicine treatment. The alternate polyethylene bags contain treated cultivars.

Qualitative morphological characters

Treatment with colchicine produced no noticeable effect on the pattern of pigmentation of the stem and perianth. Bases of lateral leaflets, bases of branches and those of petioles were pigmented in both the control and treated materials. Similarly,

Reproductive features

TABLE 1

Mean values of height of plants at maturity for control
in the control and treated plants

Pollen grains		a. Height of plants (cm)		
Cultivar	No. measured	Min.	$\bar{X} \pm s. d.$	Max.
A _C	4	60	78.85 ± 15.18	96.2
A _T	2	70	87.65 ± 24.96	105.2
H _C	4	40	47.88 ± 6.69	55
H _T	3	55.4	69.57 ± 13.81	83
J _C	4	55.3	65.38 ± 9.36	76
J _T	3	70	78.23 ± 9.89	89.2

b. Summary table of comparison of means between control and colchicine-treated plants using the t-test ($\alpha = 0.05$)				
Cultivars	d. f.	Tabulated t-value	Cal t-value	Comment
A _C vs. A _T	4	2.132	2.11	n. s.
H _C vs. H _T	5	2.015	8.01	**
J _C vs. J _T	4	2.132	5.08	**

the occurrence of purple colour on the margins of the abaxial surfaces of the wing petals was identical to both control and treated materials of cultivars A and J while the wings of cultivar H were purple for both control and treated plants. Colchicine treatment induced indeterminate and spreading growth habit in cultivar A while the determinate and erect habit observed in cultivars H and J were not affected by the treatment.

Quantitative morphological characters

Despite the initial retardation of growth, colchicine treatment had stimulatory influences on later stages of growth in all the cultivars. As shown in Table 2a, the treated cultivars altogether were taller than the control materials at maturity. Moreso, statistical evidence (Table 2b) revealed that the treatment effects

TABLE 2

Mean values of number of leaves per plant at maturity for control and colchicine-treated cultivars

a. Number of leaves				
Cultivar	No. counted	Min.	$\bar{X} \pm s. d.$	Max.
A _C	4	15	19.25 ± 3.77	24
A _T	2	19	23.50 ± 6.36	28
H _C	4	9	10.50 ± 1.29	12
H _T	3	11	13.33 ± 3.21	17
J _C	4	6	9.25 ± 2.75	12
J _T	3	10	12.67 ± 2.52	15

b. Summary table of comparison of means between control and treated cultivars				
Cultivars	d. f.	Tab. t-value	Cal. t-value	Comment
A _C vs. A _T	4	2.132	2.09	n. s
H _C vs. H _T	5	2.015	2.39	**
J _C vs. J _T	5	2.015	2.70	**

were highly significant for cultivars H and J; albeit the treatment was non significant for cultivar A ($P < 0.05$).

Similarly, the number of leaves per plant was higher for treated cultivars (Table 2a) than controls; however, statistical evidence revealed that while the difference in mean number of leaves was highly significant for cultivars H and J, it was not significant for cultivar A (Table 2b; $P < 0.05$).

Stomata on terminal leaflets

Colchicine treatment led to reduction in both the number of epidermal cells and stomata per $\times 400$ field view. This was further corroborated by the stomatal indices computed for the control and treated cultivars (Table 3a). Furthermore, stomatal length and breadth were longer and wider in treated materials than in controls. The exception, though, was in the breadth of treated

TABLE 3

Abaxial stomatal dimensions (length and breadth) and indices of terminal leaflets of colchicine-treated and control cultivars

Cultivar	Length (μm)			Breadth (μm)			Stomatal indices %
	Min.	$\bar{X} \pm \text{s. d.}$	Max.	Min.	$\bar{X} \pm \text{s. d.}$	Max.	
A _C	18.13	26.02 ± 1.71	29.40	13.46	17.13 ± 2.01	24.52	22.34
A _T	26.04	28.11 ± 2.83	32.31	17.28	21.54 ± 2.65	28.60	15.47
H _C	19.11	24.25 ± 3.15	32.34	16.17	17.99 ± 1.79	20.58	24.69
H _T	26.00	30.56 ± 2.11	35.28	19.11	20.63 ± 2.16	29.40	19.53
J _C	20.58	24.99 ± 3.15	29.40	14.70	18.54 ± 2.43	23.52	23.38
J _T	26.46	30.02 ± 2.65	32.28	16.17	18.49 ± 1.54	20.58	16.67

b. Summary table of comparison of means of stomatal dimensions for colchicine-treated and control materials

	Cultivar	d. f.	Tabulated t-value	Calculated t-value	Comment
Length of stomata	A _C vs. A _T	74	1.980	6.15	**
	H _C vs. H _T	74	1.980	17.05	**
	J _C vs. J _T	74	1.980	12.89	**
Breadth of stomata	A _C vs. A _T	74	1.980	12.60	**
	H _C vs. H _T	74	1.980	8.0	**
	J _C vs. J _T	74	1.980	0.16	n. s.

cultivar J which showed almost the same dimension as the control. Statistical evidence showed that the observed differences in lengths and breadths of stomata for control and treated materials were highly significant ($P < 0.05$) for all the cultivars except for the breadth dimensions of cultivar J which was not significant (Table 3b).

Pollen grains

Pollen from both control and treated materials were highly fertile with stainability figures greater than 95%. Two types of pollen grains were observed in both control and treated

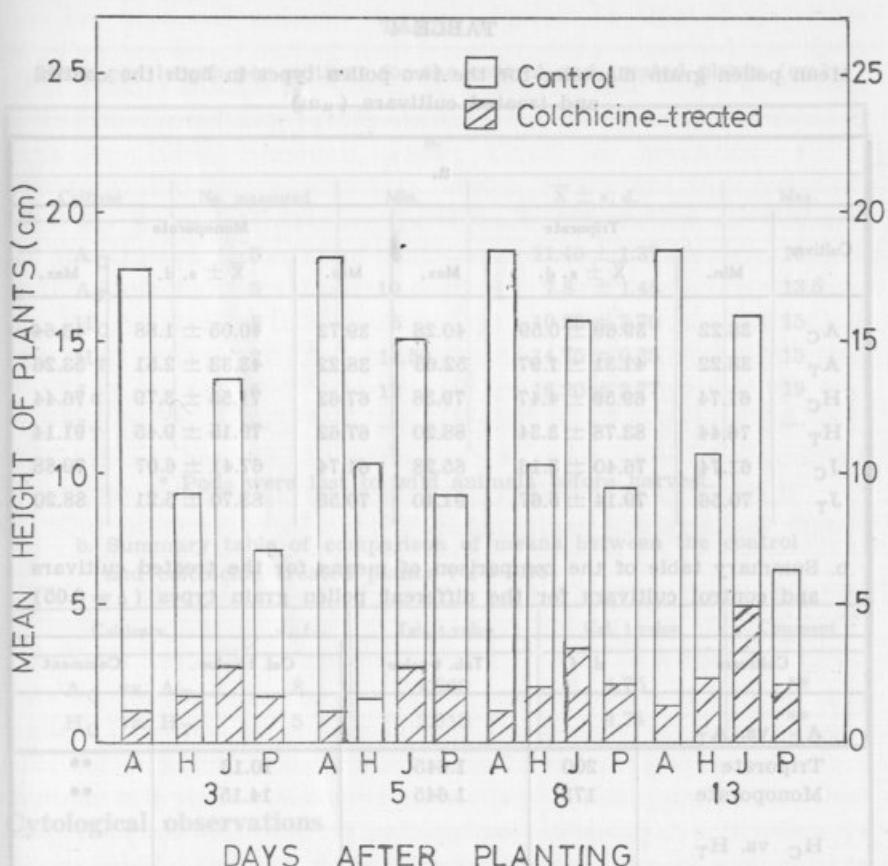


Fig. 3.— Histogram showing the heights of control and colchicine treated materials 13 days after planting.

materials; and the reticulate pattern of sculpturing was not noticeably affected by treatment with colchicine. However, the diameters of the two types of pollen grains were dissimilar (Table 4a). The variation in the mean diameter of monoporate and triporate pollen grains was highly significant ($P < 0.05$; Table 4b) for all the cultivars.

Pod length and number of seeds per pod

The length of pods was observed to increase under the influence of colchicine as depicted in Table 5a. Such increase reflected on the higher values of the mean pod lengths for

TABLE 4

Mean pollen grain diameter for the two pollen types in both the control and treated cultivars (μm)

Cultivar	a.					
	Triporate			Monoporate		
	Min.	$\bar{X} \pm \text{s. d.}$	Max.	Min.	$\bar{X} \pm \text{s. d.}$	Max.
A _C	38.22	39.69 \pm 0.59	40.28	39.72	40.05 \pm 1.88	43.64
A _T	38.22	41.31 \pm 1.97	52.63	38.22	43.33 \pm 2.51	53.26
H _C	61.74	69.59 \pm 4.47	79.38	67.62	71.55 \pm 3.79	76.44
H _T	76.44	83.78 \pm 3.34	88.20	67.62	79.15 \pm 9.45	91.14
J _C	61.74	76.40 \pm 3.16	85.28	61.74	67.41 \pm 6.07	79.88
J _T	70.56	79.14 \pm 5.67	91.40	70.56	83.70 \pm 5.21	88.20

b. Summary table of the comparison of means for the treated cultivars and control cultivars for the different pollen grain types ($\alpha = 0.05$)

Cultivars	d. f.	Tab. t-value	Cal. t-value	Comment
A _C vs. A _T				
Triporate	200	1.645	10.13	**
Monoporate	173	1.645	14.15	**
H _C vs. H _T				
Triporate	208	1.645	54.58	**
Monoporate	216	1.645	19.49	**
J _C vs. J _T				
Triporate	215	1.645	9.45	**
Monoporate	196	1.645	46.2	**

treated cultivars. Test for difference in means showed that such differences were highly significant ($P < 0.05$; Table 5b).

The longer pods of the treated materials expectedly bore more seeds than the controls for cultivars A and H. The only pod on the treated material of cultivar J was lost to wild animals before it matured. The mean values of seeds per pod as well as the statistical evidence confirming treatment effects are depicted on Table 5a, b.

The observed reduced pod length indices in treated materials

TABLE 5

Mean pod length per cultivar for the control and treated plants (cm)

Cultivar	No. measured	Min.	$\bar{X} \pm s.d.$	Max.
A _C	5	6*	11.40 ± 1.37	10
A _T	5	10	7.8 ± 1.48	13.5
H _C	5	6	10.20 ± 3.70	15
H _T	2	14.50	14.75 ± 0.35	15
J _C	5	12	16.20 ± 2.77	19
*J _T	—	—	—	—

* Pods were lost to wild animals before harvest.

b. Summary table of comparison of means between the control and colchicine treated plants ($\alpha = 0.05$)

Cultivars	d. f.	Tab. t-value	Cal. t-value	Comment
A _C vs. A _T	8	1.860	4.75	**
H _C vs. H _T	5	2.015	4.74	**

Cytological observations

Chromosome doubling was not effected with colchicine treatment contrary to expectation. Somatic chromosome counts of $2n = 22$ for both treated cultivar H and the control while $2n = 20$ was recorded for the control and treated material of cultivar A. Gross chromosome morphology was also not affected by colchicine treatment.

DISCUSSION

In their paper, UGBOROGHO & SODIPO (1985) observed that the growth rate of *Lycopersicum esculentum* Miller was retarded by colchicine treatment. Although our observation in the present work is in line with this, it is equally at variance with these authors' findings in that the treated materials later overcame

TABLE 6

Mean number of seeds per pod for colchicine treated and control material

a.				
Cultivar	No. measured	Min.	$\bar{X} \pm s. d.$	Max.
A _C	5	4	6.6 ± 2.4	10
A _T	5	9	10.4 ± 1.14	12
H _C	5	7	9.6 ± 3.97	15
H _T	2	13	15.0 ± 3.34	14
J _C	5	10	13.5 ± 0.71	19

b. Summary table of comparison of means between the control and colchicine treated material				
Cultivars	d. f.	Tab. t-value	Cal. t-value	Comment
A _C vs. A _T	8	1.860	4.52	**
H _C vs. H _T	5	2.015	3.64	**

the induced suppression and even grew taller than the controls at maturity. A plausible explanation is that the «physiological shock» due to colchicine treatment may not have been strong enough to have sustained the initial effects. Contrary to this was the observation that cultivars B, C and P could not withstand colchicine stress suggesting that different physiological tolerance levels exist among these cultivars. However, both cases are in total agreement with the operations of natural selection whereby the non adapted mutants are selected against while adapted ones are selected for perpetuation. The reason adduced by UGBOROGHO & SODIPO (1985) for the death of seedlings was clumping of chromosomes in the meristems of *L. esculentum*. The same phenomenon most likely, operated in these *V. unguiculata* cultivars. It seems then that apart from the classical antimitotic effect of colchicine, one may find both inhibitory and stimulatory effects of this mutagen on the growth and development of different strains of *V. unguiculata*.

The observed reduced stomatal indices in treated materials is an extension of larger and fewer stomata observed per field view. Such features are usual in autopolyploid cases according to SCHULZ-SCHAEFFER (1985). In fact, the works of other authors (ALLARD, 1960; STEBBINS, 1950; DAVIS & HEYWOOD, 1967; SWANSON, 1967; UGBOROGHO & SODIPO, 1985) are in agreement with our results. However, the breadth dimension of stomata for the treated material of cultivar J did not differ from that of the control. Environmental condition alone cannot be used to adequately explain this discrepancy considering the fact that treatment with colchicine increased the length of the stomata in the same material. However, it could be explained by low expressivity in mutant genes responsible for concurrent increase in length and breadth. Apparently, these genes have been modified to express increase in stomatal length alone for cultivar J.

Our observation of no phenotypic change in pigment distribution on treated plants is at variance with those of DIRK *et al.* (1956) on flax, soybean, corn and wheat. These authors obtained different colours of floral parts and fruits on the same branch, under the influence of colchicine. It might be that the *V. unguiculata* physiology is not amenable to colchicine effects in this regard. However, as earlier intimated, changes in genes responsible for pigment deposition may not have been enough to effect any phenotypic variation. HERSKOWITZ (1962) indicated that characters which appear phenotypically are penetrant although there could be various levels of expressivity. Our suggestion here is that whatever effect colchicine had on the genes that code for length and breadth of stomata, increase in stomatal breadth in cultivar J, had low expressivity.

The taller plants with higher number of leaves and more seeds per pod of the treated plants are trends in line with colchicine effects (ALLARD, 1960; SWANSON, 1957). High pollen stainability in both the control and treated material is a reflection of regular meiosis in both. The treatment further increased pollen diameter in both monoporate and triporate types. According to ALLARD (1960); UGBOROGHO & SODIPO (1985) colchicine treatment leads to increased pollen diameter as our results bear out.

Contrary to expectations the somatic number of chromosomes was not doubled by treatment with colchicine. However, other workers have obtained similar results (FRANZKE & ROSS, 1952;

DIRK *et al.*, 1956) with other plants. It follows, therefore, that despite the high potency of colchicine as a C-mitotic agent, its effects in inducing polyploidy may not be universal among angiosperm families. We are suggesting here that techniques other than the traditional treatment with colchicine should be developed for polyploidisation of *V. unguiculata*. Until this is achieved we may not have the wider genetic variability spectrum provided by polyploid and aneuploid levels for better crop improvement. However, the enhanced morphological characters induced by colchicine as noted in the present work need to be further investigated for its utility in *V. unguiculata* production.

REFERENCES

- ALLARD, R. W.
 1960 *Principles of Plant Breeding*. John Wiley & Sons. Inc. Japan.
- APPA RAO, S.; JANA, M. K.
 1976 Mutation frequency in relation to M₁ sterility. *Curr. Sci.* 45(3): 498-500.
- COBLEY, L. S.
 1962 An Introduction to the Botany of Tropical Crops. 3rd ed. London.
- DAVIS, P. H. & V. H. HEYWOOD
 1967 Principles of Angiosperm Taxonomy. 3rd ed. Oliver & Boyd London.
- DIRK, V. A.; ROSS, J. G. & HARPSTEAD, D. D.
 1956 Colchicine Induced True Breeding Chimera sectors in flax. *Journal of Heredity* 47: 229-233.
- FRANZKE, C. J. & ROSS, J. G.
 1952 Colchicine induced variants in sorghum. *Journal of Heredity* 43: 107-115.
- GHOSH, P.; MITRA, G. C. & SHARMA, K.
 1979 Effect of gamma irradiation on callus growth of *Vigna sinensis* (L.) Savi. *Curr. Sci.* 48(16): 731-732.
- HERSKOWITZ, I. H.
 1962 *Genetics*. Little, Brown & Company, Toronto.
- LELEJI, O. I.
 1975 Inheritance of three agronomic characters in cowpea (*Vigna unguiculata* L.) *Euphytica* 24(2): 371-378.
- SCHULZ-SCHAFFER, J.
 1985 Cytogenetics. Springer-Verlag New York.
- SINGH, S. R.; RACHIE, K. O.
 1985 *Cowpea Research, Production and Utilization*. John Wiley & Sons.
- STACE, C. A.
 1965 Cuticular studies as an aid to plant taxonomy. *Bulletin of British Museum of Botany* 4(1): 1-78.

STEBBINS, G. L.

1950 *Variation and Evolution in Plants*. Columbia University Press, New York.

SWANSON, C. P.

1957 *Cytology and Cytogenetics* Prentice-Hall Inc., Englewood Cliffs, New Jersey.

UGBOROGHO, R. E. & SODIPO, S. O.

1985 Studies on the mutagenic effect of colchicine on *Lycopersicum esculentum* Miller (Solanaceae) in Nigéria. *Boletim da Sociedade Broteriana* 58: 139-148.

UGBOROGHO, R. E. & AGOMO, C. O.

1939a Morphology, classification and reproductive biology of *Vigna unguiculata* (L.) Walpers (Papilionaceae) in Nigeria. *Feddes Repertorium* 100(3-4): 137-145.

1989b Seed germination and economic Importance of *Vigna unguiculata* (L.) Walpers (Papilionaceae) in Nigeria. *Feddes Repertorium* 100(3-4): 147-155.

UGBOROGHO, R. E. & OBUTE, G. C.

1990 Cytomorphological consideration of *Vigna unguiculata* (L.) Walpers species complex (Papilionaceae) in Southern Nigeria. *Bulletin of Science Association of Nigeria* 16(1): n-91.

1993 Studies on the vegetative morphology, floral biology and karyomorphology of *Vigna Unguiculata* (L.) Walpers species complex (Papilionaceae) in Southern Nigeria. *Memorias da Sociedade Broteriana* 29: 41-55.

The morphological characters of seed coat confirmed the systematic interpretation of Fenzl & Paolatti (1898-1899) and represent a useful diagnostic factors in mustard seed adulteration.

Key words: *Seed, Sinapis, Brassica, officinalis.*

RIASSUNTO

Gli AA. hanno esaminato con lo stereofotoscopio ed il microscopio elettronico a scansione i semi di *Sinapis alba* sup., *alba*, *arvensis*, *pebescens* e *Brassicaria nigra*.

Tre specie hanno evidenziato un modello tegumentale reticolato più pronunciato nella direzione *S. nigra* > *S. pebescens* > *S. arvensis*. Il modello non è presente in *S. alba*.

I caratteri morfologici del tegumento hanno confermato l'interpretazione sistematica di Fenzl & Paolatti (1898-1899) e rappresentano utili elementi di diagnosi nella sofisticazione dei semi delle senpi.

Parole chiave: *Senape, Sinapis, Brassica, officinalis.*

* Study subsidized by M. U. R. S. T. (60%).

DICK et al., 1956) with other plants. It follows, therefore, that *V. unguiculata* should also be susceptible to colchicine despite the high potency of colchicine as a C-mitotic agent. Its effects in inducing polyploidy may not be universal amongst species, however, because *Wattmannia* is resistant to colchicine (DICK & ROSS, 1956). The enhanced morphological diversity induced by colchicine is often attributed to its ability to produce aneuploid and polyploid levels for better crop improvement. However, the enhanced morphological diversity induced by colchicine is often attributed to its ability to produce aneuploid and polyploid levels for better crop improvement. The enhanced morphological diversity induced by colchicine is often attributed to its ability to produce aneuploid and polyploid levels for better crop improvement.

- CHODOROWSKI, R. E. & ONUK, G. C.
 1980 Chromosomal effects on seedling characteristics in *Vitis*. *Canadian Journal of Genetics and Cytology* 22(1): 109-115.
 CHODOROWSKI, R. E. & ONUK, G. C. 1981 Chromosomal effects on seedling characteristics in *Vitis*. In: *Advances in Viticulture and Enology*, Vol. 1, pp. 109-115. Eds: J. L. MURRAY & J. P. BROWN. Academic Press, London.
 DAVIS, F. H. & V. H. HEYWOOD
 1967 Principles of Angiosperm Taxonomy. 3rd ed. Oliver & Boyd, London.
 DICK, V. A. & ROSS, J. G. & HARPERSON, D. D.
 1956 Colchicine Induced True Breeding Chimeral sectors in *Gloxinia*. *Journal of Heredity* 47: 229-232.
 FRANKE, C. J. & RUMS, J. Q.
 1957 Colchicine induced variants in sorghum. *Journal of Heredity* 48: 107-115.
 GHOSH, P.; MITRA, G. C. & SARKAR, K.
 1979 Effect of gamma irradiation on callus growth of *Vigna sinensis* (L.) Savi. *Curr. Sci.* 48(16): 781-782.
 HOSKINS, I. H. 1960 *Botanical Terms*. Longmans, Green & Co., London.
 1962 Genetics. Little, Brown & Company, Toronto.
 LALIĆ, O. I.
 1970 Inheritance of three agronomic characters in cowpea (*Vigna unguiculata* L.). *Biophytes* 24(2): 373-378.
 LEWIN-KRUMMEL, J.
 1985 Cytogenetics. Springer-Verlag New York.
 SNOD, S. R.; RACHIS, K. O.
 1986 *Cotton Research, Production and Utilization*. John Wiley & Sons, NEW YORK.
 1986 Cuticular studies as an aid to plant taxonomy. *Bulletin of British Museum of Botany* 4(3): 1-78.

INTRODUCTION

DIAGNOSTIC VALUE OF SEED COAT IN ITALIAN TAXA OF THE GENUS *SINAPIS* AND *BRASSICA NIGRA**.

WALTER DE LEONARDIS & GIROLAMO FICHERA

Department of Botany, University of Catania, Italy

Received, 18-I-94.

ABSTRACT

The Authors examined with the stereomicroscope and scanning electron microscope the seeds of *Sinapis alba* ssp. *alba*, *S. arvensis*, *S. pubescens* and *Brassica nigra*.

Three species exhibited a reticulate seed coat which is more pronounced in the order *B. nigra* > *S. pubescens* > *S. arvensis*. The pattern is not present in *S. alba*.

The morphological characters of seed coat confirmed the systematic interpretation of FIORI & PAOLETTI (1896-1898) and represent a useful diagnostic feature in mustard seed adulteration.

Key words: Seed, *Sinapis*, *Brassica*, officinal.

RIASSUNTO

Gli AA. hanno esaminato con lo stereomicroscopio ed il microscopio elettronico a scansione i semi di *Sinapis alba* ssp. *alba*, *S. arvensis*, *S. pubescens* e *Brassica nigra*.

Tre specie hanno evidenziato un modello tegumentale reticolato più pronunciato nella direzione *B. nigra* > *S. pubescens* > *S. arvensis*. Il modello non è presente in *S. alba*.

I caratteri morfologici del tegumento hanno confermato l'interpretazione sistematica di FIORI & PAOLETTI (1896-1898) e rappresentano utili elementi di diagnosi nella sofisticazione dei semi delle senapi.

Parole chiave: Seme, *Sinapis*, *Brassica*, officinale.

* Study subsidized by M. U. R. S. T. (60%).

INTRODUCTION

THE officinal use of seeds of *S. alba* ssp. *alba*, *S. arvensis* and *B. nigra* was known at the time of Theophrastus (IV century BC) and has been the subject of numerous works (ANZALONE, 1989; BEIJERINK, 1947; BIAGI & SPERONI, 1988; DE CAPITE, 1984; GASTALDO, 1987; GARNIER, 1961; LECLERC, 1966; MAUGINI, 1973; TOMASELLI, 1974; TONZIG, 1941). There is no evidence suggesting the officinal use of *S. pubescens* seeds.

The seeds of *S. alba*, *S. pubescens* and *B. nigra* are widely used not only in the food industry but also for medicinal purposes due to their antiscorbutic, antineuronal and diuretic properties. Adulteration between the three species is frequent, and since the effects differ, botanical identification of these seeds is essential.

SCHULZ (1936) stated that the systematic placement of *Cruciferae* is highly complex and that the earliest classifications appear unrealistic in that they were based on few, often macroscopic characters while other features of considerable taxonomic value were neglected. CAUDA (1914), MUSIL (1948), BERGGREN (1960), VAUGHAN (1970), VAUGHAN & WHITEHOUSE (1971), CORNER (1976), MULLIGAN & BAILEY (1976), MATARESE PALMIERI (1990-1991) and BROCHMANN (1992) successfully use variations in seed coat to identify and classify taxa belonging to the *Brassica* tribe. DE CANDOLLE (1824) attributed the four taxa examined in this study to the genus *Sinapis*. FIORI & PAOLETTI (1896-1898) placed *S. alba* in the genus *Sinapis* and *B. pubescens*, *B. nigra*, *B. sinapistrum* (= *S. arvensis*) in the genus *Brassica*, while SCHULZ (1959) attributed *S. arvensis*, *S. pubescens* and *S. alba* to the genus *Sinapis* and *B. nigra* to the genus *Brassica* (Table I). The aim of this study was the characterization of the seeds of the four taxa examined in order to provide a useful diagnostic means in mustard seed adulteration as well as an evaluation of the taxonomic placement of each species.

MATERIALS AND METHODS

The material consisted of seeds collected from wild species and seeds collected from herbarium specimens. The specimens are deposited in the Catania herbarium (CAT).

Morphobiometric analysis of seeds was carried out using a Wild M8 stereomicroscope. For the SEM study, seeds and seed

TABLE I
Systematic interpretations of DE CANDOLLE (1824), FIORI & PAOLETTI (1896-1898)
and SCHULZ (1959) in *Sinapis* sp. and *Brassica nigra* in Italy

	Genus	Sect.	Species
DE CANDOLLE	<i>Sinapis</i> L.	<i>Melanosinapis</i> DC. <i>Ceratosinapis</i> DC. <i>Leucosinapis</i> DC.	<i>S. nigra</i> L. <i>S. pubescens</i> L. <i>S. arvensis</i> L. <i>S. alba</i> L.
	<i>Sinapis</i> (Tourn.) L. <i>Brassica</i> (Tourn.) L.	— <i>Melanosinapis</i> (Schimp. et Spenn.) <i>Ceratosinapis</i> (DC. sect. <i>Sinapis</i>)	<i>S. alba</i> L. <i>B. pubescens</i> (L.) Ard. <i>B. nigra</i> (L.) Koch <i>B. sinapistrum</i> Boiss.
	<i>Sinapis</i> L. <i>Brassica</i> L.	<i>Ceratosinapis</i> DC. <i>Eriosinapis</i> Coss. <i>Leucosinapis</i> DC. <i>Melanosinapis</i> (DC.) Boiss.	<i>S. arvensis</i> L. <i>S. pubescens</i> L. <i>S. alba</i> L. <i>B. nigra</i> (L.) Koch
FIORI & PAOLETTI			
SCHULZ			

sections obtained by crushing, were dehydrated in the alcohol series (50° , 90° , 100°) and gold coated for 90 sec. before being observed with a Philips 501 scanning electron microscope.

The terminology of seed morphological characters follows that of BERGGREN (1981), while nomenclature for the species follows the recent work of PIGNATTI (1982).

Specimens examined:

Sinapis alba L. ssp. *alba*: SA 1s Padova; SA 2s Casola Val-senio (FO); SA 3s Modena; SA 4s Palermo; SA 5s Genova; SA 6s Numana (AN); SA 7s Pisa; SA 8s Milano; SA 9s Lucca; SA 10s Catania.

S. arvensis L.: SAR 1s Mt. Corsaro (AN); SAR 2s Camporosso (IM); SAR 3s Siena; SAR 4s Modena; SAR 5s Palermo.

S. pubescens L.: SP 1s Palermo; SP 2s Catania; SP 3s Cagliari.

Brassica nigra (L.) Koch: BN 1s Modena; BN 2s Parma; BN 3s Lucca; BN 4s Montesicuro (AN); BN 5s Genova; BN 6s Firenze; BN 7s Palermo; BN 8s Molina (PI).

Abbreviations adopted:

SA: *S. alba* ssp. *alba*; SAR: *S. arvensis*; SP: *S. pubescens*; BN: *B. nigra*; 1s, 2s, etc.: seed specimens; DM: longest diameter; Wi: seed width; Le: seed length; Th: seed thickness.

RESULTS

Observation of the features given in Table II reveals characteristic tendencies at genus level. The symmetry of seeds in the *Sinapis* taxa is predominantly bilateral (89%). Bilateral seeds are less frequent (65%) in *B. nigra*, with an increase in radiosymmetrical seeds (35%).

The prevailing shape of seeds in *B. nigra* is elongate ellipsoidal (84%). This percentage diminishes in the *Sinapis* taxa (63%), while the number of compact ellipsoidal and spheroidal seeds increases.

The colour of seeds in the *Sinapis* taxa may vary from egg-yellow to various shades of brown and black, while seed colour in *B. nigra* is brown.

The size of seeds is smallest in *S. pubescens*, with average values increasing in the order *S. arvensis*, *B. nigra*, *S. alba* ssp. *alba* (Fig. 1).

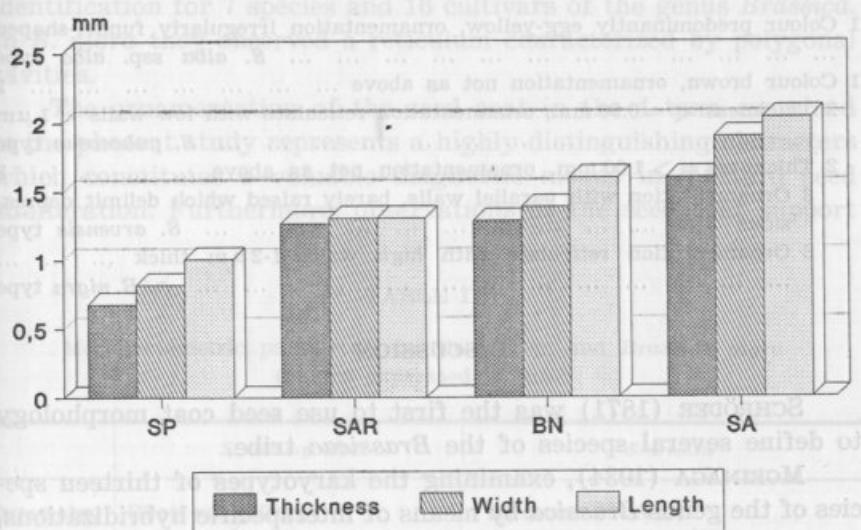


Fig. 1.—Size of seeds in *S. alba* ssp. *alba* (SA), *S. arvensis* (SAR), *S. pubescens* (SP) and *B. nigra* (BN).

The seeds coat exhibits four distinct morphotypes: *S. alba* ssp. *alba* type (Pl. I, figs. 1-4): cells delimit irregular funnel-shaped cavities with non-perforate base. Cross-sections show irregular layers which are indistinct and 70-100 μm wide.

S. arvensis type (Pl. II, figs. 1-4): cells tend to incline forming folds which are arranged in parallel rows along the longitudinal axis of the seed and delimit barely distinguishable depressions. Cross-sections show distinct uniform layers 36-40 μm thick.

S. pubescens type (Pl. III, figs. 1-5): reticulum with pits (dM 40-80 μm) having perforate base and provided with slightly raised thin walls formed of slightly longer cells. Cross-sections show irregular, indistinct layers.

B. nigra (Pl. IV, figs. 1-4): reticulum has finely perforate base with outline from circular to polygonal (dM 60-120 μm). Pits are delimited by prominent walls 1-2 μm thick. Cross-sections show distinct layers, 23-50 μm thick.

The colour, thickness and type of ornamentation of seeds of the four taxa represent distinguishing characters upon which a key to the morphotypes can be constructed:

- 1 Colour predominantly egg-yellow, ornamentation irregularly funnel-shaped *S. alba* ssp. *alba* type
- 1 Colour brown, ornamentation not as above 2
- 2 Thickness $<= 0.90$ mm, ornamentation reticulate with low walls $< 1 \mu\text{m}$ *S. pubescens* type
- 2 Thickness $= > 1.00$ mm, ornamentation not as above 3
- 3 Ornamentation with parallel walls, barely raised which delimit depressions *S. arvensis* type
- 3 Ornamentation reticulate with high walls $1-2 \mu\text{m}$ thick *B. nigra* type

DISCUSSION

SCHRÖDER (1871) was the first to use seed coat morphology to define several species of the *Brassicaceae* tribe.

MORINAGA (1934), examining the karyotypes of thirteen species of the genus *Brassica* by means of interspecific hybridizations, distinguished six groups: three comprised the parent species (among which *B. nigra*) having low chromosome number (8-10 n) and three the amphidiploid species with high chromosome number (17-19 n).

BERGGREN (1962), following the plan proposed by MORINAGA (1934), observed the seed coat of the parental and amphidiploid species. For *B. nigra* she reported low palisade cells in which height variations ranged from intermediate to marked, with consequent high reticulum. The lumina of the reticulum can measure $10 \mu\text{m}$ while the angular pits, not usually elongate, measure $70-150 \mu\text{m}$. In a more recent study, BERGGREN (1981) described the cavities in *B. nigra* as having a concave base while the low reticulum in *S. alba* and *S. arvensis* varied from indistinct to almost indistinguishable.

VAUGHAN & WHITEHOUSE (1971), observing the external morphology and anatomy of seeds in 90 genera and 200 species belonging to the *Cruciferae*, reported that few genera or species exhibited exclusive distinguishing characters; consequently the different structural types observed in the seeds did not justify the division of this family into tribes. They described a reticulate surface and spherical seed shape in seeds of *B. nigra*. Similarly,

they observed spherical seed shape in *S. alba* and *S. arvensis* whereas the seed surface was smooth in the former and finely-reticulate in the latter. BUTH & ARA (1981) proposed a key of identification for 7 species and 16 cultivars of the genus *Brassica*. In *B. nigra* they observed a reticulum characterized by polygonal cavities.

The ornamentation of the seed coat in the 4 taxa examined in the present study represents a highly distinguishing characters which constitutes a valuable diagnostic means in mustard seed adulteration. Furthermore, observations of the seed coat support

TABLE II

Morphobiometric parameters in *Sinapis* sp. and *Brassica nigra*
(values expressed in mm)

	<i>S. alba</i> ssp. <i>alba</i>	<i>S. arvensis</i>
Symmetry	Bilateral (92 %) radiosymmetric (6 %) asymmetric (2 %)	Bilateral (93,8 %) radiosymmetric (6,2 %)
Shape	Elongate ellipsoidal (89 %) spheroidal (9 %) irregular (2 %)	Spheroidal (37,2 %) compact ellipsoidal (32,8 %) elongate ellipsoidal (30 %)
Colour	Egg-yellow	Brown, black
Seed coat	Cavities funnel-shaped	Depressions barely defined
Size	Le 1,60(2,04)2,90 Wi 1,10(1,90)2,60 Th 1,00(1,60)2,60	Le 1,00(1,31)1,60 Wi 1,00(1,31)1,60 Th 1,00(1,27)1,60
	<i>S. pubescens</i>	<i>B. nigra</i>
Symmetry	Bilateral (80 %) radiosymmetric (20 %)	Bilateral (65 %) radiosymmetric (35 %)
Shape	Elongate ellipsoidal (87,8 %) spheroidal (11,8 %) compact ellipsoidal (1,1 %)	Largely elongate ellipsoidal (83 %) largely compact ellipsoidal (2 %) elongate ellipsoidal (1 %) spheroidal (14 %)
Colour	Brown	Brown
Seed coat	Reticulum with thin, slightly prominent walls	Reticulum with thick, prominent walls
Size	Le 0,70(1,01)1,20 Wi 0,70(0,82)1,10 Th 0,50(0,68)0,90	Le 0,80(1,55)2,60 Wi 0,50(1,24)2,10 Th 1,00(1,24)2,10

the systematic interpretation of FIORI & PAOLETTI (1896-1898) who placed *S. alba* in the genus *Sinapis* and within the genus *Brassica*: *B. nigra*, *B. pubescens* in sect. *Melanosinapis*, *B. sinapisstrum* (= *S. arvensis*) in sect. *Ceratosinapis* (Table I).

In fact, the seeds of *B. nigra*, *S. pubescens* and *S. arvensis* exhibit a reticulate ornamental pattern. In *B. nigra* (Pl. IV, figs. 3 and 4), ornamentation is reticulate with wide pits (dM 60-120 μm) provided with densely perforate base due to the spacing of the cell testa. Pits are delimited by prominent thick walls (1-2 μm) formed by the grouping of longer cells. Ornamentation in *S. pubescens* (Pl. III, figs. 3 and 5) closely resembles that of *B. nigra* (FOIRI & PAOLETTI place both species in the same section) and differs only for the narrower pits (dM 40-80 μm) and less prominent, thinner walls ($< 1 \mu\text{m}$) of the former. The sculpture pattern observed in *S. arvensis* (Pl. II, figs. 2 and 3) confirms the description of VAUGHAN & WHITEHOUSE (1971) of this species. It is characterized by cells which tend to incline forming folds arranged in parallel rows along the longitudinal axis of the seed. The cells delimit barely distinguishable depressions.

Finally, *S. alba* ssp. *alba* (Pl. I, figs. 2 and 3) totally lacks a reticulate pattern since cells delimit irregular funnel-shaped cavities with non-perforate base. Moreover, the predominant seed colour in this taxon is egg-yellow while seed colour in the remaining species varies from brown to black.

REFERENCES

- ANZALONE, B.
1989 *Botanica Farmaceutica*. Japadre, L'Aquila.
- BEIJERINCK, W.
1947 *Zadenatlas der Nederlandsche Flora*. Veeman & Zonen, Wageningen.
- BERGGREN, G.
1960 Seed characters of certain cultivated and wildgrowing *Brassica* and *Sinapis* species and the determination of these species on seed samples. *Proceedings of the International Seed Testing Association* 25(1): 229-233. Copenhagen.
- 1962 Reviews on the taxonomy of some species of the genus *Brassica*, based on their seeds. *Sv. Bot. Tidskr.* 56(1): 65-135.
- 1981 *Atlas of seed*. 3. Ed. Swedish Museum of Natural History, Stockholm.
- BIAGI, G. L. & SPERONI, E.
1988 *Farmacognosia*. Patron, Bologna.

- BROCHMANN, C.
1992 Pollen and seed morphology of Nordic *Draba* (Brassicaceae): phylogenetic and ecological implications. *Nord. J. Bot.* 12: 657-673.
- BUTH, G. M. & ARA, R.
1981 Seed coat anatomy of some cultivated brassicas. *Phytomorphology* 31: 69-78.
- CAUDA, A.
1914 Ricerche morfologiche sui semi di alcune specie dei generi *Brassica* e *Sinapis*. *Nuovo Gior. Bot. Ital.* n. s. 21: 279-303.
- CORNER, E. J. H.
1976 *The seeds of dicotyledons*. Cambridge Univ. Press, Cambridge.
- DE CANDOLLE, A. P.
1824 *Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis*. 1: 131-236. Paris.
- DE CAPITE, L.
1984 *Botanica Farmaceutica*. Galeno, Perugia.
- FIORI & PAOLETTI, A.
1896-1898 *Flora Analitica d'Italia*. Padova 1: 1-607.
- GARNIER, G.
1961 *Ressources médicinales de la flore française*. Vigot Frères, Paris.
- GASTALDO, P.
1987 *Compendio della Flora officinale italiana*. Piccin Nuova Libraria, Padova.
- LECLERC, H.
1966 *Precis de phytotherapy thérapeutique par les plantes françaises*, Massonet, Paris.
- MATARESE PALMIÉRI, R.
1990-1991 The structure of the testa of some *Brassicaceae*. *Boll. Soc. Adriat. Sc.* 22(1): 81-89.
- MAUGINI, E.
1973 *Botanica Farmaceutica*. Cusf, Firenze.
- Morinaga, T.
1934 Interspecific hybridization in *Brassica* VI. The cytology of F1 hybrids of *B. juncea* and *B. nigra*. *Cytologia* 6: 66.
- MULLIGAN, G. A. & BAILEY, L. G.
1976 Seed coat of some *Brassica* and *Sinapis* weedy and cultivated in Canada. *Eco. Bot.* 30: 143-148.
- MUSIL, A. F.
1948 Distinguishing the species of *Brassica* by their seed. *U. S. Dept. Agr. Miscell. publ.* no. 643: 1-35. Washington, D. C.
- PIGNATTI, S.
1982 *Flora d'Italia*. Edagricole, Bologna.
- SCHRÖDER, J.
1871 Untersuchung der Samen der *Brassica*-Arten und Varietaten. *Die Lantw. Versuchs-Stationen* Bd. 14: 179-194.
- SCHULZ, O. E.
1936 *Cruciferae*. In: A. ENGLER und K. PRANTL (eds.) *Die natürlichen Pflanzenfamilien* 2. Aufl. 17b: 227-658.

- 1959 *Cruciferae-Brassicaceae*. In: A. ENGLER (ed.) *Das Pflanzenreich. Regni vegetabilis conspectus IV*. 105: 1-290.

TOMASELLI, R.
 1974 *Botanica Farmaceutica*. Libreria Internazionale Garzanti, Pavia.

TONZIG, S.
 1941 *Botanica Farmaceutica e Veterinaria*. La Grafolito, Bologna.

VAUGHAN, J. G.
 1970 *The structure and utilization of Oil Seeds*. London, U. K.

VAUGHAN, J. G. & WHITEHOUSE, J. M.
 1971 Seed structure and the taxonomy of the *Cruciferae*. *Bot. J. Linn. Soc.* **64**: 383-409.

11 MAY 1970

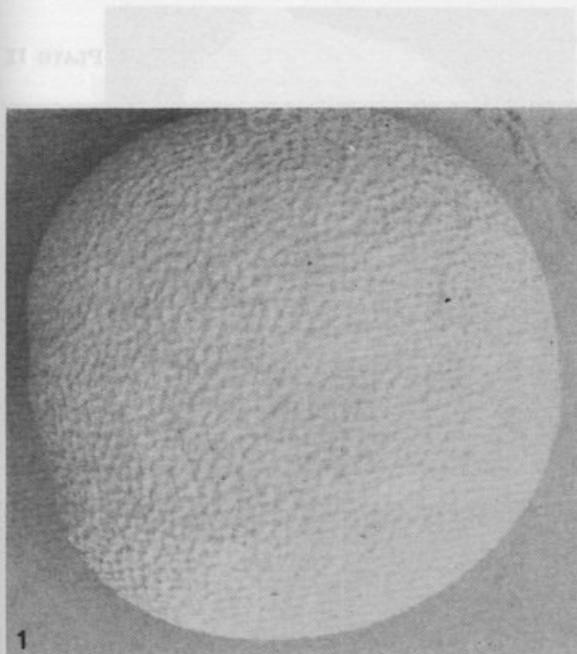


PLATE I

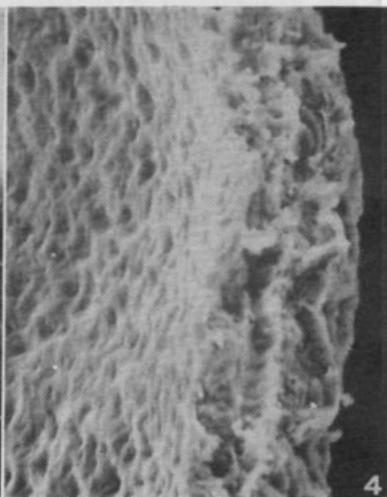
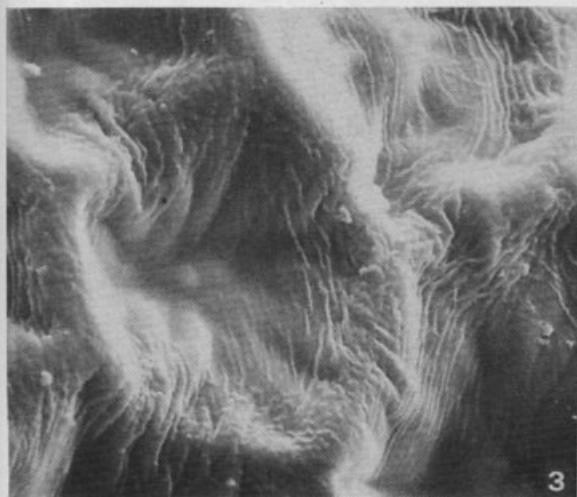
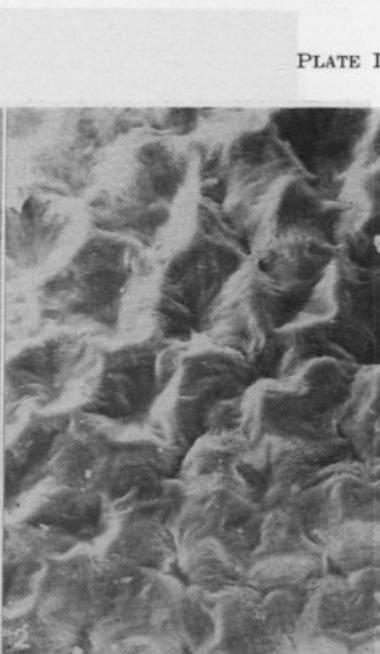


Fig. 1.—*S. alba* ssp. *alba*: whole seed ($\times 35$). Figs. 2-3.—Ornamentation funnel-shaped ($\times 250$; $\times 500$). Fig. 4.—Section ($\times 600$).



Fig. 1.—*S. pubescens*: whole seed ($\times 75$; $\times 35$). Figs. 2, 3.—Ornamentation reticulate with pits delimited by slightly raised walls < 1 μm thick ($\times 250$; $\times 500$). Fig. 4.—Section ($\times 1200$).